BARCARENA CIDADE-OBRA

cartografia de uma cidade entontecida

Sebastião de Jesus Cardoso

Atena Editora
Ano 2024

BARCARENA CIDADE-OBRA

cartografia de uma cidade entontecida

Sebastião de Jesus Cardoso

Atena Editora
Ano 2024

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Ellen Andressa Kubisty
Luiza Alves Batista
Nataly Evilin Gayde
Thamires Camili Gayde
Imagem da capa
"Caóide n9", por
Sebastião de Jesus Cardoso
Edição de arte
Luiza Alves Batista

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Barcarena cidade-obra: cartografia de uma cidade entontecida

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Jeniffer dos Santos
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Sebastião de Jesus Cardoso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C268 Cardoso, Sebastião de Jesus
Barcarena cidade-obra: cartografia de uma cidade entontecida / Sebastião de Jesus Cardoso. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-2997-5
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.975240411

1. Barcarena/PA - Cartografia. I. Cardoso, Sebastião de Jesus. II. Título.

CDD 918.115

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

Para fins desta declaração, o termo 'autor' será utilizado de forma neutra, sem distinção de gênero ou número, salvo indicação em contrário. Da mesma forma, o termo 'obra' refere-se a qualquer versão ou formato da criação literária, incluindo, mas não se limitando a artigos, e-books, conteúdos on-line, acesso aberto, impressos e/ou comercializados, independentemente do número de títulos ou volumes. O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação à obra publicada; 2. Declara que participou ativamente da elaboração da obra, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final da obra para submissão; 3. Certifica que a obra publicada está completamente isenta de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação da obra publicada, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. A editora pode disponibilizar a obra em seu site ou aplicativo, e o autor também pode fazê-lo por seus próprios meios. Este direito se aplica apenas nos casos em que a obra não estiver sendo comercializada por meio de livrarias, distribuidores ou plataformas parceiras. Quando a obra for comercializada, o repasse dos direitos autorais ao autor será de 30% do valor da capa de cada exemplar vendido; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), a editora não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como quaisquer outros dados dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial ao Professor Doutor Luizan Pinheiro, orientador desta pesquisa, pelas leituras e discussões teóricas, além da amizade, convivência, conselhos, conversas nos bares ao longo do processo desta pesquisa.

Agradeço aos professores do PPGARTES da UFPA: Dr. Afonso Medeiros, Dr. Cesário Pimentel, Dr. Edison Farias, Dr. Luizan Pinheiro, Dr. Orlando Maneschy e Dr. Ubiraélcio Malheiros, pelas aulas durante o curso.

A Profa. Dra. Josenilda Maués pela contribuição no encaminhamento metodológico da pesquisa.

Ao mestre e amigo Dr. Neder Charone pelo incentivo a esta empreitada.

Meu agradecimento aos funcionários do Instituto de Ciências da Arte da UFPA durante o período de realização desta pesquisa, especialmente a Wânia Oliveira Contente pelo esforço e presteza que dedicou à turma de 2010 da qual fiz parte.

Agradeço a minha esposa, Eldilene Martins Coutinho Cardoso pela paciência e incentivo durante o período de produção entontecida desta pesquisa ao longo dos dias e noites.

Aos amigos pela ajuda durante o mestrado: Jacobson Estumano, Celeste Machado, Braulino Poça, Antonio Tavares da Conceição, Cledi Leoti, Augusto Albuquerque, Fábio Moraes, Luiz Tavares e a minha corretora Ma. Marcia Souza Pinheiro.

Agradeço pela minha vida e os novos amigos e colegas conquistados no mestrado.

Para minha mãe, Dacila de Jesus Cardoso e meu pai (*in memoriam)* Amancio de Jesus Cardoso pela arte na veia.

E a cidade de Barcarena.

Eis que se está diante de um modus operandi que produz a circulação de novas intensidades experimentáveis, aberturas e cortes que se inscrevem nesse corpo-obra-forma da cidade. E que se faça passar pelas aberturas o que requer o desordenar, o desfigurar dos mecanismos agenciados, desde a lógica redutora. Infinito reduzir, estender, esgarçar ao máximo.

Luizan Pinheiro, no texto CIDADE-OBRA: instalação de um Corpo sem Órgãos no livro Interfaces: desejos e hibridizações na arte.

APRESENTAÇÃO

Bem-vindo à Cidade-obra! Sinta-se à vontade para explorar os platôs ondulantes que emergem da História, imagem e estética desta fascinante cartografia de Barcarena. Aqui, a cidade é uma obra de arte, uma construção urbanística e estética em contínuo fluxo.

Convido você a vivenciar uma experiência contemporânea, onde a exposição da cidade estetizada provoca a mente e desperta uma sensação de embriaguez, como se caminhássemos por cartografias imanentes expressas na escrita.

Este projeto foi possibilitado pela captura de sensações, percepções e afetos de mudanças tênues, que se dissipam como rizomas no pensamento inscrito nas bordas e limites abertos deste objeto-urbano em fluxo no espaço e tempo.

A cidade-obra é uma construção perceptiva e teórica da dinâmica urbana, através de um olhar crítico, artístico, filosófico e relacional. Formado pelo rizoma entre arte, cidade e pensamento, define o ser urbano como uma obra de arte. As cidades, com suas linhas e formas, são seres vivos, potentes e acolhedores, técnicas e ápices da cultura.

A cidade possui um caráter artístico inerente, contendo o germe da associação, da engrenagem econômico-política e social, vivendo para compor rizomas e conectar-se a novas direções em linhas suaves e texturizadas. As obras de arte se abrem por meio de conexões mentais, atualizando-se através de circuitos sinápticos no momento da fruição. Assim, a cidade-obra surge da percepção visual de mudanças sutis capturadas na cidade real através do pensamento estético.

Este fazer artístico só foi possível pela compreensão do movimento de atualização dos espaços quase sempre ignorados. O corpo de Barcarena evoca as formas geométricas de Mondrian; suas ruas desordenadas remetem às trilhas onduladas de Pollock; e as paisagens urbanas evoluem em paralelo com as experiências impressionistas de Monet.

Barcarena Cidade-obra é uma cartografia entontecida da cidade dobrada sobre si para produzir a cidade-outra, agora feita obra de arte em pleno devir. Onde o entontecido é um conceito que emerge do corpo da cidade, refletindo como a arte se manifesta em blocos de sensações e devires imperceptíveis em constante fuga.

Portanto, nesse sentido, a cidade real é um platô imanente da arte e, por isso, contém nela essa dimensão estética, entontecedora dos sentidos e pensamentos, por ser um recorte do caos feito pintura. Assim, está erguida a arquitetura e o urbanismo tonto desta obra de arte conceitual-experimental, rizoma barcarenense em fluxo, devir-urbano caósmico.

Sebastião de Jesus Cardoso

RESUMO

Este trabalho se constitui em uma leitura artístico-estético-crítica da cidade de Barcarena na busca de uma compreensão do seu espaço urbano. Ela se vale de três momentos: a cidade histórica, a cidade imagem e a cidade estética, buscando em uma leitura com Mumford,Argan, Guimarães, Lynch, Rossi, Deleuze,Guattari, Calvino o modo como ela se instaura na história.Esta leitura aponta como essa urbe se encontra hoje, mas ao mesmo tempo do que projeta no modo específico de vê-la daí a ideia de uma cartografia de seus espaços numa escritura entontecida.
PALAVRAS-CHAVE: Barcarena; Entontecida; Cidade-Obra.

ABSTRACT

This work composes on an artistic, aesthetic and critic reading about Barcarena. It looks for a comprehension of its urban area. It is divided into three moments: The Historical city, the image city and the aesthetic city, searching in a reading with Mumford, Argan, Guimarães, Lynch, Rossi, Deleuze, Guattari and Calvino, the way it is established in History. This reading shows how this city is today, at the same time that it is projected on a specific way to see it. Therefore, the idea of a cartography of its areas on an entontecida writing.
KEYWORDS: Barcarena; Entontecida; City-Work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **1**

1 CIDADE: CONSTRUÇÃO NO FLUXO HISTÓRICO **13**

1.1 – Fundação de Barcarena. 17

1.2 – Do povoado aos litos-metálicos da cidade. 28

1.3. Cidade-corpo. 38

1.4. O valor estético da cidade. 43

1.5 – O Deslocamento: 56

2 BARCARENA IMAGEM: SENSAÇÃO **58**

2.1 – Cidade-imagem: Perceptos e afectos cristalizados. 62

2.2 – Imagem-embriagada: O fora da urbe 65

2.3 – Devir-rua: Para um devir-urbano... 67

2.4 – Desmonte ao infinito: Imagem entontecida. 74

2.5 – Cidade-imagem: Emanações em fluxo... 77

2.6 - A intensiva vila manteiga. 82

2.7 - Orla-entontecida. 85

2.8 – Corpo-entontecido em fuga. 87

2.9 – Devir-corpo: Imagens-dobras. 88

2.10 – Dobra-cristalizada. 92

2.11 – Imagens latentes: Barcarena dança. 95

2.12 – Imagem-lisa: Cidades camufladas. 98

2.13 - Imagem-rizoma: Devir-ponte. 99

2.14 – Imagens: Uma fuga 101

2.15 – Imagem-fala. 103

3 BARCARENA FLUXO **106**

3.1 - Fluxo louco. 109

3.2 – Devir-mulher: A cidade. 110

3.3 – Devires-moleculares. 111

3.4 – Cidade: Conexão-contínua. 113

3.5 – O entontecido corpo sem órgãos. 114

3.6 – O devir-urbano: Na velocidade do pensamento entontecido..................119

3.7 - Cidade-obra: No plano de intensidade. 122

CONSIDERAÇÕES EM FLUXO... 129

REFERÊNCIAS 133

SOBRE O AUTOR 137

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir da necessidade crescente de se estudar a pressuposta dinâmica da cidade de Barcarena como acontecimento estético agenciado por teorias que permitissem analisar os fluxos citadinos de maneira mais diferenciada e profunda. E, consequentemente, procurando a todo o momento revelar um pensamento outro a fim de apresentar o meio urbano como *fato artístico* emanado da armadura citadina. Desta maneira, este pensamento é a conscientização matérica da cidade-ser, objeto tangível feito obra, construção humana, que por sua vez, têm introjetado em seus bairros, quarteirões, ruas, praças, casas, enfim, no seu corpo; uma dimensão imanente de arte.

A relevância de se expor a tessitura da cartografia histórica e estética do município através do olhar perceptivo contínuo dos seus fatos urbanos entontecidos[1], e dado que a função não é menos e nem mais importante do que individualidade. O local, a memória e a imagem ou o desenho da cidade; no caso de Barcarena, trata-se de uma preocupação no sentido de retirar dela o enfoque das questões funcionalistas econômicas e industriais.

A fim de demonstrar que a função urbana extrapola as condições econômico-industriais, por estar além desse problema de classificação identitária, ressaltando antes o seu devir, pois, “[...] o devir nunca tem um ritmo ou um andamento linear, não corresponde a nenhum esquema, ou padrão, a *priori*. Não é certamente a lógica da história, mas a desordem dos eventos que se reflete na realidade urbana herdada do passado”[2]. Identificá-las é conceituar apenas parte, enquanto o todo é muito mais complexo do que somente o estrato funcional.

O objetivo desta investigação é propor uma nova perspectiva de leitura das paisagens urbanas por meio da apreensão estética do meio barcarenense visto como entontecido, a fim de promover um olhar subjetivo do cotidiano do corpo da cidade em construção. Configurando-a em espaço de favorecimento dos fenômenos artísticos, possibilitados pelos olhares a recortar do caos da urbe a experiência estético-urbana composta na imagem mental de quem está a observá-la.

Este *modus* entontecido de percepção da cidade em imagens-cristalizadas a partir do contato direto com a urbe anotando em pequenos cadernos, criando microtextos interligados as teorias previamente estudadas para viabilizar a pesquisa. Os acontecimentos eram cenas, episódios cotidianos ocorridos no espaço urbano, capturados através de fotografias de dia ou noite dos espaços citadinos, como: becos, esgotos, calçadas, muros, paredes,

1 O **entontecido** é a percepção de Barcarena aludindo à lógica da embriaguez dionisíaca dos acontecimentos urbanos captados em blocos de sensação: *perceptos* e *afectos deleuzianos* através das imagens cristalizadas do fluxo de atualização caótico da cidade em que tudo se funde: o urbano, o arquitetônico, o artístico, o estético, o histórico, o crítico, o humano armado numa visão outra (entontecida) cartografada em forma de texto como linha de fuga rumo ao devir--molecular. Trata-se de uma visão estética da cidade armada diante dos vários transtornos históricos que o município sofreu no espaço-tempo. Então, o entontecido constitui-se nessa leitura artístico- estético-crítica por meio dos recortes imagéticos da urbe, ele é bloco de sensação emanado do corpo urbano para constituir uma cidade-obra, conceitual.
2 ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte Como História da Cidade**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 75.

casas, ruas, praças, praias, igarapés, bairros, pizzarias, bares, mercearias, supermercados, bancos, escolas, pessoas, cães, gatos e ratos.

Andar pela urbe a observar as paisagens urbanas no momento em que se ia percorrendo as ruas de bicicleta, a fim de que, a sensibilidade captasse a atualização do corpo da urbe em blocos de sensação, mediante, o simples atrito do pneu da *bike* no asfalto na velocidade incrível do pensamento a recortar o espaço-temporal, em que houve o drible e captura da imagem urbana. É que a cidade foi cartografada, mapeada em forma de perceptos e afectos para se tornar conceito entontecido e transformar-se num modo outro de ver a dimensão caótico-estética da *city*.

Este fato ocorreu no instante em que o olhar cristalizou a imagem da cidade em atual e virtual e criou-se na mente uma imagem-dobra no plano de imanência de quem a observava, lugar mental onde a urbe surgiu como concepto-entontecido, intensidade estética da imanência urbana. Desta maneira, a cidade foi experimentada esteticamente através da captura de sua visualidade em fluxo.

Isso é possível porque o autor é um Corpo sem Órgãos e a escritura é a passagem de intensidades entontecidas como fluxo urbano em forma de blocos de sensações: perceptos e afectos pelo seu plano de imanência. A ideia é levar o leitor ao estado de não respiração, devido à forma da escritura se comportar em função da pontuação desmedida e da fusão e atravessamento de conceitos de maneira proposital e consciente. O autor e a cidade estão entontecidos com a escritura mantida com essa dificuldade de respirar, até ficar tonto, junto em bloco de texto, bloco de sensação formando a urbe entontecida.

Esta visão insere Barcarena no âmbito do pensamento estético de objeto artístico cartográfico. Mapas visando à penetração no fluxo urbano por meio dos estágios de aldeamento e vilarejo ao industrial demonstrando às alterações estruturais urbano-arquitetônicas no corpo da cidade durante o fluxo no espaço-tempo.

Em nível de entendimento sobre o valor de subjetivação de Barcarena, no que diz respeito aos seus fatos urbanos de constituição e conformação do seu corpo, enfatiza-se num primeiro momento, a organização e a disposição geral da cidade em detrimento da sua função tipificada, pertencente às lógicas pragmáticas de cidade industrial, a fim de destacar da cidade aspectos outros da dimensão urbana. Esta determinação é somente para não se cometer o erro de vincular os monumentos, a arquitetura e os cidadãos a fatos que "não nos dizem nada"[3]. A pretensão é livrar o meio urbano da visão utilitarista e expor outro aspecto estético da cidade: o entontecido de modo que até os tijolos possam ser ou dizer alguma coisa.

Trata-se de outra abordagem do pensamento estético sobre a cidade, em que aos poucos se vai penetrando, descrevendo-a feito acontecimento-arte, inscrito em "três cidades": *Barcarena: construção no fluxo Histórico*: *Barcarena: imagem: sensação* e *Barcarena Fluxo*. É a libertação de algo imanente preso nas paredes e chãos dos

3 ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 32.

constructos urbanos. De modo que o *ente* artístico, mesmo em movimento, não possa ser apagado e, por isso, é permanente, ou seja, faz parte da dimensão corpórea da cidade, por este motivo, até um tijolo pode ser e dizer muito sobre a urbe.

Esta investigação não é para falar do município de Barcarena somente enquanto cidade, mas para concebê-la como Cidade-Obra[4] constituída através da inserção do pensamento deleuziano que a toma como objeto de contemplação muito além de sua funcionalidade. Neste sentido, procura-se "instituir", outro valor, dotado de potência artística de blocos de sensação: *perceptos* e *afectos*[5]. Trata-se de elevar o conhecimento estético para liberar um Corpo sem Órgãos[6], força oposta a alguns conjuntos de organismos políticos e econômicos que anulam o desenvolvimento urbano da cidade. Pois ela tornou-se refém da desestetização do ambiente, em função de uma padronização desconexa e antifuncional provocados direta ou indiretamente pela industrialização, displicência politica e fluxos migratórios do processo de favelização, o qual desarruma formalmente a visualidade do lugar.

O descontrole formal intensificou-se somado a inexistência de preocupação visual com as paisagens urbanas do centro e periferias da cidade, por causa disso, reflexões críticas a este respeito foram feitas agenciadas com outras visões, como: Deleuze, Guattari, Nietzsche, Mumford, Lynch, Rossi, Argan, Guimarães e outros, armados em planos de imanência, visando sustentar este ponto de vista de desordem dos espaços barcarenenses. Sendo que a cidade, aludindo a Mumford (1961) deveria ser um lugar propício à produção da arte.

Este modo de perceber Barcarena por meio do pensamento subtraído das suas edificações urbanas possibilita o desvelamento de sua condição de obra imanada na constituição corpórea dela. Uma vez que se discorre sobre reflexões teóricas que permitem a percepção da cidade como obra de arte monumental seguindo pistas do método cartográfico[7] deleuziano, como linha de fuga epistemológica para possibilitar esta visão artística da cidade em fluxo.

A cidade de Barcarena é constituída por fragmentos urbanos, ou seja, os bairros, vilas, ilhas são afastados uns dos outros e, com isso, a sensação visual do corpo do município é a de fragmentação dos espaços. Contudo, a conexão do corpo urbano é realizada pelos rios, igarapés, pontes e rodovia de integração, então, o meio urbano

---

4 A **Cidade-Obra** é uma dobra da imanência urbana a percorrer veloz o plano de imanência, ela existe como imagem do pensamento na forma estética intensiva. Deste modo, Barcarena atual, perceptível em blocos de sensação cristalizados pelos contatos visuais com as paisagens urbanas, abre a possibilidade de experimentação de ter suas imagens: *perceptos* e *afectos* dobradas em *concepto*, o qual revela a cidade imanente dobrada em forma conceitual de devir ao infinito. Portanto, a Cidade-Obra é o devir-urbano ao infinito daquilo que sobrou do desmonte da urbe atual em intensidade a pulsar nos planos de imanência, que logo, se tornou dobra de Barcarena em forma de conceito como afirmação do vazio para que a cidade se torne energia entontecida em fluxo no pensamento e para os pensamentos.

5 DELEUZE; GUATTARI. **O Que é Filosofia?**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 213.

6 DELEUZE; GUATTARI. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. - São Paulo: Ed. 34. 1997. V. 3, p. 9.

7 PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **PISTAS DO MÉTODO DA CARTOGRAFIA: pesquisa intervenção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

barcarenense já é em si, uma cartografia, formada por bairros, como: Vila do Conde, Vila São Francisco, Vila Itupanema, Vila do Laranjal, Vila dos Cabanos, Barcarena-Sede, que formam os mapas da urbe.

Diante disso, esta pesquisa artístico-estético-crítica realizada através da percepção imagética destes espaços consegue na escritura criar cartografias por meio da visão destes locais barcarenenses em forma de *perceptos e afectos*, blocos de sensação, imagens cristalizadas das paisagens urbanas, referentes a relatos, poesias, citações bibliográficas, de modo que o olhar do autor entontecido, feito pensamento estético sobre a cidade, também se torna uma imagem conceitual a perambular pelas fendas destes bairros, vilas desvelando intensidades entontecedoras da imanência urbana. Desta maneira, a escritura em si realiza a conexão com estes platôs citadinos, ou melhor, o texto em si é a conexão dos planos de intensidades com a cidade seguindo pistas do método cartográfico deleuziano.

> O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificação constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação[8].

Assim, também funciona a cidade feito mapa, ela está aberta as conexões, as modificações, as montagens e desmontagens. As urbes são objetos de meditação intelectual, tornam-se conceitos, em vista deste aspecto, Barcarena pode ser compreendida pelos seus atrativos estéticos por meio de suas paisagens urbanas, imagens que contam a história dos mapas que a compõe, isto é, suas vilas, bairros, ruas, prédios, cantos, favelas, tudo isso, percebido nela mesmo, no seu corpo entontecido durante o fluxo no espaço-tempo.

O texto constitui-se em uma cartografia estética da cidade de Barcarena porque permite a leitura-nômade dos espaços barcarenenses, pois, às vezes a percepção está em Vila do conde, depois em Vila de São Francisco, em seguida em Vila dos Cabanos, mais tarde em Barcarena-Sede, indo mais longe até chegar a um banco de praça, e seguindo a linha de fuga alcança um cachorro. Em fim, a visão da cidade inscrita revela a urbe cartografada por estes episódios cristalizados em imagens agora em forma de escritura entontecida.

Mediante isso, o pensamento de Lewis Mumford se tornou o alicerce, as bases para a construção de Barcarena na História, desde seus primeiros núcleos embrionários de aldeamento e missões religiosas de Mortiguara e Gibirié[9] até o estabelecimento das freguesias ou vilarejos nas cercanias de Belém. As origens, as transformações e

8 DELEUZE; GUATTARI. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Coordenação da Tradução Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. V.1, p. 22.

9 A aldeia de Mortiguara é a atual Vila do Conde e Gibirié corresponde atualmente a Vila de São Francisco, ambas foram missões religiosas jesuíticas durante o século XVII e eram utilizadas para catequizar e educar a população nativa e, também, cumprir os interesses de Portugal na época em conseguir, através da população aldeada as drogas do sertão, além do sustento de colonos e religiosos nestes espaços coloniais por meio da domesticação dos índios.

perspectivas barcarenenses ganharam substância teórica através do nosso contato com as ideias mumfordianas em A Cidade na História, em que o historiador vem “*montando*” o meio urbano através dos processos do aparecimento do fenômeno da *pólis* em simbiose com a evolução técnica da sociedade, o espaço do acontecimento humano e estético por excelência onde vida e arte possuem o monumental palco das dramatizações da existência social. Em vista disso, as concepções do fluxo de Barcarena se inscrevem nessa lógica de cidade-construção, de maneira a revelar aos olhos suas paisagens dotadas de temperatura complexa marcante, graças às primeiras estruturações urbanísticas manifestas na forma de aldeia, vila e em seguida cidade.

O encontro com a cultura da cidade, ou melhor, da estética histórica de Mumford foi decisivo para a percepção do Município de Barcarena sob a perspectiva da arte. Abriu novas visões teóricas de apreensão da cidade “travestida” em arte, enquanto monumento em atualização da estrutura, corpo urbano imanente de potencial *ontologia artística* presente nas ruas, praças, templos, prédios, casas, cantos, quarteirões, ocupações, praias, igarapés, furos, pessoas, veículos, animais, na composição espacial e formal das paisagens urbanas.

As marcantes fragmentações, desestetizações das imagens do meio urbano barcarenense provocaram o entrelaçamento desta pesquisa com as preocupações imagéticas de organização e simplificação dos espaços das cidades vistos em Kevin Lynch por meio de suas ideias manifestas no seu, Imagem da Cidade, no qual o autor discorre sobre a preocupação fisionômica e o ordenamento dos espaços das cidades, partindo do pressuposto de que se as faces das urbes teriam ou não importância, e se tiverem, cogitando-se modificá-las. Motivado por este ponto de vista do *design* urbano lynchiano, dos panoramas citadinos que apresentam as cidades pelos seus aspectos estéticos, no sentido de serem tomados em nível de contemplação imagética do espaço urbano, são relevantes como cristalizações para se explicar Barcarena, a partir de suas particularidades estéticas de cidade amazônica ribeirinha.

“A cidade como uma grande representação da condição humana”[10] onde os laços, as paixões, a perpetuação da espécie encontram proteção e seus desalentos nas estruturações arquitetônicas mensuradas por Rossi (2001), é a substância formal para análises do corpo urbano de Barcarena feito pátria dos barcarenenses, este mesmo corpo, registros históricos e imagéticos documentais da aventura do cidadão desta urbe; estas marcas arquiteturais ribeirinhas são exemplos da construção do município tomado nesta investigação a partir de seus vários momentos constitutivos através da visão artística.

O encadeamento com a estética urbana sob a marca metodológica cartográfica deleuzoguattariana como proposta de restauração da cidade subjetiva, (cidade-obra), aparece articulada aos problemas dos meios urbanos. Temos assim, os traumas urbanos vivenciados em Barcarena atual: urbano e estéticos abre a possibilidade de discussão

10 ROSSI, Aldo, 2001, p. 23.

sobre a espacialidade municipal através de mapas imagéticos do espaço de toque e choque dessas questões.

Somado a este drama urbanístico barcarenense, a presença do pensamento de Deleuze (1992) é uma ferramenta indispensável para recortar das dimensões urbanas fragmentos do caos da cidade, a fim de articular a arte imanente no solo citadino como blocos de sensação por meio das imagens. Em princípio, as utilizações dos entendimentos deleuzianos aparecem com maior ênfase na segunda e terceira e ultima parte da pesquisa, no momento em que Barcarena passa a ser inserida numa lógica da cidade cristalizada nas imagens, dobra da imanência para a instalação da Cidade-Obra, sustentada por uma postura estética fomentada no repertório de Deleuze, Guattari, Mumford, Argan, Lynch, Rossi e outros pensadores comungantes da mesma concepção de cidade.

A pretensão não é contar a história do município, mas a ereção do corpo urbano feito obra complexa admitida dos encontros promovidos pelos atravessamentos teóricos de campos diversos do conhecimento que embasa as dimensões urbanas, feito arte. Contudo, tendo a preocupação de conceber o próprio espaço, elemento primário para a construção das coisas sensíveis, a ponto de dizer da cidade, "como estrutura especial, dirigida no sentido de oportunidades diferenciadas para uma vida comum e um drama coletivo significativo."[11] O lugar das dramatizações das estetizações da própria vivência do ser urbano barcarenense em busca das chances distintas oferecidas pela cidade, além destes acréscimos descritos por Mumford (1961), vislumbra-se o meio urbano e os acontecimentos nele, sob a ótica da cidade poder ser interpretada em seus aspectos legíveis, imagéticos, arquitetônicos e urbanos, também como fatos repletos de força artística.

Para sair do caos barcarenense tornou-se oportuno passar por ele e, segmentá-lo artisticamente através de recortes intensivos da urbe ao longo do fluxo no espaço-tempo caótico; no início na história, para torná-la matérica, em seguida imagem cristalizada para emanar a própria vida urbana e, por último, em fluxo, feito ilhas desertas, horizontes fugidios, um devir, seguindo essas linhas lisas de fuga, numa atitude metodológica cartográfica para estabelecer um ponto de vista coerente com os problemas existentes no corpo da cidade, numa visão nômade entontecida sobre vários pontos da urbe de maneira desterritorializada para realizar outras conexões com os devires dessa *city*. Sendo assim, este ponto de vista traz uma armadura qualitativa da pesquisa, para dar maior sustentação e liberdade às discussões que abrangem o plano sócio-estético e político-econômico da própria cidade.

Quanto ao conteúdo, se deu pelo levantamento bibliográfico e documental, lançando-se mão de livros, jornais, sites, imagens e o próprio meio urbano como documento fenomênico, o testemunho histórico capaz de "transmitir de geração a geração uma cultura complexa"[12]. Isso foi tratado com importância no processo de construção dessa análise

11 MUMFORD, Lewis. **A Cultura das Cidades**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1961, p. 495.
12 Idem. **A Cidade na História**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 678.

artístico-estético-crítica ao se tomar a própria cidade enquanto documento histórico e estético.

BARCARENA: CONSTRUÇÃO NO FLUXO HISTÓRICO

Seguindo essa pulsação, o primeiro capítulo consiste em uma análise dos vários processos pelos quais Barcarena passou durante o fluxo histórico, revelando os diversos estágios característicos de construção e as causas das transformações provocadas pela dinâmica do meio urbano advindo da aldeia à cidade. Os problemas urbanos ganharam intensidade durante os percursos de transformação da *city*, pois, a cada alteração efetuada houve um impacto no município, de modo que, existe uma relação direta entre a oscilação temporal e o corpo da urbe.

Nesse momento, descreve-se a cidade na história ressaltando a construção formal e aspectos sociais, culturais, políticos e econômicas que vão culminar no aparecimento ou construção de uma nova cidade: a atual Barcarena-Sede e, em seguida, Vila dos Cabanos. E, deixando as marcas, o resultado das intervenções negativas e positivas no meio urbano, relacionado ao processo de relação de devir-cidade, ou seja, do processo de construção. No entanto, não há a pretensão de dar conta de todos os fenômenos ocorridos durante o desenvolvimento do município, mas apenas tomar recortes, mapas que permitam analisar os problemas de ordem estética sobre a formação do corpo do município de Barcarena.

Assim, a busca do conhecimento histórico do município nesse primeiro capítulo visa esclarecer pontos da cidade das dimensões: urbana e estética em relação à dinâmica na linha do tempo, visto que, o trauma urbano foi intensificado quando o complexo industrial foi instalado na Vila do Conde. Ocasionando desterritorializações de moradores dessa área e a reterritorialização dos mesmos em outras regiões da cidade, este fato originou outros bairros ou vilas como foi o caso do Cafezal e periferias.

BARCARENA IMAGEM: SENSAÇÃO

No segundo capítulo busca-se a constituição de Barcarena imagem através dos *afectos* e *perceptos*, fenômeno estético de registro marcado pela dinâmica do município ao longo das transformações no espaço-tempo da construção da visualidade. Através do olhar projetado sobre a cidade por meio dos recortes de suas paisagens urbanas, imagens-cristais, atual e virtual com referência documental da impressão ou falta de impressão dos acontecimentos na *pólis*, neste momento a cidade torna-se “imagem refletida no cristal”, no plano de intensidade (o pensamento esteta) que a torna conceito, alusão de cidade-imagem deleuziana construída pelos *perceptos* e *afectos*, isto é, os blocos de sensação captados pelas micropercepções do contato com a urbe.

Nesse capítulo a cidade torna-se imagem-dobra puramente estética constituindo-se da aparência do processo de urbanização atual. Tornando-se possível graças ao entendimento do surgimento da Cidade-Obra prefigurada nas imagens-cristais, emanada

de Barcarena atual como outra dimensão da mesma, revelada pelos campos de intensidade existentes a vibrarem na sua constituição imagética.

Por esse motivo, as imagens da cidade não serão tomadas como representações do espaço, desprendendo delas “Falso Nomadismo”[13], que a deixa sempre no mesmo lugar, na mesma condição de retardamento, mas, como entidades, recortadas do meio urbano de Barcarena, com o objetivo de se construir plano de energia, platô imagético da subjetividade da cidade a ser lançada no fluxo do devir-urbano. O lado estético da cidade sendo utilizado como “máquina de guerra”[14] contra o estado atual de Barcarena, nesse caso, o conhecimento implica numa ação de transformação do corpo da cidade através de sua exposição nesta pesquisa.

Ainda nessa parte do trabalho, toca-se em preocupações guattarianas com a urbanização das cidades, levando em consideração as dificuldades urbanas numa relação direta com o meio ambiente, que “é o problema número um, o problema-cruzamento das questões econômicas, sociais e culturais”[15] já que podem se refletir diretamente no meio urbano. Isso era uma das inquietações do filósofo com as questões estéticas de manutenção da vida nas cidades.

Diante disso, não é o que está presente na imagem de Barcarena, mas o que a construiu. O interessante são os agentes provocadores de tal imagem no caminho percorrido pelo pensamento aberto as várias possibilidades das diversas facetas impregnadas como rosto da cidade, porém, desconfia-se de cada face que se apresenta para poder se ver livre dessa espécie de “maquinismo”[16], em forma de “bestiário” histórico-simbólico presentes na cidade, ou seja, os organismos que impregnam a cidade e utilizam-se das máquinas semióticas para criar diversas imagens do município. Por isso, é necessário combater essas ambiguidades imagéticas.

As imagens veiculadas da cidade são mecanismos de controle para não se enxergar a real constituição da urbe, toda mascarada no âmbito de uma simulação que esconde e afasta a possibilidade de análise dos “ruídos visuais” das representações de Barcarena industrial, Barcarena Sede, Barcarena Distrito Murucupi, favelas travestidas de bairros e as vilas que na realidade são bairros tradicionais, mas não são denominados de bairros barcarenenses, esses embaraços formam a imagem inversa do município, porque promovem a “legibilidade”[17] equivocada do lugar. Existem várias cidades dentro de Barcarena, de onde se conhece uma imaginabilidade, de “Capital do Alumínio”[18], no

13 Falso Nomadismo aqui se refere ao fato de Barcarena possuir um corpo em pleno processo de surgimento ou alargamento de sua estrutura urbana, pois parece se expandir com os outros bairros a surgir por causa dos movimentos de ocupações de trabalhadores sem teto que se aventuram em busca de melhorias de vida nesta cidade. Nota do Autor. (N.A).

14 Máquina de Guerra aludindo à ideia de Deleuze e Guatarri, a força nômade exterior ao estado que não se reduz assim se traduz esta postura sobre Barcarena atrelada a esta conceituação de desate dos liames econômicos, políticos atrofiadores desta cidade. In: Deleuze; Guatarri. (1997, p. 11).

15 GUATTARI, Félix. **Caosmose; um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992, p. 45.

16 GUATTARI, 1992, p. 45.

17 Ver em LYNCH, 2006, p. 3.

18 Esta denominação se refere ao fato de Barcarena ter em seu território o complexo industrial Alumínio Brasileiro S/A

entanto, existe também, uma Cidade-Obra manifestada na velocidade do pensamento que a vê como obra de arte em construção pela ação do tempo constituindo-se em devir-cidade como força conceitual de intervenção no meio urbano.

"A percepção da cidade é, em essência, um fenômeno temporal, voltado para um objeto de enormes dimensões", [19]. A maneira como a imagem de Barcarena é vista em sua forma atual, se difere das fotografias de outras épocas, o que demonstra que a cidade vem passando por estágios na sua constituição urbana que precisa de maiores preocupação visual com o ambiente citadino. A cidade tem a sua função social e possui da mesma forma, função estética, por isso, nesse capítulo o município será compreendido por meio de suas imagens sempre que possível, tangenciando um paralelo com a composição das pinturas de Mondrian, as linhas sinuosas de Pollock e a experiências de Monet para melhor perceber as imagens da urbe em fluxo.

BARCARENA-FLUXO

Partindo para o terceiro e último capítulo deste trabalho a cidade é revelada pela escritura como pura possibilidade de compreensão dos problemas das dimensões urbanas. Numa atitude de "invasão" por intermédio da investigação estética sobre a construção e definição da Cidade-Obra, surge como resultado do próprio pensamento introduzido na análise em busca de compreensão dos problemas barcarenenses.

Um "desmonte" de todas as engrenagens do conjunto de organismos opostos ao fluxo[20] da cidade para o pensamento mergulhar profundo nas micropolíticas do município quanto nômade a vagar pelos platôs intensos da urbe. O objetivo neste momento é construir através do conjunto de pensamentos debruçados sobre as causas que levaram o meio urbano barcarenense a se desprender de sua visualidade mais sensível e mais humana uma cidade outra, mais estética para a instauração do devir-urbano.

Em meio à onda do pensamento a cidade se desarma e se apresenta como suporte para novas transformações movidas pela sociedade que a compõe. A escritura é a revelação do próprio pensamento estético em movimento na tentativa de cartografar e entender as mudanças em Barcarena, do seu surgimento, percurso marcado por diversos acidentes históricos que ocasionaram graves interrupções do devir-cidade.

As razões do aparecimento desse pensamento estético foi uma das causas da elaboração deste trabalho, bem como, a permanência dele na mente tornou-se mais interessante à medida que a insistência em compreendê-lo transformou-se numa micro-percepção intensiva sobre o município. Nesse sentido, a degeneração da imagem da cidade, implicou numa relação e envolvimento com os problemas presentes nela, e estabeleceu a

---

(ALBRÁS) e Alumina do Norte do Brasil (ALUNORTE), pertencentes a multinacional norueguesa Norsk Hydro que as comprou junto com a Companhia de Alumina do Pará (CAP) da Vale em 02 de Maio 2010. Disponível em:< http://diario-dopara.diarioonline.com.br/N-88443>. Acesso em: 25 jul. 2011.

19 Ibid, 2006, p. 182.

20 Os fluxos são devires não humanos executados no corpo da urbe agenciado pelos próprios habitantes na eterna luta de manterem-se atualizados e protegidos. (N.A).

ligação direta com ela, pois, na medida em que as novas gerações se tornaram entendidas e começaram a participar do cotidiano da cidade, novos modos de intervenção foram possíveis, e esta escritura é uma.

A cidade é carnação como diz Mumford (2008), todo homem traz em si, uma cidade. No sentido deleuzo-guattariano, eles fazem rizoma, como a vespa e a orquídea, pois o homem carrega no seu plano de imanência uma cidade, na imagem de seu pensamento há a imagem da urbe, é o homem quem territorializa a cidade nos estratos da terra, e a cidade faz o mesmo processo com o homem, também, no entanto, em algum momento um está dentro do outro, por isso, eles fazem rizoma heterogêneo.

Nesse sentido, todos os cidadãos são responsáveis pela cidade, não dá para dissociá-los. Os cidadãos, mesmo aqueles excluídos do convívio social interferem no corpo urbano de forma estética ou antiestética, tudo vai depender da sua formação cultural ou não, esse *talvez* seja um ponto marcante em Barcarena, mesmo que a arte longe de fazer parte do elenco da formação das pessoas, elas, instintivamente afetam esteticamente a forma da cidade. Esse é o sintoma do fluxo.

A construção da Cidade-Obra é o diagnóstico. Trata-se de uma proposta de intervenção conceitual no âmbito do pensamento, todo ele marcado pelas possibilidades de fuga porque passa a cidade. A qual funciona dentro de um agenciamento entontecido, porquanto na urbe as coisas ressurgem e germinam feito evento, puros corpos, num movimento de autoconstrução como suporte para a sua desterritorialização. Nesse processo de devir-urbano, no fluxo do qual está inserida, Barcarena dirige-se na direção de sua urbanização plena, no entanto, ainda é preciso ajustar sua direção caótica com o intuito de elevá-la rumo a este devir.

Portanto, Barcarena constitui-se da possibilidade do recorte do caos[21] pelo plano de imanência[22] que produz conceituação do real. Haja vista que, um conceito, mesmo em criação, de certa maneira, é um seguimento do caos, uma parte dele, logo, pode ser estudado e compreendido. É neste campo que o devir-urbano, aparece todo desenhado através de sua configuração caósmica mental: um caos mais consistente, tornado pensamento imanente advindo do recorte efetivo do fluxo infinito produzindo na cidade outra conceituação de cidade, mas, para isso, é necessário recortar o acontecimento no momento exato do fenômeno e "amarrá-lo" através da escrita, fotografia, vídeo, desenho, pintura, ou outro suporte e, em seguida, revelá-lo. Trata-se de uma captura deleuziana deste evento, na sua forma "caóide",[23] recorte do caos. Esse dinamismo é fruto desse pensamento fractal "saltando" pelos cantos da cidade cartografada, tentando capturar o fenômeno deslizante sobre as linhas de fuga que se afastam com o horizonte, pois, cada vez que se conceitua o acontecimento, ele escapa novamente.

21 GLEICK, James. **Caos: a criação de uma nova ciência**. 18 ed. Rio de Janeiro: Elsever, 1989, p. 27.
22 DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **O Que é Filosofia?**. Rio de Janeiro: Editor 34, 1992, p. 53.
23 Ibid, 1992, p. 267.

O rompimento da dinâmica de Barcarena transportada para outra condição além de sua atividade se torna fruto de um pensamento invasivo que a traz para um ambiente de reflexão estética da instalação do Corpo sem Órgãos, porém imanente, pois, está interligado ao plano da cidade, que por sua vez, é desvelada por meio do contado do pensamento com o corpo do município entontecido a se esvaziar. Uma "quase realidade" seria sua melhor colocação para produzir germinação de um pensamento que se transforma em energia e começa a se tornar conexão aberta com o urbano, a fim de produzir seus efeitos por toda parte no solo da cidade como intensidade de devires.

A Cidade-Obra apresenta-se em forma de potência efetiva que precisa ser tomada em todos os seus aspectos, para enfim, despontar na contemporaneidade paraense na sua forma caosmos[24]. Ela pertence à ordem do movimento, pois, quando a energia aumenta o corpo dança[25], ela vibra e se desloca. E ao deslocar-se deixa o corpo estriado, demarcado, delimitado por forças político-capitalistas e se coloca em um corpo liso, de escape das opressões das relações de poder citadino seguindo a linha do tempo sobre o espaço se autorreconstruindo e configurando-se na forma de devir-cidade constituída dos traumas do município.

Imediatamente, Barcarena continua no seu movimento desordenado em busca de se tornar referência de desenvolvimento econômico, mas, deveria antes disso mover-se na direção de sua urbanização, pois, ficará difícil a manutenção da vida no município sem as devidas providências mínimas para a coexistência da população e os empreendimentos industriais ALBRÁS, ALUNORTE e CAP, este último ainda a ser instalado na cidade. Mediante isso, é preciso questionar a função da cidade. "A principal função da cidade é converter o poder em forma, a energia em cultura, a matéria inanimada em símbolos vivos de arte, a reprodução biológica em criatividade social"[26]. Em suma, a cidade deve ser um lugar de aguçamento das potencialidades criadoras dos cidadãos, para transformar o meio urbano através da utilização dos bens presentes para a vida e nunca para a anulação do que os anima.

A cidade é um espaço eminentemente humano, porque é prótese, uma extensão das sociedades complexas, lugar das construções dos bens estéticos, fruto do ânimo coletivo, uma construção, pois, é pura criação e carnação imanente da mente ligado no fora. Em vista disso, Barcarena tem sido objeto de forças que a empurraram para o "engrandecimento de todas as dimensões da vida"[27] para a representação dramática do que é humano.

É essa potência embriagadora nietzscheana entontecida que este trabalho pretende alcançar na cidade. A intensidade de Barcarena numa dobra da imanência feito obra de arte, advindo do desvelamento de uma Cidade-Obra na sua forma de devir-urbano revelado

24 DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 26.
25 GLEISER, Marcelo. **Criação Imperfeita: cosmo, vida e o código oculto da Natureza**. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 166.
26 MUMFORD, 2008, p. 680.
27 MUMFORD, 2008, p. 686.

pelo pensamento artístico-estético-crítico. Diante da dinâmica intensa de sua forma física em direção de suas pressupostas reconfigurações no espaço-tempo, em que a cidade envolvida num movimento de fuga de desterritorialização e reterritorialização no seu ritmo de potência estética, compreensão de cidade subjetiva a traçar linhas de fugas pelos devires.

1 CIDADE: CONSTRUÇÃO NO FLUXO HISTÓRICO

O germe da cidade está relacionado aos pontos de encontros realizados pelos parentes em torno das sepulturas dos antepassados. Havia grande respeito dos homens antigos pelos mortos, pois quando enterravam alguém próximo aos acampamentos, mesmo depois de continuarem com suas atividades nômades, deslocando-se na vastidão territorial, conforme o tempo de revitalização da área, os indivíduos voltavam àquela região e reuniam-se em volta dos túmulos para fazerem suas cerimônias. “A cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos. Num sentido, aliás, a cidade dos mortos é a precursora, quase o núcleo, de todas as cidades vivas.”[1] A ligação dos vivos com os mortos aproximava as pessoas junto do lugar fúnebre, o qual será um dos primeiros endereços das primeiras comunidades, acampamentos, aldeias, tribos, vilas e cidades.

Em vista disso, os cemitérios e templos são as referências das primeiras manifestações sociais dos homens; sob essa perspectiva, os falecidos são os primeiros habitantes das cidades e com certeza os eternos moradores das cidades dos mortos. E, só depois, os vivos, motivados por vários fatores cognitivos, técnicos, religiosos e naturais passaram a viver ali, por perto dos cemitérios, nas cavernas, até conseguirem construir as habitações.

Além de palco das concentrações humanas, as *pólis* são fenômenos sociais organizados em busca de proteção contra as forças cósmicas ou das barbáries da própria espécie. As urbes são produtos da terra, mas muito mais obras da superação do confronto constante contra as intempéries naturais, que o homem insistiu combater, erigindo para si próteses, constructos, paisagens e espaços artificiais. Portas divisórias criadas entre dois ambientes: o externo tendendo aos espaços, infinitos, e o interno, delimitado, ordenado por ruas, calçadas, casas, prédios, veículos e pessoas, juntos, no mesmo lugar, formando a grande arena de dramatização das sociedades: a cidade, recinto dos seres políticos.

Genuinamente a cidade é substrato ou ponto supremo das acomodações dos seres sociais e antissociais, pois, nela a existência se manifesta plenamente em contato direto com as complexidades cotidianas graças aos seus cantos repletos de vida, onde as paisagens opõem-se aos meios naturais, feitos antinaturezas arquitetônicas implantadas nos meios urbanos repletos de vivacidades e significados outros na dinâmica dos corpos perambulantes pelas “ruas ontológicas” das comunidades urbanas. A cidade mumfordiana é o lugar dos encontros, impulsionados por concentrações vigorantes de subjetividades espalhadas pelos *cômodos* das dimensões dos distritos e bairros.

> A cidade, tal como é encontrada na história, é o ponto da máxima concentração do vigor e da cultura de uma comunidade. É o lugar onde vão concentrar-se os raios emitidos por muitos focos separados de vida, com proveitos tanto em eficiência como em significação social.[2]

1 MUMFORD. Lewis. **A cidade na História**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 5.
2 MUMFORD, Lewis. **A Cultura das Cidades.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1961, p. 13.

Sede dos acontecimentos humanos, representações abstratas de valores das constituições inter-relacionais das diferenças entre os espaços sustentados por conjuntos de regras de manutenção da vivência. Resultante do produto das interferências e convergências das intensificações técnicas das sociedades sobre o meio natural, a fim de reestruturar em meio afetuoso e ali, viverem juntos. Assim, a cidade foi erguida como repositório das carnações dos destinos dos cidadãos.

Há um pressuposto vigor mental, muscular e suor no chão urbano. Há uma mistura de massa de concreto, ferro e sangue nas paredes, fendas, telhados, templos e monumentos erguidos a marteladas por corpos impelidos nas construções destas grandes obras, as quais comportam em suas entranhas diversidades de *entes* animados interferindo em seu corpo.

Antes de tudo, a cidade denota a possibilidade de manter os habitantes no mesmo lugar, por algum tempo, mesmo que seja de uma vida, pois esta obra de proporções colossais tem funcionalidades de sedentarização das sociedades. Assim, mantê-las estáticas no mesmo território, pois em si, foi concebida aludindo ao primitivo acampamento, onde se parava por algumas horas para descanso dos corpos fugantes.

No entanto, isso não quer dizer que a cidade seja estática, muito pelo contrário, estes aglomerados de pedras, areia, tijolos, cimento e aço são instáveis em relação ao espaço-tempo. Dessa forma, os corpos no universo estão em plena expansão e a polis enquanto matéria, também está em movimento, quando corroída, desgastada, destruída e reconstruída, por sofrer decomposições físicas durante o seu fluxo histórico.

De acordo com Mumford as cidades são fatos da natureza, assim como a caverna, um formigueiro, elas são fenômenos do processo sócio-histórico do homem. Os aspectos mencionados pelo historiador dizem respeito à maneira ou causas do surgimento dela no planeta por intermédio do aumento da capacidade cerebral.

Esta grande obra surgiu em forma de pensamento provocado pelo aumento do potencial cognitivo humano, estabelecido a partir da interação perceptiva do indivíduo com o meio. Por sofrimento ou prazer da convivência e identificação de um estilo de dormir, caçar, comer, dançar, festejar e ritualizar entre eles surgiu às primeiras intenções dos ajuntamentos, são muitos fatores que aproximaram os homens ao longo do tempo.

"As cidades nascem das necessidades sociais do homem e multiplicam tanto os seus costumes como os seus meios de expressão."[3] Nela há a potencialização dos valores culturais, simbólicos e do necessário para se viver, numa harmonização significativa dos conflitos, no meio urbano tenta-se sempre o equilíbrio de forças opostas.

As urbes como artifícios, artefatos naturais somente por serem necessidades do homem, e não há nada mais natural do que as carências da humanidade. Por meio disso, ela é fato da natureza, pois assim como se tem fome, da mesma forma, passa a ser necessária a construção dos depósitos artificiais de gente para manutenção da vida.

3 MUMFORD, 1961, p. 14.

Segundo a convicção mumfordiana, a cidade surge enquanto obra de arte consciente e, é o lugar onde a mente toma forma, condicionada pelos corpos urbanos. Ela é criação humana, "pátria artificial"[4], artefato sobre a qual se vinculou o desejo natural de socialização das pessoas de viverem em comunidades, promovendo constantes trocas de costumes na ambição de proteção e esclarecimentos.

> A cidade e a região, a terra agrícola e os bosques tornam-se coisa humana porque são depósitos de fadigas, são obras de nossas mãos; mas enquanto pátria artificial e coisa construída, também são testemunhos de valores, são permanência e memória.[5]

Além da tarefa de proteção e da necessidade natural do homem de viver em comunhão, o recinto urbano é também, como diz Rossi (2001), receptáculo de cansaço, a pátria artificial construída pelas pessoas, por serem obras gigantescas, verdadeiros aparatos arquitetônicos urbanos levantados por mãos humanas e, por isso, aderem-se nelas reflexos de um tempo, ela tornou-se lugar de memórias, testemunhos de estilos de vida de determinados povos. O meio urbano é o espaço das subjetividades dos cidadãos porque cada um relaciona-se com ele de forma diferente e particular, logo, este espaço pertence à lógica das subjetivações sócio-urbanas, visto as diferentes maneiras do olhar projetado sobre o meio citadino.

Bem anterior aos grandes organismos "lítico-metálicos"[6] erguidos pelas sociedades urbanas, os seres humanos viviam subjugados à natureza, devido ao reduzido nível criativo ou técnico, no sentido das transformações das matérias primas em objetos ou utensílios que lhes permitissem a intervenção e transformação do meio natural. A partir do aumento do potencial mental, dos níveis de abstração, avanço perceptivo, criativo e técnico dos indivíduos, lhes permitiu plasmarem diversos tipos de materiais, possibilitando as feituras das primeiras cavernas artificiais, outrora apenas ideia-protótipo de casas, residências, agasalhos contra as adversidades, depois obras arquitetônicas das urbes.

O espaço urbano veio constituindo-se como atividade do homem na ação histórica de conquista e ampliação intelectual no tempo. Os aperfeiçoamentos tecnológicos empreendidos pelas sociedades somam-se ao arcabouço cultural das diversas civilizações em quase todas as partes do mundo. Quando se fala da existência de alguma cidade em especial, toma-se esta por testemunho das aventuras do homem na terra; algumas sociedades são estudadas pelas ciências que se detém nos resquícios arquitetônicos, como a arqueologia, em busca de vestígios de conglomerados físicos e sociais presentes nas mais longínquas regiões do planeta, para descreverem os tipos de espetáculos representados pelos habitantes destes vertiginosos lugares de acontecimento da vida.

Entrepostos de transmissão e recepção de saberes entre as várias manifestações das atividades dos seres humanos, tudo isso viabilizado pela capacidade de arquivo e

4 ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 22.
5 Id, 1961, p. 22.
6 O termo "Lítico-metálico" utilizado neste trabalho se refere à estrutura de concreto e ferro utilizados nas construções das arquiteturas da cidade.

celeiro, tanto de alimentos e conhecimentos, garantidos pela manutenção da vida no meio urbano sistematizado. Desde os seus tenros estágios de aldeias, freguesias ou vilas, as cidades eram por excelência lugar dos saberes técnicos em todos os níveis de informação da sociedade.

> Por meio das suas disponibilidades de armazenagem (prédios, porões, arquivos, monumentos, tabuinhas, livros), a cidade tornou-se capaz de transmitir de geração a geração uma cultura complexa, pois pôde reunir não só os meios físicos, mas também os agentes humanos necessários para transmitir e aumentar essa herança.[7]

A transmissão de saberes ao longo dos séculos continua a ser um dos fortes dons das cidades no que dizem respeito à manutenção da cultura humana. Existem vários aspectos a serem considerados no estudo dessas grandes obras coletivas, não obstante, os próprios prédios, monumentos são tidos ou lidos por muitos como textos urbanos. Quando se enquadra o fenômeno urbano como artefato, surge a importância de se buscar uma concepção de cidade além do seu caráter funcional, histórico, político e econômico.

Diante da constatação do processo evolutivo, até "[...] a transformação da aldeia em cidade não foi mera mudança de tamanho e dimensões, embora ambos esses fatores nela entrassem: ao contrário, foi uma mudança de direção e finalidade, manifestada num tipo de organização".[8] Este tipo de planificação eram pretensões de resolver os problemas do povo por meio das construções das urbes. As organizações iriam além das irrigações dos rios, contenção das invasões de outros povos, desenvolvimento comercial, criação de exércitos, leis, casas luxuosas, ou simplesmente garantir a vida comunitária, tudo isso foi e ainda é importante, porém não foi o suficiente, o objetivo era construir um espaço para celebração em todos os aspectos mensuráveis da estetização da vida.

Por isso, desde os estágios de aldeia até a configuração da cidade não ocorreu somente mudanças estruturais, mas, também, o estabelecimento de um novo desígnio à vida relacionada aos espaços de convivência humanos, no sentido da implantação dos baluartes arquitetônicos numa diferenciação de pobres e ricos na manutenção das classes sociais. A cidade aguça as disparidades entre os cidadãos, separando-os por graus econômicos, políticos e ideológicos, possibilitando aos aptos as maiores chances de governarem e manipularem a maioria da população inserida nos espaços das urbes.

Os conhecimentos aliados ao poder político e econômico são marcantes no controle da vida dos centros urbanos, em que cidadãos privilegiados por suas linhas sucessórias desde as aldeias ou do acúmulo de riquezas adquiridas a qualquer custo, somadas ao surgimento da propriedade privada, exaurindo a distinção dos iguais por causa das quantidades de posses, o que garantia a um grupo o domínio sobre outros desfavorecidos os quais são historicamente marginalizados das decisões e surgem como vítimas das relações de poder impregnadas nas sociedades complexas. Estes fatos afastaram da

7 MUMFORD, 2008, p. 678.
8 Ibid, p. 67.

cidade a sua finalidade de proteção à existência comunitária, para exercer outras finalidades relacionadas ao domínio de uma classe sobre outra, onde se priorizou a obtenção de poder em detrimento da vida num sentido amplo.

A atmosfera da urbe, mista de antagonismos: de um lado, veem-se grandes monumentos luxuosos, enquanto de outro, notam-se os pequenos casebres das pessoas menos abastardas, uma referência ao cenário citadino. No entanto, o importante é ter um lugar no chão destes espaços; o fundamental para a cultura ocidental é ser urbano, civilizado, é viver nos aglomerados de perfilados espaços subdivididos e supervalorizados dos bairros.

"Várias entradas clandestinas foram organizadas pelos franceses, ingleses e holandeses no século XVI e XVII rumo ao norte do Brasil, atingindo lugares até então nunca desbravados pelos portugueses".[9] Diante desse fato, os portugueses foram de certa maneira pressionados pelos invasores a ocuparem para defender o território amazônico dos ataques dos outros povos europeus.

Os fortes, aldeias, vilas e, em seguida**,** as cidades, foram muralhas iniciais erguidas na Amazônia para proteção e simbolização da posse territorial contra os próprios holandeses, ingleses e franceses e, também, os valentes guerreiros nativos. Esses dizimados na luta contra a opressão dos dominadores luso-urbanos que encravaram as cidades nas margens dos rios nos lugares dos assentamentos tribais onde estavam enterrados os seus ancestrais.

Na Região Amazônica, os primeiros municípios foram fundados em sua maioria a beira dos rios, as cidades ribeirinhas surgem às margens das "ruas de águas". Neste contexto, as cidades ribeirinhas começam a ser construídas pelos colonizadores portugueses nestes solos, impulsionadas pela preocupação de proteção desta parte de seu território, em reação a isso, tomaram alguns padres e colonos para iniciarem a difícil missão de ocupar para não perder.

1.1 – Fundação de Barcarena.

A inserção do Brasil no contexto da cultura pré-capitalista ocidental desde o século XVI foi introduzida mais tarde no estado do Grão-Pará durante o século XVII. Diante do exposto, o processo de ocupação português nesta parte da Amazônia trouxe como resultado a fundação de aldeias, vilas e cidades na beira do rio, como foi o caso da fundação da Capital Belém em 1616.

Nessa época, os aldeamentos ou conjuntos de casas eram feitos para abrigarem as inúmeras missões religiosas presentes no território, neste período no espaço onde se localiza o município de Barcarena, havia dois aldeamentos, os quais mais tarde são

9 GUIMARÃES, Luiz Antonio Valente. **Subsídios para Um Estudo da História do Município de Barcarena**. Barcarena: DEPAH, 1999, p. 45.

elevados à condição de vilarejos e um deles promovido a cidade. O primeiro se chamava Mortiguara, lugar onde fica a atual Vila do Conde no Distrito Murucupi e o segundo recebeu o nome de Gibirié, conhecido atualmente como Vila de São Francisco ou antiga sede de Barcarena, estes dois lugares são antecessores da cidade de Barcarena, antigo distrito de Belém, vindo desvencilhar-se da capital durante a década de quarenta do século XX.

Barcarena, deste modo, surgiu na história paraense como aldeia habitada por diversos povos indígenas que residiam antigamente nessa região, daqueles se tem notícias da presença dos Tupinambás que falavam Tupi, Aruãs, Nheengaíbas de fala e dialetos desconhecidos ou mesmo de difícil compreensão, inclusive para os índios de tronco Tupi. Os Nheengaíbas eram considerados ferozes combatentes dos portugueses, moravam no centro da Ilha do Marajó e, provavelmente, após se renderem aos lusitanos foram descidos e espalhados pelas missões, daí a explicação da presença deles em Mortiguara.

Os relatos de Barcarena colonial são vagos sobre os aspectos físicos do ambiente da aldeia, no que diz respeito à origem dos habitantes, a disposição das casas, caminhos, ramais e ruas, não constam registros sobre os tipos das construções, se eram feitas de madeira, taipa, trançados, cobertas com palha ou telha, apenas pode-se conjecturar a respeito, nada pode ser afirmado[10]. No entanto, este interesse nas construções de cidades na Amazônia por parte dos portugueses se tornou mais evidente com a implantação dos fortes para a defesa do território contra os holandeses, franceses e ingleses. Belém foi estratégica nesse sentido, os aldeamentos missionários tinham objetivo de domesticação dos nativos, para em seguida, explorarem essa gente na obtenção das famosas drogas do sertão existentes nas matas e também, utilizá-los como mão de obra pelos colonos. Os religiosos foram utilizados, na tentativa de criar um ambiente mais favorável para os portugueses conseguirem ter sucesso na ocupação, pois:

> Para o recém-chegado português, ocupar a imensa região amazônica não seria tarefa fácil. O apoio dos padres missionários deveria facilitar, nesse sentido, o avanço colonial, pacificando todas as populações nativas que não aceitavam a bandeira portuguesa. Pacificar, na concepção dos primeiros missionários, significava, portanto, introduzir novos hábitos morais e ensinar técnicas agrícolas. Através dessa prática, os religiosos poderiam finalmente agrupar os indígenas, e estabelecer o Cristianismo na região.[11]

A ocupação se deu por meio da chamada pacificação do nativo, das construções de fortes, templos, aldeamentos, vilas e cidades, então, o objetivo dos portugueses a princípio, foi se fazerem presentes no espaço para defendê-lo. Em contra partida, continuar a explorar os recursos dos espaços colonizados. Além disso, havia a pretensão de inserção da cultura urbana na Amazônia, instituída através do germe das aldeias espalhadas por diversos cantos dos territórios.

10 Tendo em vista, as citações sobre Mortiguara e Gibirié nas crônicas dos religiosos, apesar de serem contadas a partir da ótica do europeu, são importantes se tomadas como os primeiros esboços da cidade, pois se tratam a principio dos alicerces, esteios, pilares do que mais tarde tornaram-se a comprovação da intencionalidade urbana em plena floresta. (N.A).
11 GUIMARÃES, 1999, p. 45-46.

A presença da Igreja Católica em Barcarena é marcante neste processo de conquista, exploração, ocupação, conversão e defesa do território paraense. Os Jesuítas ergueram uma igreja em Vila do Conde no século XVII e outra na Vila de São Francisco, os dois templos faziam alusão a este momento, em que para os portugueses era pertinente ocupar o espaço amazônico construindo para isso aldeias missionárias ou colégios, para catequizar os habitantes naturais da terra, a fim de conseguirem deles obediência e desta forma, serviços fundamentais a sobrevivência dos padres e colonos.

As igrejas são marcas memoriais. Símbolos do poderio da fé católica e da presença do estado português em terras amazônicas sobrepujando as crenças nativas, pois para permanecerem nos aldeamentos os indígenas precisavam ser catequizados, alfabetizados e trabalhar nas lavouras, pecuária e pesca, porque tinham de pagar impostos à Coroa. Além disso, os nativos trabalhavam nas construções das igrejas, casas dos padres e manutenção dos aldeamentos.

A domesticação dos nativos por meio da conversão religiosa e a alfabetização eram muito mais a tentativa de torná-los aptos à convivência junto ao seu conquistador, como homens urbanos. Por esse motivo, a submissão dos indígenas nestes ajuntamentos portugueses comandados por religiosos, a inserirem na mente dos selvagens os deveres de escravos presentes nas colônias e cidades de Portugal, mesmo que os religiosos tenham algumas vezes enfrentado os colonos na tentativa de impedir a escravização do índio como mão de obra indígena para trabalharem nas fazendas. As missões eram ferramentas de domesticação dessa força de produção, se não foram totalmente agenciadas pelos colonos foi porque os nativos fugiam de seus algozes ou morriam.

A cidade traz em seus muros, paredes, ruas, casas e prédios. Ela é o espaço das contenções dos seres civilizados, entretanto a tentativa de inserção do homem das florestas, rios, igarapés, baías nos aldeamentos e vilas, lugar cheio de regras impostas, em que os deveres eram avessos a mentalidade seminômade-tribal, os quais gozanvam de liberdade, adaptados no seu espaço socio-florestal, condizente ao seu estilo de vida. O encontro com os limites físicos das aldeias das missões religiosas eram antagônicos aos espaços da “cidade indígena”, ou seja, a selva.

As “cidades” dos nativos repletas de trançados de palhas, de varas e cipós deram lugar às primeiras construções de pedra, argila, grude de peixe, madeiras brutas talhadas a golpes de machados, serrotes, pregos e martelos utilizados nas edificações coloniais. As primeiras construções urbanas barcarenenses foram igrejas, e em volta delas às aldeias cresceram com a chegada de novos grupos indígenas descidos de vários cantos do Maranhão e do Grão Pará, a todo o momento lançados nas missões; aos poucos, o número de habitantes foi aumentando até o lugar se tornar vila e depois cidade.

Desta forma, uma das partes de Barcarena colonial surgiu do pequeno conjunto de casas ordenado ao lado da igreja localizada em frente à Baia do Marajó.

> A sua primeira igreja foi de palma, em 1655 o P. Francisco da Veiga construiu a residência de São João Batista. Bettendorff esteve nela em 1661, como companheiro do P. Veiga, e mestre de ler e escrever. Referindo-se a essa Mortiguara de 1661, chama-lhe Mortiguara-a-velha, em contraposição de Mortiguara-a-nova, que também se continua a chamar simplesmente Mortiguara, e que, no novo sítio, já tinha à sua conta, em 1696, nove aldeias de índios.[12]

O lugar era cheio de índios vencidos por seus conquistadores e subjugados a um espaço de dominação e imposição de outra cultura, não era bem a ideia de cidade, no sentido de liberdade, proteção e cidadania, que os portugueses vieram implantar nessa região, antes era lugar de enquadramento de inserção do homem nativo no sistema de exploração pré-capitalista, em que a religião dava suporte ideológico e a aldeia ou vila impunha-lhes o ritmo da produção de excedentes. A igreja era o referencial arquitetônico no princípio da vila para as outras construções, os seus moradores eram índios de diversas tribos que vinham ou eram trazidos aos colégios para submissão dos ensinamentos das letras e valores religiosos, o templo ao qual fazemos referencia ao interior, trata-se da Igreja de Vila do Conde, (Fig. 1 e 2) erigida de frente para o rio, mas atualmente encontra-se de costas para a baia e de frente para a vila.



FIGURA 1: Imagem atual da Igreja de São João Batista em Vila do Conde no município de Barcarena – Pará, 2011.

Fonte: Arquivo pessoal.

Os espaços dos aldeamentos missionários foram "boas escolas" para os índios aprenderem que os portugueses só queriam se beneficiar da força de produção nativa e, por isso os homens da floresta resistiram às investidas dos invasores ao máximo possível.

12 LEITE, apud GUIMARAES, 1999, p. 32.

Por esse motivo, muitos índios preferiram morte à escravidão. A organização social urbana europeia não era favorável à sobrevivência do nativo. A ideia de viver em cidade ao menos para a maioria dos habitantes da floresta, até hoje, não fez com que abandonassem o seu modo de vida, o seu habitat comunitário, ou seja, a selva, por isso os povos indígenas dos espaços barcarenenses foram quase totalmente dizimados como aconteceu com os Gíbiriés, "que pelos seus atrevimentos foram todos exterminados".[13]

O primeiro aldeamento surgiu na beira da Praia de Vila do Conde em um dos lugares mais privilegiados visualmente do atual município de Barcarena apesar dos problemas enfrentados pela população contemporânea local, devido, as frequentes perdas do espaço urbano atualmente para as fábricas. Mesmo assim, A Vila do Conde com seus barrancos proporcionam ao cidadão um olhar privilegiado e altivo sobre a baia; certamente esta vista foi escolhida por quem conhecia o melhor lugar para se morar naquele tempo de conquista portuguesa nestas terras, de muito bom gosto estético foi à escolha do primeiro morador da antiga Mortiguara.



FIGURA 2: Imagem atual da Igreja de São João Batista de costas à baía do Marajó, em Vila do Conde no município de Barcarena – Pará, 2011.

Fonte: Sérgyo Luis dos Santos Silva.

Lugar alto em relação ao nível da água. Espaço de onde alguns habitantes atuais, foram expulsos, removidos de suas casas, excluídos do chão. E, agora, só podem olhar de longe abismados, pelo motivo da ausência deles no espaço dos seus antepassados mortiguarenses. Reprimidos, humilhados, colocados em qualquer lugar e relegados somente à contemplação de onde um dia foi o seu lar, em parte se comparam aos moradores da imaginária "Bauci" de Italo Calvino (1990) que vivem nessa cidade suspensa, segundo imaginação do autor e, não precisam tocar na terra porque tudo havia lá em cima.

> Os habitantes raramente são vistos em terra: têm todo o necessário lá em cima e preferem não descer. Nenhuma parte da cidade toca o solo exceto as longas pernas dos flamingos nas quais ela se apoia, e, nos dias luminosos, uma sombra diáfana e angulosa que se reflete na folhagem.[14]

No entanto, bem ao contrário dos moradores da cidade fabulosa calviniana onde não lhes faltava nada, a real situação de alguns grupos dos moradores da antiga missão

13 VALENTE, apud GUIMARÃES, 1999, p. 21.
14 CALVINO, Italo. As Cidades Invisíveis. São Paulo: Companhia Das Letras, 1990, p. 73.

jesuítica barcarenense, expropriados do seu solo por forças capitalísticas perderam a cultura de subsistência, como: a pesca e as plantações. Como num movimento de eterno retorno[15] nietzscheano em que a velha Barcarena do período colonial transformada no espaço dos poderosos conquistadores portugueses ressurge, ou retorna novamente na contemporaneidade, enquanto espaço do capitalismo industrial, feito o ser do *devir*, pois não se trata mais da mesma cidade colonial repleta de índios e algumas casas em torno de templo religioso que retorna, mas sim de uma cidade industrial, desta forma, é o *devir* dela que a torna atual.

A cidade deveria ser o espaço de excelência da vida, mas é também, das relações de poder, já que devém sempre desse fluxo de interesses antagônicos demonstrado em distintos períodos históricos. As diferenças seletivas surgem durante o processo da urbe, ou seja, Barcarena adveio do processo colonial, como o espaço do poder europeu pré-capitalista na Amazônia, atualmente precisa "conceber o desenvolvimento como uma conquista que envolve o respeito aos direitos humanos e, em especial, o direito à vida, o mais elementar".[16] Porém, o retorno da cidade como espaço do poder dos agenciamentos capitalísticos internacionais na forma industrial, pressupõe aos governantes das esferas municipal, estadual e federal, maior parcela de responsabilidade na execução do direito de investimentos no urbano, social e cultural do município.

O mesmo espaço onde surgiu Mortiguara sede atual de Vila do Conde, suscita o encadeamento deste lugar à origem barcarenense, por ser o mesmo espaço da dominação que retorna, mas transfigurado em outras facetas. Antes, era o espaço de Mortiguara, da aldeia, vila e missão religiosa, com seus habitantes europeus e índios, em que o primeiro era representante do poder, da dominação do homem urbano sobre o segundo, os moradores da floresta. Neste caso**,** o aldeamento era o espaço do conquistador feito para os conquistados, o cenário era de choque, conflito de culturas, em que só uma podia prevalecer e só a mais forte permaneceria no lugar subjugando a outra ao esquecimento. Desse modo, os nativos aceitavam a fé católica e o *modus* de vida europeia ou fugiam de volta às matas afirmando o seu estilo de viver, nesse embate só a mistura prevaleceu.

Hoje este mesmo espaço contém um bairro e o complexo industrial, repleto de maquinarias e operários, numa cena oposta ao lugar do século XVII, no qual os índios trabalhavam em suas lavouras para sustento da aldeia. Ao contrário da cena do século XXI, em que o espaço da antiga Mortiguara está dominado por grandes construções de ferro, concreto, fogo, ácidos, energia, fumaça, onde homens vendem sua força de trabalho por um salário que lhes paga o plano de saúde durante a agonizante velhice impotente advinda das insalubridades.

Voltando ao século XVII, a antiga Mortiguara se constituiu no lugar do conquistador,

---

15 NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. II, "Da Redenção", p. 169.

16 LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. A Amazônia no Século XXI: novas formas de desenvolvimento. São Paulo, Editora Empório do Livro, 2009, p. 240.

a ocupação deste espaço é histórico, pois foi escolhido para sediar a primeira aldeia de Belém, provavelmente selecionaram este terreno por causa da sua imponência contrastante entre terra e água intermediado pelo “tapete” praiano, revelando uma das características do surgimento das cidades ribeirinhas de serem feitas na embocadura dos rios e baias, neste caso a praia deixava tudo mais pertinente e estético para a inicialização das questões urbanas. Contudo, a Velha Mortiguara tornou-se apenas sombra diáfana e angulosa refletida nas ondas reluzentes deslizando sobre a areia, pois faz parte da memória sustentada pelas “longas pernas dos flamingos” travestidos em fatos históricos barcarenenses.

Houve então Barcarena indígena sobrepujada pelos padres da Companhia de Jesus, mas não se tem notícias sobre o destino dos seus habitantes, a única lembrança deles, é visual ou genética, quando se olha para alguns descendentes daqueles personagens que povoavam Mortiguara, eles trazem em seus genes as características nativas nos cabelos, dentes, formato do rosto, porte físico e temperamento bravio de sangue de guerreiros Aruãs ou Nheengaíbas. São marcas estético-genéticas deixadas pelos primeiros moradores trazidos para as terras barcarenenses.

Fazendo alusão à cidade dos mortos de Mumford (2008), sobre ter existido antes da cidade dos vivos a dos mortos, trazendo a tona, ainda que não comprovada, a presença de uma Barcarena dos mortos. A cidade dos índios deixou de existir a partir da penetração ou contato direto com a cultura urbana trazida da Europa, o jeito de ser do homem da floresta acostumado com um estilo de vida interligado a selva foi aos poucos sendo substituído pelo *modus operandi* do conquistador.

Em vista disso, a cidade indígena nem chega a nascer, a ser configurada, de acordo com o pensamento mumfordiano a cidade feita fato da natureza, nasce a partir do desejo das pessoas de viverem juntas; seria algo natural, independente do estágio cultural da sociedade. Cedo ou tarde estas ideias de conglomerados, de tribos iriam germinar na selva Amazônica como há sinais de civilização complexa, por meio das investigações arqueológicas sobre a produção de cerâmicas feitas na Ilha do Marajó iniciado em 1948, pelo casal de arqueólogos norte americano Meggers e Evans, em que as datações obtidas pelos pesquisadores nos sítios.

> [...] mostram que a ilha foi ocupada de 1500 a 900 antes de Cristo (fase Ananatuba e Mangueiras). Depois de um intervalo de cerca de 800 anos, voltou a ser ocupada já no início da era Cristã pelas populações à fase formiga, que sobreviveram até o ano 800 de nossa era. O término da fase Formiga, segundo Meggers e Evans, se deu por causa do domínio da cultura Marajoara.[17]

A pesquisa sobre os vestígios das civilizações Marajoaras traz a discussão sobre a evolução cultural dos povos que sucederam os seus ancestrais nesta região amazônica, em algum momento histórico, os índios poderiam novamente organizar-se em sociedades complexas, em uma cultura urbana, talvez, sustentável em relação com a floresta como,

17 SCHULZ, Sonia Hilf. **Estéticas Urbanas: da pólis grega à metrópole contemporânea**. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 144-144.

aliás, vivem as últimas comunidades nativas até hoje. Em nível de hipótese, pode-se pensar numa "cidade indígena", refletindo o tipo de organização social nativa, infelizmente ela pertence ao campo das "cidades invisíveis" de Calvino (1990), ou seja, objeto do campo de reflexão do inexistente.

No caso de Barcarena, os missionários da Companhia de Jesus e os indígenas ergueram juntos uma "Barcarena Indígena" em forma de aldeia denominada de Mortiguara. Contudo, antes do contato europeu com os caçadores e coletores nômades, que por sua vez, percorriam os espaços, através dos caminhos, rios e igarapés abundantes no território, até acharem lugar favorável ao fornecimento de frutos, peixes e caças e este, propício às construções dos aldeamentos, já havia indícios do desejo de sedentarização por parte destes povos.

Alinhado nesse entendimento sobre as conjecturas dos resquícios da civilização dos povos habitantes da floresta de um tempo amazônico distante, nessa altura dos acontecimentos da chegada dos invasores europeus em meados do século XVI e XVII. Buscam-se os vestígios da gênese de Barcarena, os alicerces urbanos desta; numa possibilidade de estruturação do pensamento dos estágios e estruturação do seu fluxo ao longo do tempo. O percurso da aldeia à urbe produziu marcas na constituição do meio urbano barcarenense, através da intervenção jesuítica em Vila do Conde, ainda marcantes nas paisagens do lugar no século XXI. Destacada a construção em 1655 da primeira igreja feita de palma, bem como ressaltando as aldeias, vilas e, sobretudo, ao considerar o aspecto cultural do toque entre nativos e portugueses.

Os assentamentos existiram neste local e, então, especula-se a respeito de pressuposta organização estético formal da aldeia ou vila por parte dos padres. Se houve este ordenamento os moradores devem tê-lo seguido, pois as Vilas do Conde e São Francisco possuem certo padrão organizacional em torno da igreja de frente para o rio. (Fig. 3 e 4).

Na frente e lados das igrejas deixava-se um vazio e as casas eram erguidas nos terrenos de ambos os lados e fundos do templo, conforme as famílias fossem crescendo, estruturando-se aos arredores do prédio religioso e constituindo assim o ordenamento central de Vila do Conde e São Francisco, a forma geográfica do aldeamento preservada guardando as mudanças feitas pelos moradores ao longo dos anos. As ruas são de acordo com a posição da igreja em referência ao rio e as casas ficam bem perto do lugar religioso.



FIGURA 3: Vista aérea de Vila do Conde antiga missão jesuítica de Mortiguara no município de Barcarena, 2011.

Fonte: Google Earth.

Os caminhos históricos do deslocamento ou formação do corpo da urbe barcarenense seguiram os seguintes processos: no século XVII com a chegada dos portugueses na praia de Conde ou Antiga Mortiguara e com a implantação da primeira missão religiosa da Capital Belém neste solo, toma-se a primeira construção arquitetônica como marco indicial da ação constitutiva do germe urbano nesta região, onde hoje compreende parte do distrito de Murucupi. Da aldeia à vila, da vila à cidade, sendo que estes estágios não podiam completar-se sem a participação dos índios, colonizadores, religiosos que deram animação a este espaço de dramatização da vida ribeirinha e no momento industrial.



FIGURA 4: Vista aérea da parte central da Vila de São Francisco, (antiga Sede municipal de Barcarena) onde se localizava a missão jesuítica Gibirié.

Fonte: Google Earth.

Então, a cidade acompanha a evolução técnica das sociedades que as habitam e interferem nela. Assim, conforme os estágios vividos pelos homens diante das suas manifestações ingênuas e intelectuais, o meio urbano é alterado a todo o instante pelos seres, numa tentativa de atualização frenética dos costumes sociais manifestos nas *pátrias arquitetônicas* humanas, mas humanas por serem extensão do corpo, próteses de aço e concreto para se viver dentro delas, uma armadura monumental para salvaguardar a frágil estrutura de pele, músculos, ossos e sangue.

Neste viés vê-se Barcarena deslizar do seu estágio de aldeia, da forma de pequeno vilarejo a saltos marcantes na História tomada nos braços indígenas manipulados por invasores em que, mais uma vez se instaura diferenciações entre os seres humanos, motivo da arrogância daqueles dominadores afastados dos valores de igualdade celebrados nas ruas e praças. Os índios não aceitaram a ideia de viverem na cidade porque nunca foram vistos como parte dela, na polis dos colonizadores portugueses não havia vaga para habitantes criados na floresta, só tinha espaço para escravos, daí uma das causas da recusa por parte dos nativos em não se submeterem as penúrias da vida urbana invertida.

O lugar de proteção, ensinamento, foi aos poucos se tornando lugar de prisão e exploração dos habitantes dos colégios jesuítas presentes nas terras barcarenenses. Os protótipos de cidades ribeirinhas, como foi o caso de Mortiguara e Gibirié eram lugares de

produção de alimentos, tanto para os padres das missões quanto aos habitantes de Belém e outras regiões do Grão-Pará.

Enquanto que os índios trabalhavam para o sucesso crescente destes assentamentos e por isso foram destituídos de sua liberdade de seres da floresta, pois eles ficavam limitados às cercanias das aldeias; todavia, para quem eram às construções de templos, cidades na Amazônia? Se os índios habitavam a floresta, então, os portugueses erigiram os meios urbanos para eles, mas precisavam de ajuda no trabalho porque iniciar construções de ruas e prédios era difícil naquela época neste local.

Barcarena, a cidade-fragmento, a urbe recortada por seus dois pólos, ou dois lados; de um deles situa-se o corpo velho, antigo, cansado, "estuprado" pelas inovações tecnológicas industriais, esquecido de seus valores culturais, respirando o ar de novos tempos contemporâneos. Esse lado compõe o Distrito do Murucupi, o berço barcarenense por volta do século XVII de acordo com referências sobre a Aldeia de Mortiguara, um dos principias núcleos urbanos deste município, a inauguração do lugar do colonizador no alto do barranco da Vila do Conde, onde jaz a sua marca, encravada entre a terra firme e a água, com a chegada dos portugueses na antiga aldeia para instalarem a missão religiosa; se deu o passo marcante da inserção das terras barcarenenses no contexto histórico urbano.

Enquanto que do outro lado ergueu-se Barcarena Sede, palco administrativo onde se concentra a maioria da população animadora dos fluxos urbanos de contradições e características caóticas entontecidas em que os movimentos atualizadores da urbe se fazem freqüentes. Observa-se isso, através dos novos bairros sendo configurados pelos arredores da parte central do município a incluir os devires no espaço-tempo.

Portanto, a inclusão de Barcarena na história ocidental, nesse sentido, se deu num contexto marcado pelo avanço de algumas potências ultramarinas europeias das quais fazia parte Portugal. Este país inicia o processo de ocupação do Norte do Brasil com o objetivo de proteger esta região das outras potências ultramarinas que disputavam as novas terras por motivos da exploração e colonização para o acúmulo primitivo de capital.

Com isso, após a fundação da cidade de Belém em 1616, houve a necessidade de se fazer inúmeras aldeias em volta da Capital para catequização dos nativos existentes neste espaço, por este fato, surgiram Mortiguara e Gibirié entre as mais importantes missões religiosas ligadas a Belém. Deste modo, o aumento populacional dos dois aldeamentos foi grande a princípio, porque os padres jesuítas eram hábeis no convencimento dos indígenas a permanecerem nestes locais.

Não obstante, assim que os nativos percebiam o real objetivo dos colonos, fugiam para a mata em busca de proteção contra os portugueses. Diante disso, o interesse em fazer cidades partindo da "civilização" dos índios foi muito difícil, devido à insistência dos colonos em desejarem utilizar a mão de obra indígena, escravizada em suas fazendas. Ficou complicado criar meios urbanos na selva se o desejo era escravos para manterem

as construções e os habitantes portugueses. Este fato é apenas uma das condições desfavoráveis para o levantamento das urbes na Amazônia.

1.2 – Do povoado aos litos-metálicos da cidade.

A pequena povoação, o santuário e aldeia, são antecessores da cidade; bem anterior à aldeia houve o acampamento, o esconderijo, as grutas, os amontoados de conchas, restos de cozinha, esqueletos humanos chamados de sambaquis, os montões de pedras. Porém, antes de tudo isso, existia o desejo intrínseco no homem de viver unido, num ajuntamento social em relação com a floresta e os animais. Indubitavelmente, a ideia de cidade é traduzida pela vontade de se estar perto, num contato mútuo, em comunidade desde a tessitura dos primeiros tijolos:

> Antes da cidade, houve a pequena povoação, o santuário e aldeia, o acampamento, o esconderijo, a caverna, o montão de pedras; e antes de tudo isso houve certa predisposição para a vida social que o homem compartilha, evidentemente, com diversas outras espécies de animais.[18]

A predisposição à vida social é imanente à humanidade, e este desejo de vida conjunta não poderia ser diferente dos habitantes nativos da floresta do Grão-Pará; o homem carrega consigo a cidade e cedo ou tarde dependendo de seu estágio tecno-adaptativo ele a instaura no solo. Ainda que os portugueses tenham trazido a cultura urbana para a floresta a ideia da cidade germinava na mente dos nativos feito núcleo social embrionário e, supostamente, seria feita de acordo com a estetização dos mesmos, ao se considerar a linha de coerência do pensamento construtivo de Mumford (2008) sobre o surgimento da urbe.

Apesar de saber que os índios encontravam-se neste espaço, antes mesmo do contato com os colonizadores, afixados em ocas às margens dos rios e nas profundidades da selva, organizados em aldeias ou tribos, estabelecendo aludidas indicações de organizações sociais complexas no solo amazônico e, por esse motivo, alguns grupos travavam batalhas ferrenhas contra os portugueses em defesa do seu modo de vida e do seu território. Segundo "[...] relatos do Padre Antônio Vieira quanto do Padre João Felipe Bettendorf ressaltam uma relação conflituosa entre os Nheengaíba[19] e os portugueses";[20] os índios empenhavam-se em defender-se dos invasores lusitanos por causa dos maus tratos e o risco de escravização.

Nesse sentido, as povoações e aldeias erguidas pelos nativos deram lugar aos aldeamentos e vilas portuguesas durante o período colonial, visto que podem ter sido construídas no mesmo lugar dos assentamentos autóctones. "A ocupação dos espaços das

---

18 MUMFORD, 2008, p. 3.
19 Nheengaíba ou Ingaíba: eram um conjunto de nações compostas pelos: Sacaca, Aruãs, Mapuá, Mamaianá, Pauxis, Boca e outras ainda indeterminadas, habitavam a Ilha do Marajó. MARTINS, Fábia. **A Concepção de Missão no Projeto da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão e Grão Pará, no Século XVII** in NEVES, 2006, p. 71.
20 MARTINS, 2006, p. 71.

aldeias no tempo das missões pode ter seguido a conformação do antigo assentamento indígena, uma vez que houve a construção de casas e da igreja em torno de uma praça central"[21]. Em relação a Barcarena não há como comprovar tal hipótese, pois, as informações a respeito da aldeia de Mortiguara não esclarecem se havia habitações indígenas anteriores aos portugueses neste local. Os relatos mencionam este chão sendo ocupado por muitas nações de índios, mas as informações são inexatas. Este questionamento é um vazio a ser preenchido futuramente.

De todo modo, os primeiros traços urbanos da cidade de Barcarena, tal como são encontrados na história, remetem a Amazônia do século XVII, segundo relatos das crônicas jesuíticas referentes às aldeias de Mortiguara e Gibirié. As aldeias, a princípio eram utilizadas pelos missionários da Companhia de Jesus para ensinar e catequizar os nativos descidos de várias regiões do Maranhão e Grão-Pará.

Os primórdios barcarenenses constituem-se de recortes, lacunas e fragmentos memoriais, imersos nos registros dos conquistadores. Onde as informações a respeito das aldeias e vilas erguidas neste território no período colonial estão envoltas numa névoa hermética de difícil penetração. As evidências da preexistência urbana do Município confirmam o pensamento mumfordiano. "As origens da cidade são obscuras, enterrada ou irrecuperavelmente apagada uma grande parte de seu passado, e são difíceis de pesar suas perspectivas futuras"[22], pois, as cidades esvaem-se no espaço-tempo.

Deste modo, ainda que os períodos remotos de Barcarena sejam mencionados por vagos relatos dos missionários sobre os ajuntamentos comunitários erguidos neste espaço, poucas referências, tangenciam leves informações sobre edificações de igrejas às margens dos rios barcarenenses, sumariamente, criadas pelos missionários com a utilização de mão de obra indígena. A respeito das primeiras casas sobre este solo no período colonial, consta uma narrativa de Bettendorf sobre a organização espacial das construções na época das missões:

> Não faltava que fazer em aquella aldêa, que constava de umas três mil almas aquelle tempo, e comprehendia muitas nações, das quaes umas moravam em meio, fazendo suas casas em quadro, para banda do matto, aberto somente para a banda do rio, à cuja beira estava a aldêa; as outras sahiam, estendendo a modo de duas casas de uma banda e de outra, ficando atraz de todas os Combocas e Ingaybas que tinham descido para lá.[23]

Este relato demonstra a configuração da aldeia de Mortiguara com suas casas ordenadas em forma de quadra com a abertura direcionada à frente da Baia do Marajó e, as demais casas construídas de duas a duas de um lado e outro, acompanhando essa espécie de praça central mantida no centro, uma clara evidência da sistematização do

21 LOPES, Paulo Roberto do Canto. **Aldeias Missões Religiosas e Diretórios: intercâmbios políticos, econômicos, culturais e ambientais** in NEVES, 2006, p. 36.

22 MUMFORD, 2008, p. 1.

23 BETENDORF, João Felippe. 1910. **Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão**. Revista do Instituto Histórico e Geographico Brazileiro, Tomo LXXII, Parte I, p. 157. Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/betendorf_1910_chronica

espaço cotidiano com certo quê de cartesianismo somado e atribuído ao gosto da gente do lugar. Havia um ordenamento conforme a chegada dos *gentios* na aldeia, como mencionou Bettendorf, no caso dos *Combocas* e *Ingaybas* que ergueram suas casas nos fundos, atrás de todas as outras, já no final do aldeamento, ficando evidente no texto, o loteamento da área, a fim de garantir certa estruturação de ruas no recinto.

A aldeia não era somente lugar da imposição da fé católica aos conquistados, mas de trabalho, este fato ficou mais evidente com a unificação da Coroa Ibérica, a qual se utilizando do argumento de garantir maior estabilidade à região determinou que o indígena livre ou escravo fosse utilizado na construção de povoamentos, vilas, fortalezas e missões durante o século XVII. Neste momento, tentou-se enquadrar os índios no sistema produtivo, na organização do trabalho e as aldeias, no sistema de repartição, em que a força de trabalho local constituía-se em suporte à sobrevivência dos portugueses. Por conta disso, Mortiguara passou a ser a primeira aldeia de repartição da Companhia do Pará.

> Mortiguara foi a primeira Aldeia da Companhia do Pará. Deu-lha o governador Inácio do Rego Barreto em 1653, por força da provisão de EL-Rei que mandava dar uma Aldeia ao Colégio. Os padres Mateus Delgado, Manuel de Souza e o próprio Vieira, todos três estiveram nela esse ano. Em 1658, Manuel David Souto-Maior propôs que Mortiguara, então “arca de Noé”, cheia de índios, se não aplicasse unicamente a serviço do colégio e entrasse na lei igual da repartição. Assim se fez. E nos seus dois sítios sucessivos, ficou sempre, depois, Aldeia de repartição, administrada pelos Jesuítas.[24]

A primeira aldeia barcarenense além de promover assentamentos aos índios descidos, aplicando-lhes novos costumes religiosos e instrutivos, ainda deveria fazer os mesmos produzir excedentes para cumprimento das leis coloniais. A imposição ao povo das aldeias caminhou no sentido de inserí-los na cultura urbana e pré-capitalista europeia. Neste contexto de pressões sobre os nativos e substituição de seus valores no que diz respeito, ao modo de vida, de construção do habitat com a utilização dos materiais retirados da floresta para erguer suas ocas, este homem amazônico viu-se diante da eminência da destruição do seu mundo tribal. E forçado a produzir árduo salto rumo à cidade, a qual é potencialmente fruto das sociedades complexas.

Os pressupostos “objetivos da Companhia de Jesus era de assentar as missões, edificando casas e igrejas nas capitânias do Maranhão, Pará e Gurupá, [...]”[25]. As intenções dos missionários em princípio foram efetivadas neste local, pois a aldeia primogênita mencionada nas crônicas sobre esse município foi Mortiguara, visto que, o mesmo aparece em vários relatos dos Jesuítas que estiveram nela. A marca mais significativa deste estágio da gênese da cidade se refere à construção da Igreja de São João de Mortiguara, localizada à beira da praia em frente à Baia de Marajó, um marco do início da implantação da cultura urbana por essa parte do território do Pará.

24 LEITE, apud GUIMARÃES, 1999, p. 32.
25 MARTINS, in Neves, 2006, p.43.

A erição da igreja constituiu-se em obra memorial do princípio arquitetônico colonial barcarenense, pois se trata de uma prova concreta do intento urbano, isto é, da organização social em volta dessas edificações. O ordenamento do espaço da aldeia provavelmente se deu em seu contorno, as primeiras fundações de pedra, paredes e tetos, os caminhos, ramais e ruas, surgiam em torno destes monumentos.

Mortiguara, segundo os escritos dos missionários era habitada por diferentes povos, no caso se referiam aos diversos grupos indígenas residentes na aldeia, alguns de dialetos de difícil compreensão como é o caso dos Nheengaíbas, provavelmente arrastados pelos “descimentos”[26] da Ilha do Marajó. Após a rendição desse grupo, por meio da intervenção do Padre Antônio Vieira no que diz respeito às sangrentas batalhas travadas pelos Aruãs contra os portugueses, mas os sobreviventes renderam-se aos colonizadores e, por isso, podem ter tido como destino a vinda para as diversas aldeias das missões espalhadas pelo estado do Maranhão e Grão-Pará. Essa pode ser uma das hipóteses mais prováveis sobre a presença dos Aruãs ou Nheengaíbas nas terras de Mortiguara, hoje Atual Vila do Conde situada no município de Barcarena.

Os fragmentos documentais referentes à origem de Barcarena como povoação de Belém no período colonial são escassos e não permitem maiores detalhes sobre o modo de vida deste vilarejo. Haja vista que os relatos históricos sobre este espaço foram deixados em sua maioria, através das crônicas dos Jesuítas empenhados na salvação das almas dos gentios por meio da fé católica. De acordo com a “Carta Régia”[27] do Rei entregue ao Padre Antônio Vieira em 21 de Outubro de 1652 antes da vinda do religioso para o Maranhão e Grão Pará, no escrito sublinhava-se que:

> [...] o principal intento das missões naquele Estado era a da salvação das almas para que os gentios conhecessem a fé católica, e para propagá-la concedia ao Pe. Vieira o poder de levantar igrejas, nos lugares onde escolhesse, fazer missões onde achasse conveniente, descer os índios dos sertões ou deixá-los em suas aldeias, além de ordenar aos governadores, capitães-mores, ministros de justiça e guerra, capitães das fortalezas e câmaras a fornecerem ajuda de índios, canoas, pessoas práticas na terra e em línguas, e o mais que fosse necessário para o aumento da fé católica no estado.[28]

A presença da Companhia de Jesus nas terras coloniais barcarenenses deixou as suas impressões na efetivação das ordens do Rei presentes na Carta Régia, uma vez que, levantaram igrejas, constituíram aldeias, catequizaram os gentios, ensinaram o *abc*, como na ocorrência da visita de Vieira a aldeia de Mortiguara onde ele determina ao padre Bettendorf que ficasse para aprender a língua indígena e ajudasse o padre Francisco da Veiga na missão, e na alfabetização dos índios. Daí se deu o episódio das letras grafadas na aldeia e nas areias da praia em frente à igreja de São João Batista de Mortiguara:

---

26 O descimento – era o ato de aprisionar índios para escravizá-los, levando-os para o litoral ou para as aldeias. PROST, Gérard. **História do Pará: das primeiras populações à cabanagem**. Belém: Secretaria de Estado de Educação, 1997. (Estudos Paraenses; v. 1), p. 50.

27 Carta Régia de 21 de Outubro de 1652. Apud BERREDO, 1988, p. 238-9.

28 MARTINS, in NEVES, 2006, p. 45.

> [...] mandei fazer tinta de carvão e sumo de algumas ervas, e com ela escrevia nas folhas grandes de pacoveiras, e para lhes facilitar tudo lhes pus um pauzinho na mão por pena, e os ensinei a formar e conhecer as letras assim grandes como pequenas no pó e areias das praias, com que gostaram tanto que enchiam a aldeia e as praias de letras.[29]

A concepção de missão colocado em prática pelos jesuítas em Mortiguara, não se difere das demais missões espalhadas pela Amazônia. Pois todas levavam em consideração "as rotas estratégicas, de ocupação que propunham a formação de vilas, aldeias e até fortificações, e que estavam próximas aos cursos fluviais – dos rios, como também próximo do litoral"[30].

Em vista disso, a identificação do surgimento da primeira aldeia local é de suma relevância a compreensão do processo de criação da cidade. Os "estilhaços" presos na História do Pará sobre o início de Barcarena são lacunas deixadas pelo fluxo temporal das fases ultrapassadas no percurso da aldeia até a cidade. Um movimento de construção, reconstrução contínuos do espaço criado pelos esforços das personagens que habitavam este cenário.

A materialização do Município é tributada ao desenvolvimento da aldeia, erguidas nas margens dos rios pelos Jesuítas e índios no território barcarenense, antes distrito de Belém. Eles foram os seus primeiros urbanistas, ao gosto estético de religiosos supridos pela força dos nativos, os padres deram origem ao projeto do que mais tarde viria a ser promovida a condição de vila, a categoria de vilarejo abriu outras possibilidades para os moradores, aos poucos este espaço de circulação de vários mercadores e pescadores, fez com que a comunidade fosse ampliada, sem, no entanto, esquecer a viabilidade das vilas para a capitação de impostos para a coroa, só pode existir cidade se houver pessoas. Os aldeamentos portugueses foram lugares diferenciais de convivência de portugueses, índios e, mais tarde negros no mesmo espaço.

O vento ainda agita as águas esverdeadas e barrentas da Baia do Marajó em frente à praia da antiga Mortiguara, cenário indicial da origem do Município de Barcarena. Os pressupostos delineamentos de portas, paredes de argila e telhados, configurados pelos jesuítas e indígenas no século XVII manifestados nas construções de igrejas são marcas do prenúncio do germe urbano. A origem da cidade vincula-se ao surgimento da aldeia de Mortiguara habitada pelos "índios Aruãs, também chamados pelos Tupis, de *'Nheengaíba'* que quer dizer povo que fala mal"[31]. Os Aruãs eram um povo enigmático de fascinantes atividades oleira e empenhados na luta contra os portugueses, por serem denotados guerreiros, segundo os raros relatos de cronistas da época.

De acordo com os registros históricos sobre o nascimento da cidade de Barcarena, constam "aldeias de cima até a região das ilhas e dos furos"[32]. As missões de Mortiguara e Gibirié, seguindo a cronologia especificada, esclarecem que:

29 BETENDORF, 1910, p. 156-157.
30 OLIVEIRA, Luciana de Fátima. **A Vila de Bragança Rios e Caminhos**. Mosaico, Goiás, ano 1, nº. 2, p. 188-197, jul./dez., 2008, p. 196.
31 GUIMARÃES, 1999, p. 21
32 Ibid, 1999, p. 32.

> [...] a mais antiga localidade deste Município é a Vila de Murucupi, pois a sua fundação deve remontar época anterior a 1654, porque a primeira referência histórica que conhecemos é datada daquele remoto ano, quando o padre José Delgarde certificava a existência de uma Capela de São João de Mortiguara, sendo, pois, possível à existência da aldeia mesmo antes da ereção da Capela.[33]

Se a Vila Murucupi é a mais antiga localidade deste Município, então o começo da cidade deve ser atribuído a Vila do Conde, antiga missão de Mortiguara, pelo fato de ser o principal entreposto geográfico, pois se localiza em ponto estratégico, de maior visibilidade e exposição para quem tivesse chegando ao território navegando pela Baia de Conde. Não se pode esquecer que a missão de Mortiguara foi a primeira missão religiosa de Belém, dada ao comando dos Jesuítas. "Deu-lha o governador Inácio do Rego Barreto em 1653, por força da provisão do El-Rei que mandava dar uma aldeia ao Colégio. Os padres Mateus Delgado, Manuel de Sousa e o próprio Vieira, todos estiveram nela esse ano"[34]. Daí a importância de Vila do Conde no processo de construção da biografia constitutiva da história urbana de Barcarena, a fim de clarificar os alicerces da urbe ribeirinha e industrial contemporânea repleta de entontecidos fluxos obscuros.

Trazer esta discussão sobre o berço urbano de Barcarena talvez seja o inicio de uma provocação histórica sobre os percalços desastrosos de se dizer que a cidade nasceu de um único lugar, quando os fatos e relatos históricos e arquitetônicos apontam outra direção, em que traz o olhar de tal surgimento vinculado a missão Gibirié, substanciado a motivos meramente religiosos. O que se questiona é a formação do corpo urbano barcarenense pelo conjunto de seus fragmentos, dos quais os personagens foram às aldeias de Mortiguara e Gibirié com seus habitantes; o mais importante para a formação das comunidades e da cidade são os seus atores, as pessoas, são elas as responsáveis pela construção do desejo urbano diante da vontade de morar na beira da Praia de Vila do Conde, em Mortiguara e na curva da beira do Rio de Barcarena na Vila de São Francisco, antiga missão Gibirié, onde ficou denominada como a origem oficial de Barcarena, mas que os fatos históricos dizem ao contrário, vincular a origem do Município somente a Vila de São Francisco é um grande equívoco. Mortiguara e Gibirié aldeias, vilas, missões vizinhas, irmãs, entre outras do solo do Distrito de Murucupi, são ambas, origem de Barcarena, foram nelas que os primeiros esteios, tijolos da história urbana barcarenense se ergueram.

Quando se compara as datas das duas principais missões coloniais no território do atual Município de Barcarena, constata-se a seguinte ordem temporal: os primeiros relatos sobre Mortiguara remetem a 1653, a primeira igreja foi construída de palma em 1655 e a outra de alvenaria com retábulos dourados, cálices e ornamentos preciosos e lâminas singulares, por volta de 1735, segundo Serafim Leite[35].

33 Ibid, 1999, p. 38.
34 Vide p. 37.
35 LEITE, apud GUIMARÃES, 1999, p. 32, grifo do autor.

Gibirié era uma fazenda de Francisco Rodrigues Pimenta, quando donatário fez a doação deste imóvel sobre a condição de que nunca fosse vendido à Companhia de Jesus antes de 1709 como afirma o texto a baixo:

> No mapa de 1753 achamos, pouco distante de Mortiguara, a missão de Gibirié (aparece também escrito Gibiré e Gibrié). Era uma fazenda, doada ao Colégio do Pará, antes de 1709, por Francisco Pimenta, com a condição de nunca se vender. Em 1730 o seus índios eram 87.
>
> Segundo o inventário, constava de três léguas de terra, com dois cacoais, e duas roças grandes. Havia nela serralharia, serraria e dois teares e casa de canoas. A residência, por se pequena, dispunha dos cômodos indispensáveis a que nem faltava estante de livros.
>
> A igreja media 55 para 60 palmos de comprido e vinte e cinco de largo. O orago, S. Francisco Xavier. É Além desta imagem, mais outra e diversos painéis. Os objetos e ornamentos da práxis não ricos, mas dignos.[36]

A missão de Gibirié, sendo vizinha de Mortiguara continha em sua população nativa, índios da etnia Tupinambá e Popiquara, sobre o comando dos padres Jesuítas, os indígenas trabalhavam nas plantações de cacau e mandioca. O aldeamento de Gibirié foi elevado à condição de Vila a partir de 1757. Qual era o significado da aldeia em ser promovida para vila, no que implica esta mudança de *status*? O presságio do surgimento da cidade, um Devir-urbano, a cidade outra aonde se quer chegar, construir, só que ainda é apenas intensidade de um tempo por vir.

De acordo com o historiador Lewis Mumford. "A vida de aldeia acha-se engastada na associação primária entre nascimento e lugar, sangue e solo"[37]. Os membros das aldeias tinham uma relação mais visceral com o lugar e com os outros membros, já que geralmente os aldeamentos eram formados por grupos familiares, por isso as relações eram mais fortes entre os membros e a terra, por causa da relação de parentesco a união era bastante forte entre eles. "Pode-se dizer que as aldeias fundadas pelos jesuítas constituíram as primeiras organizações sociais a serem implantadas na Amazônia e no Pará"[38].

De toda forma, as relações dos aldeados com o lugarejo onde residiam eram bem além da simples posse do solo, eles tinham apego ao modo de vida, os terrenos guardavam a memória dos antepassados preservados em seus túmulos nas cercanias destes lugares. O mesmo, não se pode dizer a respeito das aldeias missionárias barcarenenses, já que elas foram erguidas para receberem os índios removidos ou capturados durantes as investidas dos portugueses nas florestas em busca das drogas do sertão e dos nativos para explorarem a mão de obra deles em suas fazendas.

No caso de Mortiguara e Gibirié, em parte pode ter ocorrido que "os jesuítas atraiam para as suas aldeias toda a família, que era a base da tribo, acolhendo mulheres, velhos e

---

36 GUIMARÃES, p. 33.
37 MUMFORD, 2008, p. 15.
38 MONTEIRO, Benedicto. **História do Pará**. Belém: Editora Amazônia, 2006, p. 87.

crianças que eram conquistados para a religião"[39]. Mas pelo visto, nem sempre era possível ou permitido aos nativos ficarem juntos de sua parentela, em algumas missões era comum separá-los indiscriminadamente, em vista disso, eram espalhados pelas diversas aldeias existentes no Pará.

Os índios separados de suas famílias chegavam a fugir de algumas aldeias para tentar se reunir com os seus em outra, isso comprova que as missões eram espaços hostis à manutenção da família dos nativos, porque colaboravam para o desmonte desses grupos. Um exemplo desse descontentamento indígena aconteceu na ilha do Marajó durante o século XVII, de modo que:

> Em face das divergências entre as ordens religiosas quanto ao tratamento a ser dispensados aos índios, principalmente entre os capuchos de Santo Antonio e os Padres da Conceição, havia fugas de índios de uma missão para outra, às vezes para reunirem-se às suas famílias. Os índios chegaram a pedir ao rei que entregasse as missões a cargo de apenas uma das ordens religiosas, para acabar com aqueles problemas, mas não foram atendidos.[40]

As divergências não só ocorriam entre as ordens religiosas, mas, também, com os colonos justamente porque queriam utilizar a mão de obra indígena, chegando a escravizá-los, isso era frequente na Amazônia. E as aldeias em alguns casos eram celeiros de mão de obra indígena e pouco protegia os índios aldeados, já que eram explorados pelos religiosos e colonos, a alternativa era a fuga.

A diferença entre aldeia e vila se dá pelo motivo da primeira permitir a priori, maior fortalecimento dos laços entre os habitantes, tendo em vista, a maioria de seus componentes serem parentes. O maior vínculo com o local é mais intenso devido o homem possuir ligação forte com a terra de seus ancestrais e ainda viver num sistema de produção para a subsistência comunitária, enquanto que a segunda, após a expulsão dos religiosos, tomou-se decisão de transformar os aldeamentos em vilas, "[...] estabelecendo um novo regime social que tomou o nome de diretório".[41] Nessa nova condição se nomeava um diretor à vila, o qual seria responsável em administrar os moradores e a produção de excedentes para pagar os impostos a Portugal. Assim, a diferença da vila em relação à aldeia, no contexto colonial, era administrativa, econômica, política e social a princípio.

Com o estabelecimento dos Diretórios houve maior imposição aos índios moradores das vilas, eles eram obrigados a deixar parte de sua produção para o estado, este tributo penalizava ainda mais os nativos. Esta pressão produtiva sobre eles provocou, mais uma vez o abandono ou o esvaziamento do povo nativo do vilarejo, os que resolviam ficar eram aqueles já convertidos à fé católica e provavelmente, tinham familiares presos em alguma fazenda e ainda tinham a esperança de revê-los ou libertá-los e depois fugirem para a floresta.

39 Ibid, p. 86.
40 SCHAAN, 2009, p. 42-4.
41 MONTEIRO, 2006, p. 86-87.

As intenções portuguesas com a construção do maior número de vilas no Grão-Pará tinham objetivos claros quanto ao aproveitamento destes lugares na obtenção de mão de obra indígena. E, também, da exploração da floresta Amazônia e do desenvolvimento da colônia como proposta de civilização seguindo as ambições manifestadas pelos conquistadores[42].

A ampliação dos números de vilas possibilitava aos portugueses engajados na conquista da Amazônia, no caso específico do Pará, maior facilidade no controle do território, a fim de explorar as suas riquezas e enviá-las para a metrópole. Mediante a isso, os vilarejos iam surgindo nas embocaduras dos rios e furos. Estes lugares traziam em seus corpos os delineamentos e ordenamentos dos espaços das construções das igrejas, casas, prédios, praças e ruas retas, numa menção oposta aos caminhos tortuosos trilhados pelos índios na selva. A preocupação com a questão estética das vilas seguindo a tangente do tipo urbanístico feito em Lisboa demonstra a preocupação em estabelecer aos vilarejos, traços urbanos, como sinônimo de civilização e, claro, sem desmerecer a pretensiosa moral, caráter marcante dos homens ditos citadinos.

Os valores urbanos europeus, além das cidades, como Belém, começaram a ganhar dimensão no âmbito das vilas paraenses, no sentido de serem as bases do projeto civilizador português na Amazônia, todas as dimensões da cidade são implantadas inicialmente no interior dessa nova forma de ajuntamento social, em que os valores da cultura urbana se estruturavam dia após dia como microcidades espalhadas na selva. Os desígnios tribais das populações ameríndias vão se esvaindo da mente daqueles presentes nos vilarejos portugueses, o ambiente pré-citadino vinculam os nativos em seus valores mercantilistas transformando-os em força de trabalho, o índio deixou de ser selvagem para se tornar mão de obra escrava.

A missão de Gibirié teve o seu nome substituído para Vila de São Francisco Xavier, a qual se tornou mais tarde, a primeira sede do Município de Barcarena, e Mortiguara passou a ser chamada de Vila do Conde e atualmente Vila Murucupi, pelo motivo, da divisão administrativa do Estado do Pará, via decreto no ano de 1943. Entrementes, os estágios de aldeamento e vilarejo de Barcarena, denotam a obsessão do europeu em ocupar, conquistar, explorar, catequisar e construir urbes. As vilas barcarenenses, mesmo sendo, distrito da Capital, surgiram como candidatas ao título de cidade pelo desejo dos moradores, motivados pelo germe da polis encravado desde a aldeia, fortificado no aldeamento e concluído na emancipação.

42 Segundo Oliveira (2008, p. 189) o “Marquês de Pombal tinha uma visão clara acerca do Brasil como: a ampliação do número de vilas e sua integração num projeto que aproveitasse as potencialidades dos territórios até então inexplorados. Os indígenas - esses súditos até então praticamente ignorados pela Coroa - teriam papel importante nesse projeto de construção e, transformação da colônia. Esse “projeto civilizador” era uma tarefa considerada difícil, pois o governador Mendonça Furtado considerava que os colonos portugueses, tanto missionários como laicos tendiam a ser “um bando de grosseiros, despudorados e gananciosos, de pouco valor para como divulgadores da civilização”. Em 1740, como parte das medidas civilizadoras, a Coroa enviou colonos açorianos para ajudar no processo de ocupação da região. As comunidades edificadas de acordo com os códigos de construção vigentes seriam modelos de um pensamento ordenado e racional com praças regulares e ruas retas e bem traçadas tal como havia sido feito em Lisboa quando do terremoto de 1755”.

O desejo de se livrar da condição de distrito de Belém incomodava os habitantes da Vila de São Francisco, que tinham a intenção de reger o seu destino político, comercial, cultural, social e urbano. As outras vilas barcarenenses estáveis e as mais recentes comungavam também de tal desejo, pois, todas detinham certa independência da Capital quanto as suas necessidades de subsistência e logística à manutenção da vida.

A intenção urbana barcarenense veio a se concretizar em:

> [...] 1943, quando o prefeito (nomeado), Sr. Frederico Duarte Vasconcelos, solicitou ao então Interventor Federal do Estado do Pará, Cel. Joaquim de Magalhães de Cardoso Barata, a emancipação do Distrito de Barcarena do Município de Belém, sendo concedido através do Decreto Lei nº 4.505, de 30 de Dezembro de 1943, onde *fixa a divisão administrativa e judiciária do Estado, que vigorará, sem alteração, de 1º de Janeiro de 1944. (Diário Oficial).*[43]

Ficava estabelecida a partir de 30 de Dezembro de 1943, a consolidação de mais um estágio da evolução urbana política de Barcarena, para o orgulho da gente que habitava esta parte do Estado do Pará. Descendentes das aldeias de Mortiguara, Gibirié, atuais Vilas do Conde e São Francisco e das demais localidades coloniais barcarenenses como: Vila Itupanema, Povoado Arapiranga, na ilha de igual nome, Povoado Vitória, na ilha das onças, Povoado Aicaraú, ao longo do igarapé Aicaraú, "berço natal do notável Conego Batista Campos",[44] o Antigo povoado extinto de Carnapijó, também, conhecido como Carnapió, lugar da imagem de Nossa Senhora do Tempo, a Ilha Trambióca, onde jazem os restos mortais de Eduardo Angelim e outras comunidades recentes a este fato.

O nascimento da cidade de Barcarena foi a conclusão dos vários processos para se chegar à efetivação urbana ribeirinha, o sonho da cidadania, da manifestação de uma identificação com o corpo da urbe em evolução, a denominação do habitante barcarenense enquanto cidadão participativo na relação do fazer citadino, como a reconstrução progressiva da consciência urbanística desde os tempos remotos de Barcarena-Indígena das missões Jesuíticas, repletas de Aruãs, Tupinambás, Popiquara, Nheengaíbas que animavam os aldeamentos. E, em seguida, as vilas, para num salto no tempo, vislumbrar Barcarena-cidade, a pátria dos barcarenenses.

Com suas praias, baías, rios, igarapés, furos, barrancos, sua gente, suas festas e festivais; da origem da lambada emergida das quebradas de Barcarena no tilintar da palhetada certeira nas cordas da guitarra de Mestre Vieira, que possuído por estado dionisíaco fez o povo barcarenense vibrar e dançar o caliente e afrodisíaco som. A cidade pulsa e se espalha, cresce e toma conta de seu território, do mais plano ao mais úmido, ela aumenta o corpo através da ação multiplicadora dos seus moradores.

43 GUIMARÃES, 1999, p. 95, grifo do autor.
44 Ibid, op. cit., p. 40.

1.3. Cidade-corpo.

Toda cidade é um corpo encarnado dos seus cidadãos, "[...] por algum tempo, a cidade e o cidadão eram um só, e nenhuma parte da vida parecia estar fora de suas atividades formativas, moldada por si mesma.", disse Mumford[45], ao falar sobre a ligação dos habitantes com as urbes, que postula a inter-relação entre homem e "prótese urbana". Na visão mumfordiana, engendra-se os espaços urbanos barcarenenses na construção para ganharem formas e significados ou subjetividades na interligação com aqueles que a habitam. Logo, o corpo passa a refletir a vontade cultural estética do povo como forma urbana tornando-se um só.

Barcarena começou a ser construída pelos seus habitantes e todas as forças externas instaladas nas suas entranhas. Desde o período colonial, conquanto, as Vilas do Conde e São Francisco são herdeiras das aldeias, onde os europeus "personificados" de conquistadores conviviam junto aos indígenas, os quais eram os donos da terra, mas com o processo de colonização foram subjugados à condição de escravos em consequência disso:

> O aldeamento foi uma organização social inédita na Amazônia. Isso porque conviviam, no mesmo lugar, índios e missionários europeus, produzindo gêneros agrícolas e até mesmo objetos artísticos, de acordo com os padrões culturais da Europa. Tudo isso no meio da selva.[46]

Na dinâmica dos vilarejos, habitados por colonos, índios, religiosos e outros presentes na "*animação"* da cena ribeirinha até a conformação corporal municipal, estabeleceu-se uma lacuna de transformação do espaço urbano. Traçado pelos habitantes dessas vilas, da qual não se tem informações sobre este tempo em que foi construído o espaço que mais tarde culminou no corpo urbano atual.

Em vista disso, na ocasião da colonização, podem ser destacados duas comunidades ou vilarejos formadores do corpo da cidade barcarenense: Vila do Conde e Vila de São Francisco, esta ultima se tornou a sede municipal e foi onde houve o fortalecimento do desejo urbano. Todavia, Barcarena nasceu primeiro na mente cidadã, no corpo das pessoas como ideia para só depois se tornar forma efetiva; diante disso, apareceu primeiramente feito potencia de pensamento comunitário e foi amadurecendo aos poucos no meio do seio das famílias dos agricultores e pescadores, até chegar ao domínio do político, que atendendo o anseio comunitário fez a petição da emancipação do distrito barcarenense da cidade de Belém ao "então interventor Federal do Estado do Pará. O Cel. Joaquim de Cardoso Barata"[47].

Assim, oficialmente, como foi mencionado no estudo de Guimarães (1999), no qual ressalta o território barcarenense tornando-se Município do Estado do Pará em 1943. De

45 MUMFORD, 2008, p. 203.
46 MONTEIRO, 2006, p. 27.
47 GUIMARÃES, 1999, p. 95.

modo a estabelecer que vigorasse como cidade, a partir de 1° de Janeiro do ano seguinte, e assim, rompendo com a sua condição de distrito de Belém, Barcarena foi emancipada da capital. Portanto, no início de 1944, finalmente, o corpo político e geográfico do novo Município[48] do Estado do Pará se tornou realidade para os seus moradores.

A cidade está dividida em duas partes: Barcarena sede e Distrito do Murucupi, sendo que o primeiro é formado pelos seguintes bairros: Comercial, Centro, Cafezal, Imobiliária, Novo, Novo Um, Novo Dois, Betânia, Pedreira, Zita Cunha, Xavier e Barbolândia. Enquanto que o segundo compõe-se pelos seguintes bairros: Vila do Conde, Vila de São Francisco, Vila de Itupanema, Vila Nova, Vila dos Cabanos, Vila do Laranjal, Novo Horizonte, Novo Paraíso, Pioneiro Um, Pioneiro Dois, Jardim Cabano, Nossa Senhora de Nazaré e Beira Rio. São estes os bairros que compõem a urbanidade barcarenense com sua complexidade, contudo, recentemente algumas comunidades estão a se configurar no sentido de serem reconhecidos pelos moradores e órgãos competentes como novos bairros, por exemplo, a comunidade Nova Barcarena e Fátima e outras ocupações presentes na cidade.

Mediante a isso, as configurações barcarenenses antes formadas pelas aldeias e vilas por volta do século XVII sofreram uma crescente expansão das suas estruturas rumo à urbanização de Vila do Conde, Vila de São Francisco, Vila de Itupanema, Vila do Laranjal, bairros do Distrito Murucupi e são provas dessa progressão, no sentido do aumento populacional nos últimos tempos, enquanto que, os protótipos urbanos do Município são: a atual sede de Barcarena que teve seu plano urbanístico traçado por Francisco Cronje da Silveira, o primeiro personagem a intervir oficialmente, urbanisticamente ou geometricamente no corpo da cidade, na qual as linhas retas predominam a ponto de produzir a sensação espacial de conjuntos quadrados inscritos dentro de um grande retângulo. Em vista disso, quadras apresentam composições bem definidas urbanisticamente dentro do plano ortogonal, de ruas retas, largas, formando lotes bem dispostos com ângulos retos, em que a maioria dos terrenos mede 10 m de frente por 50, 40 ou 30 de profundidade, a área da cidade em suma, é plana, nesse contexto, talvez este aspecto tenha sido decisivo na escolha de tal lugar para receber a sede municipal.

48 Barcarena se tornou cidade pertencente à mesorregião metropolitana de Belém e a microrregião de Belém. Localizada geograficamente 01º 30' 24'' de latitude ao sul e 48º 37' 12'' de longitude a oeste de Greenwich, estando a uma altitude de 15 metros ao Norte faz limite com a Baia de Guajará e a Capital Belém; ao Sul com os municípios de Moju e Abaetetuba, a Leste interliga-se à Baia do Guajará e ao Município de Acará e a Oeste encontra-se com as água da Baia do Marajó. A área territorial barcarenense é de 1.316,2 km, (IBGE, 2008).



FIGURA 5: Vista aérea de Barcarena Sede.

Fonte: Google Earth.

As formas geométricas preponderantes fazem menção ao sistema retangular de linhas retas, levando em consideração a geografia plana do terreno, o sistema ortogonal da cidade demonstra a preocupação do urbanista em resolver os problemas funcionais do espaço barcarenense, deixando de lado a questão do valor, (Fig. 5). Esta escolha do traçado da cidade sem maior ambição estética do espaço urbano de alguma maneira implicaria na ausência do valor artístico, ao se considerar a preocupação de Camilo Sitte com este modelo urbanístico, pois "[...] a regularização do traçado das ruas é a meta de todos eles, um objetivo puramente técnico[49]".

As inserções das linhas retas nas paisagens do Município de forma indiscriminada sem levar em consideração a presença de alguns igarapés no meio da cidade, provocaram a construção de pontes ou aterramentos dos córregos de áreas de várzea, a fim de garantir o plano urbanístico e as crescentes implantações de casas em alguns bairros. Do mesmo modo, a Vila dos Cabanos é outro exemplo evidente de projeto urbanístico, mas também incompleto, ainda assim, se constitui na única parte de Barcarena em que o planejamento urbano foi realizado em parte.

Posta a margem direita do rio Mucuruçá encontra-se a Sede do Município de Barcarena, fruto da obstinação de grupos de cidadãos "visionários" insistentes em construir uma cidade forte com possibilidades de desenvolvimento e progresso urbano. A Sede da cidade contém sediada em seu "quintal" os prédios dos poderes Executivo, Judiciário e Legislativo, além do Hospital, Posto de Saúde em alguns bairros, Escolas, Delegacia, o

49 SITTE, Camillo. **A Construção das Cidades: segundo seus princípios artísticos**. São Paulo: Editora Ática, 1992, p. 100.

14º Batalhão da Polícia Militar com algumas viaturas e motos, porém de pequeno "*efetivo*" de soldados, um ginásio com problemas estruturais que precisa ser refeito ou virá abaixo, uma quadra poliesportiva histórica abandonada, um estádio ainda não terminado, algumas praças mal iluminadas, prédio da Feira Coberta, galpão da Feira do Produtor Rural, o Centro Cultural desestruturado e mal administrado é o palco do Festival do Abacaxi.

As secretarias municipais por não possuírem prédios próprios são transferidas para outros endereços constantemente, haja vista que, a prefeitura usa o sistema de locação de casas de cidadãos para por a sua parte administrativa. Por causa disso, as repartições vivem sendo transferidas de um canto a outro da cidade, elas estão sempre em deslocamento.

Diante da estrutura deficitária do corpo dos bens públicos serem bastante graves, como é caso do saneamento básico, por exemplo, não há tratamento de esgoto em Barcarena, (a não ser das casas), utiliza-se o sistema de drenagem através de galerias por onde o esgoto evacua direto no rio Mucuruçá, igarapés Aipi, Tapuá e em outros córregos ainda presentes no corpo urbano. O abastecimento de água está bem longe dos padrões de qualidade e é insuficiente para atender a todas as residências; alcançou somente parte de alguns bairros centrais. O asfalto das ruas, em muitas, são apenas recapeamento do terraplenagem para sair da poeira. As travessas, por sua vez, onde passam as linhas de transporte receberam no ano de 2010 uma camada mais espessa de pavimentação, mas muito falta ser feito, as obras não foram concluídas e a cidade continua esteticamente malcuidada.

O deslocamento dos cidadãos entre os dois lados da cidade é possibilitado através da Rodovia de Integração, interligada por duas pontes uma sobre o rio Itaporanga e a outra sobre o rio São Francisco. O transporte urbano ainda é alternativo seguindo trajetos específicos nos dois lados do município, entretanto, anteriormente era feito pela antiga rua da balsa, neste local disponibilizava-se uma balsa, responsável em realizar a travessia de pessoas e veículos de uma margem a outra do rio Barcarena. Há a possibilidade, de atravessar de barco ou *casquinhos*[50] a remo ou pegar os barcos da linha para Belém/ Barcarena e desembarcar no cais da Sede que fica a quinze minutos do porto da Vila de São Francisco.

O transporte alternativo atual está a cargo de cooperativas responsáveis em atender a população barcarenense, embora, tentem oferecer vans e ônibus as rotas são determinadas por pontos estratégicos, saindo de Barcarena Sede, percorrendo a Rodovia de Integração, passando em Nossa Senhora de Nazaré, Beira Rio, Vila dos Cabanos, praias, Vila de Itupanema, Vila do Conde, Fábrica e retornando para a Sede. A outra rota de Vans parte da Vila de São Francisco, passando pela Vila do Laranjal, Novo Paraíso, Novo Horizonte, Pioneiro, entrando na Vila dos Cabanos, praias, Vila de Itupanema, Vila do Conde e fábrica.

50 O "**Casco**" ou "Casquinho" é um tipo de embarcação a remo utilizado pelos ribeirinhos nos rios amazônicos, feito de madeira; podendo ser feito de um tronco só ou de tábuas, dependendo do tamanho pode transportar de três ou mais pessoas.

Não obstante, os problemas de transportes e infraestrutura urbana, nos dois lados barcarenenses sempre foram motivos de críticas da população em relação aos governantes que não fazem nada a respeito. Sobre um dos antigos anseios dos moradores: o da construção de uma ponte para interligar Barcarena Velha a Barcarena sede, ela encurtaria a distância entre os lados da cidade.

O sentimento de revolta motivado pela separação da parte onde a cidade teve sua origem com a cidade nova, dificilmente irá se concretizar. Na realidade, a sensação da existência de duas cidades desligadas já que o rio não funciona como ligação entre os espaços, e nem a rodovia de integração foi satisfatória; nesse sentido, os barcarenenses queriam mesmo era a "bendita" ponte sobre o rio Barcarena no lugar do antigo porto da balsa, era ali que deveria ser a interligação das duas Barcarenas, (FIg. 6), entretanto, a ponte ou as pontes foram construídas em outra área da cidade inviabilizando o comércio e o desenvolvimento da Vila de São Francisco, que ficou fora da rota dos veículos e das pessoas.

Os motivos de não se fazer a ponte onde se desejava supostamente, ocorreu por problemas relacionados a alguns cidadãos donos de barcos que tinham os seus negócios baseados na travessia de quem precisava ir de um lado para o outro da cidade nos casquinhos ou barcos de linhas, que se opuseram a construção da ponte neste local, porque ela inviabilizaria o negócio deles. Por este motivo, o prefeito resolveu redimensionar o projeto da ponte de integração para a rodovia de integração, agora com duas pontes integrando Barcarena Sede à Vila dos Cabanos de toda forma, as pontes da rodovia de integração ligaram os dois lados da cidade, mas deixou a Vila de São Francisco a antiga Sede Municipal sem ligação direta com a atual.

Este problema de interligação do município com sua parte histórica é motivo de repúdio por parte dos habitantes de ambos os lados da cidade, pois a intenção era de manter a urbe totalmente ligada. Porém, os mesmos problemas econômicos e políticos que fizeram criar o novo meio urbano, continuam entravando a realização deste grande empreendimento.



FIGURA 6: Porto da Balsa.

Fonte: Google Earth.

De outro modo, a criação da rodovia de integração teve interesse político e econômico de viabilização, de uma hora para outra, da criação das linhas municipais de transporte urbano, já que se a ponte fosse feita no porto da balsa os barcarenenses continuariam a ir e vir de um lado a outro de bicicleta sem qualquer problema, porém, isso não geraria divisas aos cofres públicos, "hipoteticamente" o surgimento deste mercado rodoviário deveria ser explorado por grandes empresas do setor, donas das estradas municipais. A criação das cooperativas foi a melhor maneira de disfarçar a verdadeira intenção dos governantes de fazerem o povo de Barcarena pagar passagem para se deslocarem no corpo da cidade, as pessoas nunca foram prioridades neste projeto, pois se fossem a ponte teria sido implantada onde todos queriam, e as fabulosas desculpas de geração de emprego de uma categoria não poderiam estar acima do interesse da maioria dos cidadãos do Município.

1.4. O valor estético da cidade.

Tratando-se de Barcarena, em que as ruas, os bairros da Sede dotados de animação, de vida, acontecendo em cada canto, pertencentes à estética urbana entontecida de cidade em construção, em pleno fluxo no sentido de valoração estética da cidade numa elevação à condição de conjunto de obras de arte. Como diz Argan (2005).

> Nosso problema é justamente o do valor estético da cidade, da cidade como espaço visual. Não o colocarei em termos absolutos: o que é a arte e se uma cidade pode ser considerada uma obra de arte ou um conjunto de obras de arte. "A cidade", dizia Marsilio Ficino, "não é feita de pedras, mas de homens." São os homens que atribuem valor às pedras e todos os homens, não apenas os arqueólogos ou os literatos. Devemos, portanto, levar em conta, não

apenas o valor em si, mas a atribuição de valor de uma cidade é o que lhe é atribuído por toda a comunidade e se, em alguns casos, este é atribuído apenas por uma elite de estudiosos, é claro que estes agem no interesse de toda a comunidade, porquanto sabem que o que hoje é ciência de poucos, será amanhã cultura de todos.[51]

Os homens atribuem valor as pedras, porque as paredes, os prédios, casas, em geral, o meio urbano é o lugar do encontro, espaço da existência e da morte. "As relações com o lugar são determinadas no cotidiano, para além do convencional. O espaço é o lugar do encontro e o produto do próprio encontro; a cidade ganha teatralidade e não existe dissociada da gente que lhe dá conteúdo e determina sua natureza"[52]. Desse modo, é necessário analisar a cidade por meio das relações de poder dadas no plano da urbe, a fim de que o valor estético se sobressaia feito potência relacional com o corpo citadino.

O valor estético da cidade está bem além de sua funcionalidade de ser o espaço de convivência, abrigo, lugar do comércio, da especulação imobiliária, da indústria, ou do movimento de capital. Barcarena com o seu "ar louco", alucinógeno, em que se justifica a relação entontecida de se viver nesta cidade, é preciso se interligar nela em busca deste valor estético de imanência visceral de vida e morte, não há como separá-la do corpo humano, pois é nos membros da comunidade que os malefícios e benefícios da urbe se manifestam com maior força.

Barcarena conecta-se com a Baia do Marajó através da praia de Vila do Conde, assim como a água doce e barrenta "levemente alterada" pelos impactos ambientais, frequentemente deslizam sobre a areia, ligando-se ao barranco onde se iniciou o "desejo citadino". De igual forma, o pensamento estético moveu-se ao encontro dos bairros, ruas, favelas, rios, furos, igarapés, caminhos, esquinas, praças e becos da cidade, explorando os mapas urbanos, mergulhando em sua microfísica, percorrendo os espaços escusos, desvendando suas madrugadas barulhentas nos fins de semana e desprendendo uivos atordoantes pelos seus cantos com o objetivo de se interconectar a Barcarena entontecida e junto dela, desvencilhar a sua estética urbana.

51 ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte Como História da Cidade**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (coleção a), p. 228.
52 CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade: o homem e a cidade e o cidadão de quem é o solo urbano?**. 8ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009. (repensando a Geografia), p. 73.



FIGURA 7: ABRÁS/ALUNORTE.

Fonte: Google Earth.

Partindo novamente de Vila do Conde com seu porto repleto de navios, fábricas, instalados no mesmo local em que nos tempos dos aldeamentos foi o cenário da missão jesuítica de Mortiguara, (Fig. 7), agora recoberta por dutos, engrenagens, plataformas, bacias de contenção de resíduos industriais derramados a todo o instante, chaminés, tonéis de todos os tamanhos, emaranhado de ferro, aço e concreto mantidos em funcionamento vinte e quatro horas por dia, numa velocidade incrível de produção por máquinas, músculos e mentes biológicas e digitais. O complexo industrial barcarenense chega a ser grotesco e belo ao mesmo tempo, aquecem o sonho de jovens que desejam comprar a primeira motocicleta para percorrer as ruas em direção aos igarapés e praias sinuosas com belas morenas nas garupas nos finais de semana.

O corpo metálico, rijo, cheio de energia a liberar fuligem, fumaça em Vila do Conde onde estão os habitantes ameaçados pela poluição do ar advindo das fábricas. O bairro simples no barranco resiste à fúria do tempo e da especulação capitalística, embora não fosse para eles estarem mais ali, no entanto, preferiram ficar e lutar contra as atrocidades dos empresários que queriam removê-los deste ambiente ancestral, se bem que, muitas famílias foram desterritorializadas de Vila do Conde para outras localidades de Barcarena para darem seus lugares à instalação das indústrias.

Aludindo a emblemática condição de bairro prefigurada no pensamento urbanístico de Jane Jacobs:

> Sejam os bairros o que forem e seja qual for sua funcionalidade, ou a funcionalidade que sejam levados a adquirir, suas qualidades não podem

conflitar com a mobilidade e a fluidez de ***uso*** urbano consolidadas, sem enfraquecer economicamente a cidade de que fazem parte.[53]

Considerando os bairros feito organismo que se autogerenciam, os moradores de Vila do Conde, foram sacrificados em função do desenvolvimento econômico da cidade, uma vez que, os empreendimentos presentes no corpo da Vila do Conde eram de suma importância para a industrialização barcarenense. Ainda assim, a relação de apego ao lugar de suas origens é muito forte e dificilmente pode ser comprada da gente do lugar, pois os moradores de Vila do Conde ainda estão lá em suas casas; eles são o testemunho da resistência contra essa segunda invasão da antiga Mortiguara.

A zona de conflito está posta, de tal modo que em Vila do Conde estabeleceu-se de um lado, o parque industrial e, do outro, a vila ou bairro, com sua igreja, patrimônio histórico colonial. Talvez seja o principal trunfo da não retirada ou transferência de todos os habitantes deste lugar, só a cultura, a memória e a vontade de residir onde os entes queridos foram sepultados pode ter sido a motivação para eles continuarem ali.

O corpo da Vila é construído pela ação dos moradores sobre o lugar, os barcarenenses que vivem em Vila do Conde são heróis urbanos por não venderem o seu espaço e nem sua história. Um dos lugares mais belos do Município, repleto de fábricas revela a função urbana de Barcarena de cidade industrial, em que é mais importante a produção de alumínio do que os habitantes, filhos desta terra.

A inversão da finalidade do corpo urbano que deveria a priori, ser o espaço de proteção, lazer, amizade, da cerveja no final do dia, das conversas, risos de celebração da vida, impõe-se sobre ele, com a crescente ameaça advinda pelos avanços das fábricas sobre o território, relembrados graças aos ruídos de caminhões no movimento de vai e vem pelas ruas de Vila do Conde em direção a fabrica e porto. Bem de encontro ao vislumbre mumfordiano quando critica a brutalidade dos estados corrompidos pelo capital:

> [...] devemos erigir o culto da vida em ação, como a conhecem o fazendeiro ou o mecânico; da vida em expressão, como a conhece o artista; da vida como a sente o amante e como o pai a pratica; da vida como é conhecida pelos homens de boa vontade que meditam no claustro, experimentam no laboratório ou planejam inteligentemente na fábrica ou no departamento do governo.[54]

Nada pode ser permanente na ligação afetiva entre o homem e a cidade, consequentemente, os espaços físicos de Vila do Conde em Barcarena são o palco do fluxo econômico da cidade, logo, deve se gerir rumo à convivência mútua entre os corpos humanos e o corpo maquínico fabril, mediante isso, verifica-se no substrato deste local, a convivência conflitante entre comunidade e empresários. A população sofre as mazelas de ter como vizinho o complexo industrial no que tange aos problemas sociais de exploração do prazer, tendo em vista, a prostituição presente na beira da praia, (na qual Bettendorf

---

53 JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção Mundo arte), p. 128.
54 MUMFORD, 1961, p. 21.

deu as primeiras lições de alfabetização aos índios), atualmente é o palco onde o corpo humano ganhou valor de alguns dólares, euros e reais, oferecidos pelos visitantes ilustres dos grandes navios cargueiros ancorados em frente ao Porto de Vila do Conde, antes e após a ampliação deste, como o centro de tudo.

A Vila do Conde é o bairro onde começou a estruturar-se *o corpo entontecido* barcarenense; outrora foi o espaço religioso do colonizador europeu; depois, o lugar das indústrias do capitalismo selvagem, concomitante a isso, vinculou-se a ele a imagem negativa de cenário de oferta sexual. Porém, a maioria das garotas de programa subsidiada em Vila do Conde vem de outras cidades, para tentar a sorte no porto internacional.

Tudo isso concentrado no mesmo lugar, faz com que até hoje, a Vila do Conde em Barcarena, seja vista como espaço conquistado e reconquistado pelos estrangeiros, num movimento de repetição, na qual a diferença está em que Vila do Conde do presente não se difere muito de Vila do Conde do passado, de modo que só a "forma se distingue da matéria ou o fundo" Gilles Deleuze[55], é como se aquilo de que ela se distingue não se distinguisse dela, porque antes era espaço de dominação dos poderosos colonizadores. Agora é dominada pelos poderosos conglomerados de capitais internacionais *Norsk Hydro*[56] de maneira que a repetição se caracteriza por Conde continuar sendo o espaço dominado pelos estrangeiros.

Indiscriminadamente, os portugueses anteriormente vieram trazer o catolicismo, a escravidão aos moradores indígenas no século XVII e a cultura de viver em cidades. Enquanto que no século XX, a implantação da industrialização trouxe com ela o surgimento de problemas de expropriação das terras barcarenenses: o aumento da violência, prostituição, pois empregaram muitas pessoas, só que de outras cidades e estados, inclusive foi feita até uma *Company Town*[57] só para os trabalhadores poderem ficar perto das fábricas e terem todos os serviços urbanos perto deles.

A invasão do corpo da cidade pelos migrantes é pequena, diante da invasão dos corpos das mulheres que se prestam ou são forçadas a estas práticas da indústria do sexo em Vila do Conde. Além da estética do grotesco presente na paisagem de Conde está à estética capitalista que compra tudo. Muito além do falso desenvolvimento da cidade, com a chegada do parque industrial criou-se a falsa imagem do desenvolvimento humano, não se pode falar de progresso urbanístico barcarenense, quando o social sofre ameaças dentro dos casebres enfileirados no âmbito familiar dos moradores de Conde e de outras áreas do Município.

---

55 DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006, p. 55.

56 **Norsk Hydro ASA** é uma empresa multinacional norueguesa de alumínio e energia renovável, com sede em Oslo. É a quarta maior empresa integrada de alumínio em todo o mundo. Possui operações em 40 países ao redor do mundo e é ativa em todos os continentes. O governo norueguês tem uma participação 43,8 por cento na companhia, que emprega aproximadamente 28.000 pessoas. E comprou da Vale em 02 de Maio 2010 a Alumínio Brasileiro S/A (Albrás) e Alumina do Norte do Brasil (Alunorte) e a Companhia de Alumina do Pará (Cap). (N.A).

57 **Cidade-empresa** construída para abrigar funcionários próximos ao complexo industrial, exemplo Vila dos Cabanos no município de Barcarena.

O corpo da cidade, também é formado pelas condições sociais, e as polis, em tese, deveriam repelir a violência dos seus espaços. No "[...] estado atual das coisas, a civilização industrial colocou em crise a concepção tradicional de cidade, mas ainda não conseguiu substituí-la por sua própria concepção"[58]. Nesse sentido, não se pode dizer que Barcarena, onde a insegurança se personifica nas ruas vazias e escuras praticamente de todos os bairros a partir de certo horário, se aplica como cidade obsoleta e nem do futuro; a estrutura corpórea do município está doente, no sentido de infraestrutura urbana, tanto nas periferias quanto nos bairros mais centrais do Distrito Murucupi e Barcarena Sede.

Por esse motivo, a dinâmica da formação do corpo urbano diz respeito, para além da arquitetura, ruas, esquinas, colégios, bares, *vans*, praias, bebida, comida, conversa, gritos e violência, de fato, todos os fenômenos responsáveis pela existência barcarenense exposto nos cenários da cidade nas ações de continuidades e celebração da vida, neste celeiro humano repletos de intensidades e devires. Assim, a concretização de Barcarena deu-se ao longo do processo histórico, mediante a interferência dos habitantes na crescente produtividade construtiva de cada quadra do Município.

Há uma Barcarena humana oposta a industrial, assim como, existe da mesma forma a *entontecida* pela dinâmica estabelecida pela dimensão da vivência na qual os moradores são os seus agentes. Estabelecendo o diálogo diário com o corpo do Município, no sentido da interferência das pessoas na dinâmica de maneira a retratar o fervilhar urbano em que o olhar se desloca pelos espaços citadinos movidos pelos fatos urbanos sem qualquer tipo de relação com a funcionalidade tipificada da urbe das fábricas, mas muito mais preocupado o município.

É nessa dimensão do humano que a cidade ganha força para se tornar o espaço da dramatização das vivências conforme as forças moventes dentro do espaço da urbe.

> Hoje a cidade é a expressão mais contundente do processo de produção da humanidade sob a égide das relações desencadeadas pela formação econômica e social capitalista. Na cidade homem-natureza, a atomização das relações e as desigualdades sociais se mostram de forma eloquente. Mas ao analisá-las, torna-se importante o resgate das emoções e sentimentos; a reabilitação dos sentidos humanos que nos faz pensar a cidade além das formas. Isso nos faz analisar a cidade para além do homem premido por necessidades vitais (comer, beber, vestir, ter um teto para morar), esmagado por preocupações imediatas. A cidade é um modo de viver, pensar, mas também sentir. O modo de vida urbano produz ideias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer, e também cultura.[59]

A ideia do urbano extrapola aquela da imediaticidade de Barcarena ser mera elaboradora de bens industriais internacionais, inscrita num processo de produção, distribuição, circulação e troca. É também o espaço dos bens sociais, políticos, ideológicos, jurídicos, articulados na conjuntura da formação econômico-social do município, como bem pensa Carlos (2009).

58 ARGAN, 2005, p. 225.
59 CARLOS, 2009. P. 25-26.

Sendo assim, a dimensão do humano barcarenense se revela importante na construção e animação da vida urbana, na acepção da elevação dos sentidos da cidade para além de suas estruturas funcionais, práticas, para lhe despertar algo potencial.

"A estetização geral (e relativa) dos diversos Universos de valor conduz a um reencantamento de outra natureza das modalidades expressivas da subjetivação"[60]. E na tentativa de revelar as "texturas ontológicas"[61] dos perceptos e afectos artísticos imanentes na cidade numa outra visão das dimensões urbanas, de também, poderem ser ativados mediante o modo de vida urbano.

No que diz respeito à Vila de São Francisco, a antiga Gibirié, atualmente palco memorial do inicio do sonho urbano barcarenense, na qual se percebe nas casas, ruas e pessoas a estetização característica do lugar da maior conquista barcarenense. Isto é, do estabelecimento da fuga da condição distrital para se tornar reconhecida como cidade, erguida bem numa curva da margem do rio Barcarena, onde se constituiu em espaço urbano agradável para se viver.

E, sem deixar de manter características marcantes de sua época de vilarejo, onde se vê as casas enfileiradas pelos lados e fundo da igreja, no qual o ordenamento ainda faz referência à época da missão religiosa do século XVII. Apesar de se tratar de um dos mais importantes bairros históricos da cidade, ele continua sendo chamado sob o codinome de Vila, sendo que antes se tratou da sede Municipal de Barcarena.

Sobre a localização de São Francisco ou Barcarena Velha, situada a margem direita do rio Barcarena, também conhecido como: Gibirié ou Curuçá em documentos coloniais aparece numa análise de 1833:

> Sobre Barcarena, logar fundado na margem septentrional do rio Gibirié ou Curuçá, como lhes chamam outros, sobre terreno baixo, duas léguas para dentro de sua bôca, a qual jaz na porta do seu furo canal de Carnapijó, que descrimina as terras de Barcarena da Ilha das Onças, que entesta com a cidade (Belém). Habitam esse logar e seu distrito 445 indivíduos, dos quais 145 eram escravos. O distrito desse logar compreende o Igarapé Murucupi, o Furo Atituba, a Ilha Xirituba, o canal de Carnapijó e o Igarapé Aicaraú. A igreja é consagrada a São Francisco Xavier. Este logar pertence ao terreno da cidade de (Belém). É e foi uma fazenda dos padres da Companhia de Jesus e então tinha o nome do mesmo rio Gibirié.[62]

Baena já se referia a ela como Barcarena situada do lado Norte do rio Gibirié ou Barcarena, a 10 km da boca do Furo do Carnapijó que faz limite entre Barcarena e Ilhas das Onças em frente a Belém. O terreno da Vila de São Francisco era baixo, talvez ele tivesse fazendo referência à área de várzea de algumas partes do lugar, inclusive a delimitação distrital foi feita levando em consideração os rios, furos e igarapés.

60 GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 5ª ed. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2008. (coleção Trans), p. 135.

61 O termo, "texturas ontológicas" refere-se à própria estrutura da cidade ser documento histórico, cultural, estético de dada civilização e por isso, contêm em si entes em suas estruturas, ou seja, no chão, muros, paredes, ruas, pessoas, memórias habitando suas entranhas.(N.A).

62 BAENA, apud GUIMARÃES, 1999, p. 37.

Quanto ao vilarejo ou parte urbana menciona-se a Igreja e fazenda. Atualmente a Igreja de São Francisco Xavier (Fig. 8) é o grande monumento histórico arquitetônico da primeira sede do Município, porém, a forma da Vila dos Cabanos pode ser uma das referências indiciais do início da construção do corpo da cidade, pois a organização das ruas quadras remete ao ordenamento feito no período dos aldeamentos e vilarejos na Amazônia, em que as ruas, casas e prédios foram surgindo pelas cercanias dos templos religiosos ou em volta dos fortes, quando havia (Fig. 3 e 4).



FIGURA 8: Igreja de São Francisco Xavier em Barcarena- Pará.

Fonte: Arquivo pessoal.

Ao se tratar da área do corpo da cidade de Barcarena mais urbanizado, fala-se de imediato da Vila dos Cabanos, como já foi mencionada anteriormente, a *Company Town* barcarenense. Construída para abrigar os funcionários das empresas do projeto, Alumínio Brasileiro S/A (Albrás) e Alumina do Norte do Brasil (Alunorte), pertencentes a multinacional norueguesa Norsk Hydro[63] que as comprou e, também, a Companhia de Alumina do Pará (CAP) da Vale em 02 de Maio 2010.

Sobre a infraestrutura urbana de Vila dos Cabanos como "polo microrregional que se supõe para o novo núcleo, [...] de cidade aberta a todos que a procurem"[64], como sendo um projeto social alternativo para toda a população, de objetivos claros no ataque ao isolamento, da identidade de referência, de modo a atacar as relações sociais existentes em outras cidades-empresas instaladas em outras áreas da Amazônia, até então. Não se queria para Vila dos Cabanos as mesmas configurações de cidades fechadas, mas o

63 CADEIA DO ALUMINIO NORUEGUESES COMPRAM ALBRAS E ALUNORTE. Belém, 3 mai. 2010. Disponível em:< http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-88443>. Acesso em: 25 jul. 2011.
64 SUDAM. **Plano Urbanístico de Barcarena**. São Paulo: Guedes e Associados, 1980b, vol. 2, p.62.

intento era torná-la uma possibilidade de inserção, integração, de modo a não ser construída apenas para dar apoio logístico somente às empresas, mas, também, de igual forma aos cidadãos barcarenenses que preferissem viver nela.

Segundo análise de Trindade Jr. e Rocha (2002), o plano urbanístico de Vila dos Cabanos estaria equipado com imensa logística urbana de serviços comerciais, para atender a clientela tanto da *Company Town* quanto aos moradores do entorno. Segundo os autores o que começou a ser vendido de imediato no ano de 1984 foram os lotes, iniciando a ocupação dos mesmos entre junho e outubro deste mesmo ano. Conforme aponta Tourinho (1991):

> O processo de comercialização dos mesmos entre junho de 1984 e a ocupação dos mesmos entre junho e outubro do mesmo ano. Cerca de 7.000 a 8.000 lotes já haviam sido implantados até 1990, porém apenas 3.259 foram comercializados de 1984 1 1990, sendo grande parte de propriedade da Albrás – 2.359 (72, 39%).[65]

Por este prisma, os equipamentos urbanos começam sua instalação com a constatação ou efetivação da área dos lotes comprados: as lojas, redes de supermercados, farmácias, hospitais, clubes de lazer, escolas, correios, telefonias, internet, terminais rodoviários, corpo de bombeiros, bancos, restaurantes e outros serviços, foram surgindo de forma especulativa em volta dos lotes de casas que começaram a ser habitadas. E, até hoje, o núcleo urbano como ficou conhecida a Vila dos Cabanos é o centro comercial de Barcarena, pois os maiores empreendimentos estão lá e cada vez mais, estão chegando para usufruir deste mercado.

Não há como negar que o centro barcarenense é a Vila dos Cabanos, pelos menos no aspecto econômico e de infraestrutura. Os olhos dos cidadãos de Barcarena se voltam para esta Vila por ela ser a maior referência do desejo de urbanização dos outros bairros periféricos que ainda vivem desprezados no sentido de manutenção dos conceitos de cidadania. Todos os caminhos barcarenenses giram em volta do bairro que se tornou o protótipo de desenvolvimento da cidade, tendo em vista, a possibilidade de expansão desse padrão para outros bairros da cidade.

Entretanto, em meio a todos os lados positivos da cidade projetada o objetivo da produção deste espaço urbano não foi efetivado totalmente. "Na verdade, grande parte do que foi concebido no plano acabou não sendo posto em prática"[66], pois a população da Vila dos Cabanos é bem abaixo do que era esperada, a ideia de cidade aberta possibilitou a vinda de muitas famílias para esse local, no entanto, devido à elevação do preço dos terrenos somente as pessoas de poder aquisitivo mais elevado permaneceram morando na Vila, os menos privilegiados foram morar em Barcarena Sede, ou nos bairros localizados nas proximidades, também da fábrica.

65 TOURINHO, apud TRINDADE JR; ROCHA. **Cidade Empresa na Amazônia: gestão do território e desenvolvimento local**. Org. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Jr.. Gilberto de Miranda Rocha. Belém: Paka-Tatu, 2002, p. 204.
66 TRINDADE JR; ROCHA, 2002, p. 203.

A Vila dos Cabanos possui um clima de “cidade dormente”[67] durante o dia e noite, os espaços, as ruas, as pessoas, são silenciosos, chegam a incomodar o passante, é como se não houvesse criança, cachorros, sons nas casas ou mesmo vida; a ausência de animação no meio urbano assombroso, de modo que os estudantes passam parte do dia na escola e depois no clube, ou nos quartos a jogar seus vídeos games, enquanto os adultos estão na fábrica cumprindo seus pesados turnos de oito horas diárias. O clima tranquilo da Vila possibilita aos moradores um bom lugar para descansar durante o dia e a noite, só não se sabe até quando.

Os moradores deste seleto bairro barcarenense na sua maioria não são filhos desta cidade, vieram de fora, famílias inteiras migraram para cá a serviço das empresas, algumas famílias vivem neste local há bastante tempo e, por isso, adotaram Barcarena como casa. Os empreendimentos logístico-urbanos construídos fornecem comodidade a esta população.

No entanto, mesmo com as melhores vestimentas, os belos carros, motos, lanchas, os melhores *points* noturnos e regalias urbanas do luxuoso bairro modelo, faltam-lhe intensidades que façam as pessoas, as casas, os cantos vibrarem com a pulsação de embriaguez da vida. Para não ficarem somente no aspecto da face apolínea[68] com aparência das pessoas e casas todas no mesmo padrão frio do cenário frio de repetição visual do bairro.

Há uma nova dimensão da cidade, como um novo mundo em que se pode vê-lo, tocá-lo, construi-lo, fazê-lo ou desconstrui-lo, e participar dele ativamente como agente do seu processo de construção; experimentá-lo na matéria formante da cidade através da interferência existencial humana no nível da embriaguez, numa contemplação e intervenção no espaço da vivência como potência traduzida em arte pelo modo de viver de cada pessoa[69].

É essa energia de animação que falta a Vila dos Cabanos para se tornar efetivamente uma cidade aberta e fervilhante. No entanto, tem-se na Vila dos cabanos um mundo de beleza apolíneo imanado na forma arquitetônica das quadras, ruas e casas, refletindo de igual forma a vida pragmática da gente do lugar, fortalecida pelas retas numa pressão

---

67 Durante o dia a Vila dos Cabanos com suas quadras e lotes de casas é tranquila e calma, assim como a noite paira o silêncio nas vizinhanças motivado pelo descanso dos trabalhadores da fábrica, em suma, este bairro barcarenense em certos pontos parece uma cidade adormecida, mas este aspecto é um clima específico deste local. Esta característica de cidade tranquila para se viver é que a torna diferente dos outros bairros barcarenenses. (N.A).

68 A “face apolínea de Vila dos Cabanos” é o reflexo aparente da rotina: fábrica, casa dos trabalhadores e moradores deste bairro, haja vista que há certo grau de seriedade quase mecânica no lugar que repassa aos corpos presentes neste espaço carregado de valores sóbrios a enfatizar a rotina de muito trabalho e pouco lazer, num controle maquínico dos corpos. Sem vinculação com o perfume de ambrosia nietzschiana, no sentido de despertar para o mundo prazeres sensoriais contra a aparência dura do mundo.

A ‘aparência’ é aqui o reflexo, a contra-aparência do eterno conflito, pai das coisas. Dessa aparência se eleva então, como um perfume de ambrosia, um novo mundo de aparências, como uma visão imperceptível para aqueles que estão presos na primeira aparência – um flutuar luminoso na mais pura beatitude e na contemplação sem dor, que irradia dos olhos totalmente abertos. (NIETZSCHE, 2007,§ 4, p. 44).

69 Para Nietzsche (2007,§ 1, p. 32). “O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte: a potência estética da natureza inteira, para a máxima satisfação do Um primordial, se revela aqui sob o estremecimento da embriaguez”.

geométrica do espaço sob os olhos, a permanência da atmosfera de "cidade dormitório", uma grande cama de descanso em tributo ao labor ou de quem labora na produção do Alumínio vendendo sua força vital. "As musas das artes da 'aparência' empalidecem diante de uma arte que proclamava a verdade em sua embriaguez; [...]"[70], os habitantes da Vila dos Cabanos, ponderados em suas medidas estão submetidos à condição de esquecimento do seu estado dionisíaco[71], ao enfatizarem em demasia as questões funcionais da vida e transformando o espaço na nulidade de êxtase, pelo motivo de estarem sendo calcados pelo ritmo ininterrupto dos fornos das fábricas.

A lembrança de tais aspectos factíveis da *Company Town* em Barcarena serviu para se tecer a linha de fuga, através dos pressupostos ensinamentos retirados de *Coketown* conforme alerta Mumford "[...] a produção fabril em larga escala transformou as cidades industriais em sombrias colmeias, a fumegar ativamente, a bater, guinchar, a expelir rolos de fumo de doze a quatorze horas dia, algumas vezes vinte e quatro horas"[72]. O processo de produção em larga escala exige a presença quase constante dos funcionários na fábrica, mesmo que seja apenas para operar uma máquina ou manter tudo em funcionamento; graças a isso, o trabalhador fica impossibilitado de levar uma vida mais prazerosa, proveitosa. Isso começou a ocorrer, com mais força, no início do século XIX no âmbito das urbes, pois até então:

> [...] tinha havido certo equilíbrio de atividades dentro da cidade. Embora o trabalho e o comércio fossem sempre importantes, a religião, a arte e diversões reclamavam sua parte das energias do citadino. Mas a tendência à concentração nas atividades econômicas e a considerar como desperdício de tempo o esforço gasto noutras funções, pelo menos fora da casa, vinha crescendo continuamente desde o século XIV.[73]

A sensação que se tem da imposição do ritmo de produção da Albrás/Alunorte[74] aos trabalhadores é imenso, por isso, exaustivo. Daí o cansaço, a necessidade de descansar para repor as forças é evidente e causadora da calmaria da Vila dos Cabanos em Barcarena, não se quer intervir no repouso dos moradores, mas despertar a celebração da vida, para que se desmanche "o clima cinza e marrom, advindo do Alumínio e Bauxita", rumo às coisas mais humanas, citadinas.

O processo de criação Barcarenense de mundos diferenciais dentro de sua própria dimensão apontam várias possibilidades de interpretação do espaço do qual se fala neste trabalho. Assim, a partir do momento em que se diz deles, essas informações constituem-se em processos de subjetivações, pontos de vistas particulares, a fim de cumprir instigante coerência com a "*ferina pena*" do filósofo intempestivo em sua Gaia Ciência.

70 NIETZSCHE, 2007, § 4, p. 45.

71 "[...] o dionisíaco se revela aqui como força da arte original e eterna que chama à existência o mundo dos fenômenos inteiro, no meio do qual uma nova ilusão transfiguradora é necessária para manter em vida o mundo animado da individuação". Nietzsche, (2007, § 25, p. 171).

72 MUMFORD, 2008, p. 531

73 Id, 2008, p. 531.

74 Alumínio Brasileiro S/A (Albrás) e Alumina do Norte do Brasil (Alunorte) são empresas instaladas no município de Barcarena- Pará, beneficiadoras de alumínio, pertencentes a multinacional norueguesa Norsk Hydro.

> Mas penso que hoje, pelo menos, estamos distanciados da ridícula imodéstia de decretar, a partir de nosso ângulo, que somente dele *pode-se* ter perspectivas. O mundo tornou-se novamente "infinito" para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que *ele encerre infinitas interpretações*.[75]

Dessa forma, ao aludir a tal visão nietzscheana sobre as infinitas possibilidades de interpretações do mundo, toma-se, por sua vez, o corpo da cidade de Barcarena por se tratar de um espaço construído pelas pessoas e, por isso, aberto aos vários olhares e significações de suas paisagens urbanas. O plano, o solo, a dimensão do corpo urbano barcarenense de fragmentos do passado repletos de contradições começam a compor em favor da cidade para a construção de seus significados.

A imagem projetada ou midiatizada do município pelo mundo: de cidade modelo, desenvolvida, urbanizada e funcional não condiz com o corpo urbano de Barcarena que precisa de obras de infraestrutura em todos os bairros. Ainda assim, essa imagem de cidade ideal, (almejada pelos gregos há muito tempo atrás), ainda permanece nas mentes dos cidadãos barcarenenses: "a cidade que ficou latente como ideia, porém jamais foi adequadamente realizada em tijolos ou mármore"[76].

Ela é sempre um devir, ou melhor, um vir a ser, uma possibilidade, um intento, algo para se perseguir mediante seus problemas imanentes. É um dado sentimento instalado como a orquídea no ventre da vespa realizando rizoma heterogêneo, como dizem Deleuze e Guatarri (1995), assim funciona o desejo encravado no confronto diário do homem com as suas próteses, não pode ser diferente entre ele e a cidade, ou seja, o homem carrega na mente uma cidade e a cidade contém este homem territorializado.

O corpo barcarenense sofreu e ainda sofre profundas descaracterizações urbanísticas de suas paisagens, no que tange a ocupação de seu espaço, provocadas pelas instalações de indústrias e ocupações desordenadas frequentes nesse território. Por esse motivo, num sentido mais desfavorável possível, o crescimento barcarenense tornou-se sinônimo de desordem e caos, e o desenvolvimento tanto almejado pelas famílias nativas se tornou frustação e sinônimo de preocupação, tendo em vista, o aumento progressivo do desemprego, insegurança, criminalidade, descaso com a saúde, infraestrutura urbana ineficiente, falta de serviços, abandono cultural e degradação do meio ambiente.

Comumente, Barcarena foi alterada ou violada na sua estrutura e imagem através do fluxo expansivo do seu corpo ao longo do tempo, essas alterações foram promovidas pelos habitantes ou por invasores de diversos tipos e intenções. Isso pode ser observado, por meio da alteração espacial e formal de bairros inteiros com a instalação das fábricas e, também, do surgimento de alguns novos bairros oriundos dos processos de favelizações de algumas áreas da cidade.

---

75 NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, § 374, p. 278, grifo do autor.
76 MUMFORD, 2008, p. 201.

Essa herança caótica ganha força por causa da fama equivocada imposta ao município de ser palco de melhorias de vida, graças ao mercado de trabalho aquecido pelo seu processo de industrialização. No entanto, “o eldorado” do alumínio e bauxita revelou-se enganoso, porque dificilmente, tal mercado absorveu o exército de trabalhadores de reserva inseridos no contexto, que por sua vez, só engrossaram ainda mais o número das ocupações por não terem onde morar.

Em meio a essa condição desfavorável dos trabalhadores, só restou a eles, escolherem um terreno desocupado, derrubarem as árvores, tocarem fogo em tudo o que não se precisava. Em seguida, retirarem os tocos, fincarem as varas, pregarem ou amarrarem tudo, cobrirem com palha ou com plástico preto e, finalmente, erguerem mais uma favela e, consequentemente, em seguida se fosse possível e viável politicamente, teriam o início de mais um bairro.

Notadamente, a imagem da cidade foi afetada por esses tipos de acontecimentos de sem-teto. A falta de planejamento urbano ou preocupação com a estética da cidade revelou a displicência com uma política urbana eficiente de habitação, haja vista, o atraso da implantação da infraestrutura que sempre chega após as construções desordenadas. Em virtude disso, o município tem ganhado dia após dia, nova configuração espacial e visual estruturada e desestruturada conforme o desejo e manobras jurídicas e políticas por causa da retomada da propriedade pela prefeitura ou pelo pressuposto dono.

Indubitavelmente, não se trata de simples visão estratificada e definida do corpo citadino, posto que o intento não seja a busca de singularidades identitárias. Mas, sim, multiplicidades de pensamentos imanentes atuantes como vetores livres de subjetividades, resultantes da interface do modo de pensar Barcarena ligando-a aos seus vários campos de intensidades existentes no fluxo histórico municipal.

Atualmente, diante do crescimento das cidades tornou-se necessário desenvolver uma consciência urbana fundamentada na amizade entre o homem e o *constructo* urbano para poder lidar com as expansões citadinas, ao exemplo dos gregos, onde o cidadão e a cidade eram um só. Porque a cidade é o espaço das relações, das vivências, das intempéries da vida, ela é, por excelência, o espaço do acontecimento, os fenômenos humanos são mais intensos na urbe, ela é o lugar da arte, da filosofia, religião, ciência, morte, ética e moral, por fim, a cidade é totalmente humana, pois, ela sua, fede, muda de imagem, esquenta e esfria ou fica morna, é pura excitação de energias intensas. A cidade vive e morre: “é gente”.

Portanto, Barcarena além de suas formas arquitetônicas, amazônica ribeirinha e industrial, ela dimensiona isso tudo para se inserir nos níveis das relações com seus habitantes, diz-se desse relacionamento cidadão-cidade num nível de toque, de descobertas de sensações presentes em cada esquina da cidade e rua pisada ou levemente acariciada pelos pés de quem anda sobre seu corpo urbano. Essa dimensão do toque é quase uma “masturbação” recíproca entre cidadão e cidade, como os pneus de uma bicicleta a deslizar

suavemente nas texturas das ruas. Isso é pura imanência presente no chão deste espaço que atraiu os seus moradores pelo descaso, porque viver neste lugar é se interligar nele através de seus "doces dissabores".

1.5 – O Deslocamento:

O deslocamento, a retirada de Barcarena de seu lugar escondido, mudá-la, transferi-la, desconjuntando-a de sua posição na curva do rio (Barcarena). Fazê-la mover-se para outro rio mais aberto com mais visibilidade e espaço para crescer, se livrar da condição de vilarejo ainda presa no molde das missões religiosas da "estética jesuítica" de lugar pequeno; arrebentar as amarras para fazer sair da articulação de minimização, andar e progredir, era isso o desejo barcarenense.

E queriam uma cidade feita por eles, no lugar onde tivessem a chance de manter outra relação de interdependência com o chão, paredes, ruas, gente, bichos e o rio. Barcarena se deslocou de um lado para outro de seu território, por ter crescido antes, nas mentes, depois, no corpo; forma e na ambição de verve humana construtiva. Prontamente, foi o corpo de sangue que se propagou por todos os cantos do território chamado Barcarena, Vila do Conde, Vila de São Francisco, Vila de Itupanema, Caripi, Vila dos Cabanos e Vila do Laranjal, num constante pulsar de energia criativa, o ser barcarenense.

As pessoas deslocaram a Sede do município de Vila de São Francisco para a atual Barcarena Sede[77], a nova cidade. Assim, o deslocamento trata-se da transferência da Sede Municipal, tudo ocorreu porque o lugar onde se localizava a cidade, na época já denominada de Barcarena, ficava numa parte do rio Barcarena de fraca circularidade de navegação. As questões econômicas e geográficas vinham interferindo na pequena urbe; a liderança política atribuiu a falta de desenvolvimento à má localização.

> [...] os problemas advindos pelas condições geográficas ali sujeitas, como ficam explicitas na fala de uma liderança política da época: "não é possível que Barcarena progrida, estando fadada a viver estagnada como até agora, por ter a sua sede escondida em uma curva de rio longe do transito marítimo que é feito diariamente e a todo o momento pelo furo do Arrozal.". Essas e outras reivindicações da comunidade local que se sentindo deslocada do eixo de circulação econômica fez-se ecoar.[78]

A palavra deslocamento soa até mais leve do que transferência[79], haja vista o apego dos moradores a Vila de São Francisco, eles não abandonaram o lugar deles, a Sede foi removida para um terreno de boa localização, plano, enxuto, margens sólidas, boa terra para plantação e situação topográfica favorável a construção de uma nova cidade para

77 Área de 1.310 km2 (IBGE, 2007).

78 GUIMARÃES, 1999, p. 96

79 Os habitantes de Barcarena Velha ou Vila de São Francisco, local do centro barcarenense juntamente com o prefeito Frederico Duarte de Vasconcelos a partir de 1946 iniciou a campanha para se "mudar a sede do Município de Barcarena da margem direita do rio Barcarena (atual Vila de São Francisco), para a margem esquerda do rio Mucuruçá (atual sede do Município)". Id, 1999, p. 97.

repouso. A proximidade com a capital foi levada também em consideração, bem como, a acessibilidade às pequenas e grandes embarcações que passavam em direção do Amazonas e outros municípios paraenses.

A transferência da Sede da cidade do rio Barcarena para o Mucuruçá foi aprovada pelo diretor do Instituto Regional de Geografia e Estatística, um dos órgãos que analisou o processo de deslocamento da Sede Municipal, Francisco Cronje Bezerra da Silveira, mas com a ressalva de se construir um plano de urbanização para a nova cidade.

> Já que se pretende mudar a sede municipal construa-se uma cidade urbanisticamente moderna, louvando-se nos exemplos de nosso próprio país, como Goiânia, a progressiva metrópole de Goiás. Não que se almeje descartar Barcarena a tão alto lugar, mas torna-la uma cidade nova, moderna e que permita aos porvindouros avaliar o grau de nossa civilização.[80]

A planificação urbanística de Barcarena Sede é a execução das ideias de Cronje da Silveira, que no desenho aparecem oito travessas e doze ruas, as quadras medem 100 X 100 m^2, quase perfeitos se não fossem algumas pequenas disparidades nas medidas. O projeto da nova cidade começa a ser executado após os exames topográficos, o traçado da nova cidade, após todos os procedimentos legais o prefeito Raimundo Alves Dias foi quem concretizou o deslocamento ou transferência da Sede, sendo que a primeira construção foi o prédio da Prefeitura Municipal de Barcarena.[81]

Os visionários barcarenenses sempre mantendo os olhos numa Barcarena vindoura, antes aldeia, vila, cidade e cidade industrial, trilhando caminhos rumo ao desenvolvimento urbano, estético-cultural do corpo urbano, para os habitantes dessa urbe, isto é, a cidade do futuro será melhor que a atual? Um olhar por entre as folhagens das últimas árvores em cima do barranco da beira da praia enxerga-se, não muito longe, as fábricas, o porto e os navios; ou seria um reflexo do capitalismo globalizado em plena Amazônia do século XXI? Inegavelmente, essa é a paisagem urbana revelada às percepções de quem flana por essa Barcarena. “Como eu”.

---

80 SILVEIRA, apud GUIMARÃES, p. 98.

81 Segundo relatos de Guimarães (1999). O processo de deslocar a Sede de Barcarena para o presente local se deu por meio da Lei Municipal nº 71 de 29/10/ 1952 e, também, Lei Estadual de nº 534 de 23/08/ 1953. Legalmente só a partir da aprovação dessas duas leis foi possível à realização da transferência administrativa para a nova Sede barcarenense, a colonização da nova cidade ficou a cargo do prefeito Laurival Campos Cunha, o qual incentivou os antigos moradores da Vila de São Francisco a se deslocarem para a cidade nova, como foi chamada Barcarena Sede, inclusive a prefeitura forneceu materiais de construção para quem estivesse disposto a vir morar na recente polis ribeirinha. (N.A).

2 BARCARENA IMAGEM: SENSAÇÃO

> *A Arquitetura dos homens do conhecimento*. – Será preciso entendermos um dia, talvez um dia próximo, o que falta acima de tudo nas nossas cidades: tranquilos e amplos, espaços lugares para a reflexão, lugares com longas e altas galerias para o tempo ruim ou demasiado claro, aonde não chegue o barulho dos carros e dos pregoeiros, e aonde um refinado decoro proibisse até a um padre a rezar em voz alta: construções e passeios que, no conjunto, exprimissem o que há de sublime no meditar e no pôr-se de lado.[1]

As cidades, extensões humanas, erguidas em meio a territórios naturais, *platôs* urbanísticos armados nos movimentos frenéticos de ir e vir diário na constante luta em busca da sobrevivência e comodidades dos seres sociopolíticos emanam como lugares favoráveis a manutenção da vida e pensamento. Criações públicas com alguns espaços destinados à reflexão como: o banco da praça, (Fig. 9), "a convidar" o caminhante a sentar-se para descansar e pensar. Uma ambição de construção arquitetônica, aludindo à vontade nietzschiana de tornar o meio urbano, também, espaço para as reflexões dos homens, imersos na agitação das paisagens citadinas instigantes pelas esquinas ortogonais a diluírem-se no vislumbre da Praça Cronje da Silveira, pedaços do caos urbano, (Fig. 10); *ágora*[2] barcarenense, espaço aberto, onde demasiados fatos comuns e incomuns ocorrem aos cidadãos dessa cidade.



FIGURA 9: Banco da Praça Cronje da Silveira de Frente a Prefeitura em Barcarena-Sede e de costas para o Terminal Fluvial Municipal visto ao fundo.

Fonte: arquivo pessoal.

1 NIETZSCHE, 2001, § 280, p. 190.

2 Em NUNES, Benedito. **Ensaios Filosóficos**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 46. O termo *ágora* aparece como um "[...] lugar ao ar livre, [...], foi a *ágora* grega, centro da *pólis* ateniense, depois da reforma de Clístenes no século VI."



FIGURA 10: Imagem das primeiras formas da Praça Cronje da Silveira em Barcarena-Sede.

Fonte: GUIMARÃES, Luiz Antonio Valente. Subsídios para Um Estudo da História do Município de Barcarena. Barcarena: DEPAH, 1999, p. 112.

Lugar das convergências das ruas e gente, a praça: às vezes animada, vazia, morna, dinâmica em si, o espaço da imagem do corpo-sentado a ver o movimento em sua volta. "Quando desta necessidade de entendimento e apreensão do que se move, desta circulação hipnótica, configurada na hipotética do princípio fogo e sua investida no plasmar, ou o desejo de fazer o impossível: eis a imagem."[3] Capturá-la, cooptá-la dos espaços urbanos como fragmento do devir da cidade entontecida a percorrer suas linhas de fuga urbanizantes, pelas curvas das esquinas, onde jaz o cão sarnento a uivar durante as noites escuras ao avistar os sorrateiros rapazes das práticas matemáticas do sinal de subtração dos bens daqueles infelizes barcarenenses dormentes em suas jaulas atuais: suas casas, cheias de grades revelam a Cidade-Cão: cidade-cárcere lugar do devir-animal[4] deleuziano, dobrado sobre si.

3 AQUINO; FERNANDO; MEDEIROS, MARIA BEATRIZ (org.). **Corpos Informáticos. Performance, corpo, política**. Brasília: Editora do Programa de Pós-Graduação em Arte, UnB, 2011, p. 116.

4 DELEUZE, Gilles GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1997, V. 4, p. 18.



FIGURA 11: Cão a beber água na calçada da Travessa: Santo Antônio; Bairro: Centro em Barcarena-Sede.

Fonte: Arquivo pessoal.

“Devir-tarde, devir-noite de um animal, núpcias de sangue. Cinco horas é este bicho! Este bicho é este lugar! ‘O cachorro magro corre na rua, este cachorro magro é a rua’, grita Virginia Woolf”.[5] Em Barcarena-Sede durante as noites alguns animais ficam soltos pelas ruas, entre os quais estão os cães vira-latas, estes fantásticos protetores das ruas barcarenenses (Fig. 11) permanentes em suas casas, as ruas, deveriam ser devidamente vacinados, ainda que não tenham donos, eles poderiam ser cuidados por equipes especializadas fornecidas pela Secretaria de Saúde Municipal, pois, eles são amigos do cidadão, a combaterem com seus latidos alarmantes a sorrateira aproximação do devir-gatuno; este sim deveria ser combatido pela maquinaria do poder em função do bem comum e postos a ferros, mas os cães barcarenenses devem ser livres feitos os heróis noturnos a percorrerem os becos citadinos, como nômades a gastarem suas patas nos desnivelado asfalto entontecido desta cidade. Um devir-cão[6] precisa ser agenciado em Barcarena para ajudar os cães a protegerem a cidade.

5 DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 50.

6 O devir-cão é um tipo de devir-animal, o qual pode ser agenciado através da escrita, trabalho, criação artística, feito animal atento com todos os blocos dos sentidos abertos a gerar a condição deste animal tornar-se outra coisa, uma palavra, por exemplo, através da linha abstrata agenciada para alcançar o devir-animal, um devir-cão, um devir-gavião, um devir-entontecido sempre um devir-outro. (N.A).

Uma vez que, ecoa a seguinte imagem-sonora nas noites: os uivos dos cães acordam os cidadãos atrás das grades de suas casas. Quando começam a latir demais devem acender as luzes, pois faltam "[...] lugares com longas e altas galerias para o tempo ruim [...]"[7], onde está a proteção como pressupõe Nietzsche, sobre a insegurança nas cidades de todas as ordens para tentar impedir tal sintoma social: o pânico e o medo. Uma tragicomédia urbana em forma de dramatização endêmica de bairros, ruas enfim, espaços públicos subsumidos sob "os poderes paralelos"[8] presentes no município, apagando a beleza, as vicissitudes do palco urbano.

> A cidade pode ser um teatro, mas isso significa que havia oportunidades de vilões e tolos se imiscuir ali e transformar a vida social em tragicomédia, e até em melodrama violento, em especial se não conseguíssemos decifrar os códigos. Embora sejamos "necessariamente dependentes das superfícies e aparências", nem sempre era claro como poderíamos aprender a encarar essas superfícies com a simpatia e a serenidade requeridas.[9]

Como aponta Harvey, os problemas sociais das *pólis* extrapolam as belas superfícies e aparências e surgem em ondas de violências pelas esquinas; em Barcarena, nas últimas décadas, os problemas com a criminalidade cresceram de forma alarmante em seus bairros e atualmente vive-se sobre o assombro e névoa da insegurança. Situação essa, que pode ser facilmente comprovada durante a noite, a partir de vinte e duas horas as ruas já estão praticamente desertas, inclusive, lugares como: bares, lanchonetes e comércios fecham suas portas mais cedo para evitarem assaltos.

"Afinal de contas, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros , que trazem consigo efeitos específicos de poder."[10] As cidades antes de estruturas urbanizadas arquitetônicas, são espaços dos discursos políticos do poder, a priori deveriam proteger, oferecer segurança e garantir dignidade aos moradores. Neste município: segurança é apenas discurso, palavras ao vento e hipocrisia das forças políticas.

As ruas vazias, escuras, inseguras, são refúgios de alguns transeuntes corajosos que ainda insistem em vagar na calada da noite, trata-se de imagem de terror. Os cidadãos estão afugentados dentro das casas, enquanto os criminosos agem nas esquinas dos bairros aterrorizando suas vítimas. As pessoas dormem cedo, talvez por causa do cansaço ou pelo temor da morte, aí está o melodrama apontado por Harvey.

Há um tempo hipnótico e louco acontecendo nas dimensões urbanas, arquitetônicas e humanas, atordoadas diante da alteração sucedidas na urbe. As capturas imagéticas das cenas ocorridas no corpo armado de tijolos barcarenenses em que crianças, mulheres,

7 NIETZSCHE, 2001, § 280, p. 190.

8 Ladrões, traficantes, corruptos. (N.A).

9 HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa Sobre as Origens da Mudança Cultural**. 19ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 17.

10 FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Coleção tópicos), p. 29.

homens e idosos se fundem e evadem-se do chão, como por “fissão nuclear atômica” numa explosão matérica do corpo humano, praticamente a diluírem-se no ar como energia em processo cíclico de conservação; parece que Barcarena absorve a energia da vida das pessoas e as atrofia, as prende em seus sistemas culturais, aqui tudo vira metástase prestes a eclodir em nada, a cidade se tornou “buraco negro”[11] devorador de energia humana.

Pouco importa as expectativas de vida, os eventos “loucos” vão se dando numa escala absurda e ninguém faz nada para diminuir o “buraco negro estético vivível”, o qual impõe ritmo estressante de aniquilamento do prazer de viver em comunidade, pois, a insegurança atada ao município abole o beijo, a mão do amante a deslizar o corpo da amada sobre o luar durante a madrugada em pleno meio-fio da rua em baixo da árvore do jambeiro ao lado do Centro Cultural na Avenida Magalhães Barata. Imagens como essas não ocorrem mais, isso é uma ameaça à existência, pois muitos barcarenenses foram “fecundados” pelas calçadas, meios-fios das ruas. Grito deleuziano “Imanência: uma vida”[12] e a cidade deveria ser uma fuga para este fim.

2.1 – Cidade-imagem: Perceptos e afectos cristalizados.

As urbes, corpos perceptíveis em amplitudes imagético-arquitetônicos não humanos, a revelarem os entes nos espaços habitados e vividos, formam acontecimentos urbanísticos de celebrações e proteção dos seres complexos. “As cidades são imensas máquinas – *Megamáquinas,* para retomar uma expressão de Lewis Mumford – produtoras de subjetividade individual e coletiva[13]”. Elas se tornaram perceptos “vistos” pelos cérebros: “Os objetos não nos são dados como tais são reconhecidos e reconstruídos por um cérebro dotado de capacidade de análise, de síntese e de hierarquização. Não é o olho, mas sim o cérebro que vê.”[14] É desta maneira que as dimensões do corpo urbano é assimilado esteticamente, através de seus *perceptos*, feito exercícios de pensamento sobre a cidade.

“*Os afectos são precisamente estes devires não humanos do homem,* como os perceptos (entre eles as cidades) são *as paisagens não humanas da natureza.”*[15] Por certo que, a cidade produz em si perceptos e afectos emanados das estruturas urbanas e cidadãos, o jogo de blocos de sensações estabelecidos pelas moléculas dos constructos arquitetônicos e corpos das pessoas nos espaços misturam-se na produção de devires não humanos, chamados por Deleuze de afectos e, juntamente, com as ditas paisagens não humanas, conhecidas como perceptos.

11 Ver em: VIEGAS, Sueli M. M. **No Coração das Galáxias**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007, p. 57.
12 DELEUZE, Gilles. **A Imanência: uma vida**. Trad.: Alberto Pucheu e Caio Meira. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html>. Acesso em: 13 dez. 2011.
13 GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 5ª ed. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2008. (coleção Trans), p. 172.
14 MEYER, Philippe. **O olho e o Cérebro: Biofilosofia da percepção visual.** São Paulo: Editora UNESP, 2002, p.78.
15 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 220, grifo do autor.

As cidades, paisagens não humanas da natureza são o "*fora*"[16] do humano, o qual é natureza. Desta maneira, tornaram-se extensões dobradas sobre si, dotadas de valores outros desdobrados no próprio processo de atualização, isto é, sempre se redobrarão a propósito do meio natural em benefício de sua natureza artificial. Como próteses acopladas aos seres humanos, elas sempre são construção, reconstrução de si mesmas num determinado espaço. A respeito disso, Mumford ao falar do aparecimento da *pólis* na história afirmou ter havido primeiramente, a predisposição dos indivíduos a viverem juntos, em seguida, surgiu o acampamento, o esconderijo, a caverna, o montão de pedras, o povoado, o santuário, a aldeia e finalmente a urbe, depois, a metrópole, megalópole, daí em diante segue-se o fluxo liso: o devir da cidade.

As urbes são transformadas, atualizadas no espaço-tempo acompanhando a estética de cada sociedade, nas quais vêm à tona multiplicidades imagéticas de paisagens construídas. E notoriamente as dobras das aldeias em vilas ou freguesias produzidas por seus habitantes em movimento de desdobramento em que as vilas, por sua vez, deram origem às urbes. Bem como, os fluxos e transformações físicas promovidas pelos moradores no germe citadino se tornaram os propulsores atualizadores das paisagens urbanas. As ações humanas provocaram os devires da cidade e, consequentemente, das imagens durante a edificação ou reedificação da formação do *status* urbano repleto de perceptos-fluídos advindos dos espaços naturais desdobrados na *pólis*.

Da ligação do olhar com o espaço urbano surgiram imagens mentais, dose de sensação e ressurreição da experiência perceptiva retirada da cidade, dir-se-ia: recorte imagético das paisagens, (frações perceptivas da própria realidade), atualizada no processo de construção ou reconstrução do real. Por exemplo, um morador modificou a fachada de sua residência ao fazê-lo, alterou o (Virtual) atualizou o (Atual) e mudou a imagem (Real), por este motivo, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual. Deste modo, este último ao sofrer a atualização muda o seu referencial imagético-indenitário virtual: a imagem anterior por outra atual, assim, a cidade possuirá sempre um devir-imagem.

Esta imagem em constante atualização conterá em si um teor caótico de Barcarena, por conter nela a cidade na forma de: imagens-lembranças[17] e percepções-imagens[18], aludindo ao bergsonismo deleuziano.

> Com efeito, a imagem retém algo das regiões nas quais fomos buscar a lembrança que ela atualiza ou que ela encarna; mas essa lembrança, precisamente, não é atualizada pela imagem sem que esta a adapte às exigências do presente, fazendo dela algo de presente. Assim, a diferença de natureza entre o presente e o passado, entre a percepção pura e a memória pura, é por nós substituída por simples diferenças de grau entre imagens-lembranças e percepções-imagens.[19]

16 LEVY, Tatiane Salem. **A Experiência do Fora: Blanchot, Foucault, Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 105.
17 As imagens-lembranças: memória pura, referentes ao passado. (N.A).
18 As percepções-imagens: percepção pura, referentes ao presente. (N.A).
19 DELEUZE, Gilles. **A Imagem-Tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2007 – (Cinema II), p. 87.

Validamente, as imagens possuem aspectos mútuos, são duplas por natureza, ou seja, elas constituem um único circuito interior de discernibilidade da imagem bifacial: virtual/atual chamado por Deleuze de "opsigno" seria a imagem ótica atual cristalizada com a sua própria imagem virtual, formando um núcleo dentro do pequeno circuito interior existente entre o virtual e o atual, então, há uma cristalização da percepção-imagem, aquilo visto no presente, no momento do olhar é esta mesma imagem atual, já se atualizando e tornando-se passado ao se cristalizar para se tornar imagens-lembranças. E é através deste fenômeno que surge à imagem-cristal; do menor circuito entre o virtual e o atual, isto é, do núcleo, portanto. A imagem-cristal é um rizoma conectando o presente puro e o passado puro.

Por essa razão, as imagens das paisagens urbanas ganharam o *status* de imagem-cristal, por conterem estratos do presente (Atual), o qual contém em si todo o passado (Virtual), porém não constituem o real, já que, este se mantém em fuga do tempo através da atualização. Deste modo, "[...] a imagem atual tem uma imagem virtual que a ela corresponde, como um duplo ou reflexo, [...] A imagem-cristal, ou descrição cristalina, tem mesmo duas faces que não se confundem"[20].

Os devires de perceptos e afectos urbano-arquitetônicos apresentam dinâmicas concernentes à produção de imagens, inclusive das cidades ditas monumentais de aparências deslumbrantes, de todo modo, só persistem por conterem potenciais artísticos atualizantes em si. Por exemplo, nas estruturas e paisagens urbanas de alguns prédios, espaços arquitetônicos as imagens-lembranças prosseguem como arquétipos de duração artísticos monumentais no presente. A esse respeito, Deleuze e Guattari deslocam o conceito de monumento[21] a bloco de sensações, o qual não comemora um passado devendo só a si a sua conservação, logo, a cidade é arte[22] tornou-se obra, percepto e paisagens não humanas da natureza. Ao mesmo tempo, as imagens-cristais barcarenenses, recortes estéticos caóticos do município provocam nas tangentes os emaranhamentos conceituais de Cidade-Obra, a princípio, somente no aspecto de construção das novas feições da urbe em fluxo.

Tal aparência atualiza-se no fluxo demolidor e reconstrutor das paisagens urbanas, obras de artes contemporâneas imanentes nas casas, ruas, bairros, praças, prédios, esquinas e pessoas. "As cidades são as paisagens contemporâneas."[23] E possuem possibilidades outras de alcançar o sentido bem além do conceito de imagem-mental lynchiano, mas, sobretudo num desdobramento dos espaços reais. "Tudo é visão, devir."[24] Fábrica, produção de conjuntos de sensações imagético-urbanas oriundas das transformações arquitetônicas e estéticas ocorridas nas dimensões visíveis do corpo

20 DELEUZE, 2007, p. 87.
21 Para Deleuze e Guatarri, "É verdade que toda obra de arte é um *monumento*, mas o monumento não é aqui o que comemora um passado, é um bloco de sensações presentes que só devem a si mesmas sua própria conservação, e dão ao acontecimento o composto que o celebra". (1992, p. 218).
22 Ver em: MUMFORD (1961) em **"A Cultura das Cidades".**
23 PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. 4ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001, p. 11.
24 DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.220.

urbano do qual as imagens autônomas pertencem por excelência aos seres de sensações, perceptos e afectos caóticos emanados do corpo citadino a diluir-se diante dos cidadãos.

Os recortes caóticos imagéticos subtraídos das dimensões urbanas constituídos de energia potencial guardam neles substâncias e texturas do próprio chão da urbe, adquiridos durante a experiência do olhar. A cidade subsiste dentro de suas imagens, feita duas dimensões do mesmo corpo, uma vez que, a imagem contém em si a cidade, da mesma forma o inverso também valida-se e aplica-se, assim como o presente contém em si todo o passado, as imagens possuem energia vital do espaço-tempo e refletem este, como *afectos* urbanos cristalizados.

2.2 – Imagem-embriagada: O fora da urbe

Diante desse fato estético a (Fig. 12) não seria apenas imagem-lembrança, porque não representaria a memória da criação das ruas barcarenenses, mas ela é o próprio *percepto* encarnado da cidade a suscitar criação e recriação da mesma. Temos um fenômeno-imagem de um tempo de construção a persistir além de si, em um mundo desdobrado, fora, como disse Blanchot, "o outro de todos os mundos"[25], subvertedor do tempo atual ao emanar de suas pregas imagéticas cristalizadas a energia do inatual devir urbano embriagado.



FIGURA 12: Imagem do início da construção de umas das ruas de Barcarena-Sede.

Fonte: Guimarães, 1999, p. 103.

25 BLANCHOT, apud LEVY, 2011, p. 20.

A pulsação do sangue nas veias, suor a escorrer nos rostos, chapéus de palha, corpos em êxtase somavam-se as foices de fios reluzentes, facões, machados, enxadas, pregos, martelos, serrotes, motosserras, telhas, palhas, varas e árvores recortadas, além de madeira, lama e chão; os dois tratores de lâminas pesadas e afiadas planavam a terra, deslizavam nos devires-ruas barcarenenses numa furiosa ação de criação da Segunda avenida paralela à primeira “Avenida de água”: o rio Mucuruçá. O primeiro esboço arquitetônico de casa em Barcarena-Sede foi um barraco de palha visto na (Fig. 12) no momento em que os barcarenenses iniciavam o desbravamento do território de uma das ruas durante o processo de reterritorialização da cidade ao solo.

A cidade começava a estruturar-se através da ação dos cidadãos conforme indícios flagrantes na (Fig. 12) mantida nas percepções-imagens daquele momento puro da vontade de criação do espaço urbano municipal urbanizado e forte. Conforme emanavam nos gestos das dezenove pessoas presentes nesse recorte imagético do início da composição do espaço da nova Sede.

O delírio contagiante da cena da feitura daquela rua traduz-se na pulsação notória quase narcótica do prazer estético a moldar ou transformar a matéria em *enteléquia*[26]. Conceito este, vivenciado pelos artistas durante o processo de construção das obras de arte; se veem seduzidos ou conduzidos a percorrerem caminhos lisos e estriados da “*hyle”*[27] que algumas vezes resiste à ação do homem, não se deixando configurar em novas formas, seja quais forem: artística ou não, assim como a cidade erguida pelas sociedades complexas ao longo do tempo, mista de energia tecno-artística das carnações dos corpos a produzir próteses urbanas a fim de diminuir as necessidades de proteção ao convívio social.

A imagem da (Fig. 12) dispara sensações de embriaguez dionisíaca despertada pela vontade de criação dos objetos, a configurar-se em gozo estético dos criadores unidos no objetivo de domínio da natureza. “A natureza exuberante celebra as suas saturnais e os seus funerais ao mesmo tempo.”[28] Os afetos barcarenenses surgiram das insondáveis fendas inconformistas dos cidadãos de Barcarena-Velha, com sua antiga casa (Vila de São Francisco, a primeira Sede Municipal) suplantada pelo prazer de verem a cidade nova efetuar-se a cada tombamento de árvore, posta ao chão pelos tratores no aplanamento demolidor do natural para a instalação do artificial.

Alusão ao júbilo do gole da doce cachaça dos alambiques que antes pingavam por essas bandas e despertavam desejos de celebrações das festas barcarenenses regadas de abacaxis. Parecem emanar implicitamente na cena expressa na (Fig. 12) um tipo de dimensão de êxtase dionisíaco do mundo.

---

26 De acordo com NUNES, Benedito. **Introdução à Filosofia da Arte.** 5ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2006, p. 27: *Enteléquia* é o princípio originário e organizador. É a forma do corpo.
27 Ibid, 2006, p. 27: *Hyle*, em grego significa madeira ou material, o estofo das coisas, o material de que são feitas.
28 NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Visão Dionisíaca do Mundo, e outros textos da juventude**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. – (Tópicos), p. 13.

> Na embriaguez dionisíaca, no impetuoso percorrer de todas as escalas da alma, por ocasião das agitações narcóticas ou pulsão de primavera (*Frühlingstrieb)*, a natureza se expressa em sua força mais elevada: ela torna a unir os seres isolados e os deixa se sentirem como um único; de modo que o *principium individuationis* surge como um estado persistente de fraqueza da vontade.[29]

Força embriagante e transformadora da bela aparência natural. "A cidade é um fato da natureza"[30] disse Mumford, enquanto que Nietzsche desejava torná-la bêbada ou dionisíaca, mas às vezes calma e acolhedora, invocando da natureza ânimo expressivo, para produzir a união dos seres isolados, criando a sensação de único corpo, guardando suas *hecceidades*, (as individuações sem sujeito), deste modo, a cidade, acontecimento natural de multiplicidade, funciona como conexão da natureza e homens. "O homem alcança dois estados o sentimento de delícia em relação à existência, a saber, no *sonho e* na *embriaguez"*[31]. Viver em cidades é fato natural agenciado ao desejo de celebração e embriaguez social, em oposição ao principio de individualização dos seres. Dessa maneira, as urbes parecem produzir sensações de unidade na multiplicidade, efetivada no desejo de viverem juntos.

Do ímpeto, misto do anseio e realização surgiu o desejo laborioso da penetração no terreno virgem à margem direita do rio Mucuruçá pelos barcarenenses para a construção da cidade. Esse fato surgiu da energia dionisíaca conectiva de Barcarena com os seus primeiros habitantes através do flerte em que a cidade, objeto do desejo deixou-se violar, talhar-se, planar-se, trabalhar-se e forma-se na ação dos cidadãos sobre si.

"É o objeto que nos vê. É o mundo que nos pensa"[32] provoca Jean Baudrillard acenando à ideia do sujeito enquanto agente provocador do esvaecimento irônico das coisas, para criar algo referencial de si mesmo. É como se a cidade já quisesse ser criada e provocasse o seu próprio surgimento e os cidadãos fossem os agentes da "desaparição" irônica das coisas naturais para a criação e aparecimento de outra, no caso a urbe.

A "depilação" do chão urbano pelo trator de lâmina afiada a traçar planos retos desvirginavam o solo, esse por sua vez, liberava aroma de terra suada, melada por ser fértil, Barcarena-Sede foi antes desejada e depois possuída. Atualmente, está cheia de filhos de sangue e concreto resultantes da cópula unificadora do seu corpo urbano aos dos seres antes isolados.

2.3 – Devir-rua: Para um devir-urbano...

Uma linha larga com gente movendo-se nela a eriçá-la até as últimas gotas de piche, bicicletas, motos e carros a percorrer os espaços ásperos ou lisos, repletos de segmentos

29 NIETZSCHE, 2005, p. 12.
30 MUMFORD, 1961, p. 15.
31 Ibid, 2005, p. 5, grifo do autor.
32 Baudrillard, Jean. **A Arte da Desaparição**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/N-Imagem, 1997, p. 30.

verticalmente e horizontalmente de cem a cem metros, esticou-se, alongou-se, “asfaltou-se”, surgiram meios-fios, listras amarelas e brancas reluzentes aparecem à noite com a luz dos postes e faróis dos automóveis no meio. Enquanto que, nos lados a primeira rua cortava de fora a fora a nova cidade, lugar de pisar, percorrer, passar, acenar às pessoas sentadas em suas calçadas regulares ou irregulares, herança dos primeiros habitantes barcarenenses.

A sensação imanente na (Fig. 12) ainda contém atmosfera artística de prazer, alegria diante do aparecimento do sonho urbano a tornar-se real, é a cidade que está surgindo, é um fato da natureza, por isso a imagem não representa, ou seja, não imita a origem da cidade, mas emana em si toda a sua realidade, numa alusão deleuziana. “A imagem-sensação não é da ordem da ilusão: ‘*uma imagem não representa uma suposta realidade, ela contém em si toda a sua realidade.* ’”[33] Por este *modus* deleuziano a imagem funciona como dimensão urbana, mas com um aspecto de diferença, ela passa a ser um bloco de sensação de *afectos* e *perceptos* recortados em forma de pura potência caótica do urbano em fluxo a constituir-se.

A imagem da criação de uma das ruas de Barcarena-Sede é um devir-cidade bêbada, se levada em consideração o seu ar bucólico, pacato, contemporâneo, onde esquinas, ruas e bairros respiram o clima do apagamento da alegria dionisíaca do mundo, em que o furor narcótico dos cidadãos foi apagado por doses cavalares de café amargo toda manhã. Tornando a energia daquelas dezenove pessoas da (fig. 12) maior do que as de cem mil.

A energia entontecida, bêbada, funciona como linha de fuga diante da mesmice do retardamento do município atrofiado em liames inerciais impedindo-o de desenvolver-se plenamente. O trator precisa mover-se novamente nas entranhas dos estratos entravados a fim de promover atualizações, romper obstruções políticas, desarticular problemas sociais e culturais ampliados, devido às negligências na aplicação dos bens econômicos no município, os quais, bem geridos trariam transformações efetivas à urbe. Esperávamos esta dobra se efetivar, porquanto, se tomaria um bem virtual (O dinheiro) e redobrariam o mesmo em realizações no mundo (Urbano), pois: “[...], há um atual que permanece possível e que não é forçosamente real. O atual não constitui o real, devendo ser ele próprio realizado e o problema da realização do mundo acrescenta-se ao da sua realização”.[34]

O município precisa ser atualizado por meio de um processo de urbanização trabalhoso e oneroso, de modo a superar a condição de atrofiamento urbano e sociocultural, mas, para realizá-lo, precisam-se utilizar potencialidades “devínicas” do desejo e sonho de melhoramento a refletir-se na imagem do lugar em fuga dos anseios rumo à concretude de coisa urbana. Essa é a dobra, transformar as perspectivas de atualização em realização, longe da cidade ideal platônica, mas dentro do exequível.

---

33 CARVALHO, Nuno Miguel Santos. **Imagem-Sensação: Deleuze e a Pintura**. 2007, p. 81. Dissertação (Mestrado em Filosofia, especialização em Estética e Filosofia da Arte) – Universidade de Lisboa – Faculdades de Letras - Departamento de Filosofia, Lisboa. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/440/1/16228_tese_vers00E3o_final_nuno_carvalho.pdf >. Acesso em: 18 out. 2011, p. 68.

34 DELEUZE, Gilles. **A Dobra: Leibniz e o Barroco**. 6ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1991, p. 179.

“O mundo é uma virtualidade que se atualiza nas *mônadas*[35] ou nas almas, mas é também uma possibilidade a realizar-se nas matérias dos corpos.”[36] No aspecto virtual-atual das constituições do mundo em seus movimentos de atualizações, o virtual começa a constituir-se em força desdobrada de criação, por conseguinte, esta força realizante age na formação objetiva da cidade, desde que os corpos ajam uns sobre os outros, por este motivo: “Não é o corpo que realiza, mas é no corpo que algo se realiza, com o que o próprio corpo se torna real ou substancial.”[37] Nesse caso, Barcarena-Sede foi erguida, arquitetada sobre o corpo natural ribeirinho, matéria-prima dobrada pela atualização urbana. Do esboço a constituição física, se tornou virtual e atual um produto da simultaneidade dos fluxos das multiplicidades constitutivas pertencentes à duração,[38]. Esta *city* é fato puro imediato de pluralidade de exterioridade, simultaneidade de matéria e memória armada no Baixo Tocantins.

A maior obra das sociedades complexas podem ser suas cidades, projetadas, mensuradas ou não, surgiram na história e tornaram-se lares dos seres políticos e vida comunitária ao expandir-se, deu lugar a enormes aglomerados de pedras, areia, tijolos, ferro, vidro, concreto, informação, um grande mundo de dramatizações e celebrações, mas às vezes, aniquilador de vidas. Entre benefícios e mazelas, elas são o orgulho de muitas culturas, concernente a sofisticação no domínio da natureza.

As imagens da cidade são cartão postal, referencial artístico projetado pela enteléquia humana, ideias formadas nos planos de imanência dos cidadãos. Estas “[...] ideias só são associáveis como imagens, e ordenáveis como abstrações; para atingir o conceito, é preciso que ultrapassemos umas e outras, e que atinjamos *o mais rápido possível* objetos mentais determináveis como seres reais.”[39] De tal modo, saindo do estado de abstração as paisagens urbanas começaram ser feitas pelas pessoas nos terrenos da nova Sede, criada pelos barcarenenses desejosos em viver os reluzentes sonhos da urbanização.

35 “Segundo Leibniz, a Mônada é um átomo espiritual, uma substancia desprovida de partes e de extensão, portanto indivisível. [...] Cada Mônada constitui um ponto de vista sobre o mundo, sendo, portanto, todo o mundo de determinado ponto de vista”. In ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.** 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 793.
36 DELEUZE, 1991, p. 179.
37 Ibid, 1991, p. 11.
38 “Uma mesma duração vai recolher ao longo de sua rota os acontecimentos da totalidade do mundo material, [...].” DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 65.
39 DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 266.



FIGURA 13: Imagem de Barcarena-Sede à margem direita do Rio Mucuruçá.

Fonte: Foto Nunez. Disponível em: <http://www.skycrapercity.com/showthread.php?t=876174>. Acesso em: 12 dez. 2011.

Uma ideia-imagem brotou no *plano de imanência*[40] dos moradores da Vila de São Francisco (Antiga Sede Municipal): a construção de uma cidade nova, após a primeira rua, o corpo veio formando-se em estrutura "arquitetônico-urbanística" ribeirinha; ai estava a "Cidade Nova", (Fig. 13) como chamavam os moradores. Algumas famílias estimuladas pelos governantes da época resolveram mudar-se para o recente espaço, logo, casas, igrejas, colégios, hospitais, lojas, mercearias e supermercados foram erguidos, e nova aparência, ou imagem urbana surgiu no lado direito do rio Mucuruçá, com ruas retas, traçado ortogonal, forma geométrica barcarenense erguida na beira do rio.

40 Para Deleuze e Guattari (1992, p. 51 – 79): O plano de imanência é como um corte do caos e age como um crivo [...] Operando um corte do caos, [...] faz apelo a uma criação de conceitos. [...] É o plano que assegura o ajuste dos conceitos, com conexões sempre crescentes, e são os conceitos que asseguram o povoamento do plano sobre uma curvatura renovada, sempre variável. [...] O plano é como um deserto que os conceitos povoam sem partilhar. São os conceitos que são as únicas regiões do plano, mas é o plano que é o único suporte dos conceitos.

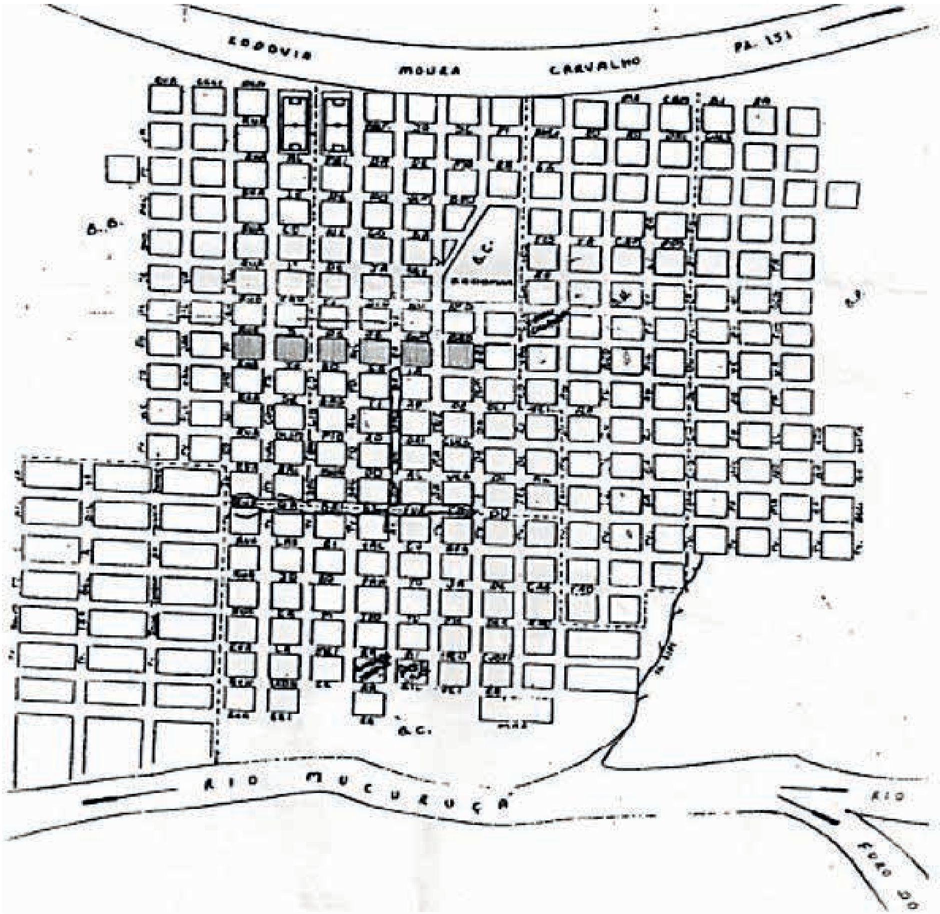


FIGURA 14: Desenho do Plano Urbano de Barcarena-Sede.

Fonte: Barcarena em Manchete. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/65321890/Barcarena-Em-Manchete>. Acesso em: 12 dez. 2011.

As transformações nas paisagens urbanas barcarenenses trazem aspectos marcantes do fluxo urbano e atravessam questões de políticas urbanas como foi o caso da transferência da Sede municipal da Vila de São Francisco para a nova cidade construída a priori para sanar um problema geográfico e econômico, haja vista a localização a margem do Rio Barcarena, o qual é estreito. Por causa disso, impossibilitava a entrada de grandes embarcações e entravava o desenvolvimento municipal.

Por esse motivo, a construção de Barcarena-Sede seria a solução para tornar a cidade competitiva e desenvolvida economicamente, pode-se dizer atualmente que o objetivo econômico foi alcançado. No entanto, esse poder aquisitivo não se evidencia em obras públicas efetivas e muito menos nas questões sociais, apesar do município oscilar entre a terceira e a segunda renda percapta do Estado do Pará, não houve até agora a distribuição de renda entre os cidadãos.

A criação da nova cidade foi mais uma expansão distrital, trouxe com ela a proposição de cidade urbanizada, como se pode ver num desenho feito da forma do município, (Fig. 14) onde aparecem as primeiras ruas do sistema ortogonal de Barcarena-Sede, lembrando que o plano urbanístico foi realizado por: "Francisco Cronje Bezerra da Silveira, na época era Inspetor Geral de Geografia Estatística, deu parecer favorável à mudança da Sede, além de ter traçado o plano urbanístico da nova cidade".[41] Deste fato é importante ressaltar a imagem proposta pelo urbanista aos barcarenenses, ao argumentar:

> Já que se pretende mudar a sede municipal, construa-se uma cidade urbanisticamente moderna. Louvando-se nos exemplos de nosso próprio país, como Goiânia, a progressista metrópole de Goiás. Não que se almeje destacar Barcarena a tão alto lugar, mas torná-la uma cidade nova, moderna e que permita aos porvindouros avaliar o grau de nossa civilização.[42]

Cronje da Silveira destaca aspectos progressistas e urbanísticos à nova sede municipal, porém, não se pode deixar de destacar o aspecto representativo, imitativo destacado no discurso, ele queria construir a Sede imitando a "progressista metrópole de Goiás," não que isso não seja positivo, mas criar imagem mimética para a nova cidade utilizando-se de formas prontas, propondo a imagem do corpo urbano sem nenhuma originalidade estética. Esse fato quebrou os liames entontecidos da devir-cidade, desdobrada da vila, do aldeamento híbrido de índios e jesuítas; arrebentaram-se as linhas lisas das sinuosas marcas deixadas pelos caminhos tontos criados pelos antigos moradores desse território.

O plano impõe limites: uma cerca, muros, paredes e linhas geométricas no desenho, para serem traçadas pelo trator no solo, mas estas linhas retas se tornam empecilhos às linhas lisas, sem ordens, pois em Deleuze e Guatarri, a cidade é constituída de "forças de estriagens"[43], pedaços demarcados metricamente no solo, presa ao chão, faz parte do território. Todavia, ela, segundo esses filósofos, também possui linhas lisas que arrastam o corpo à desterritorialização, impondo movimento, um fluxo, fazendo-a voltar às linhas fugidias, escorregadias da atualização espalhadas por todos os lados[44].

Há uma força a empurrar para os cantos a energia de crescimento da *pólis*, que cresce no meio e expande-se pelas pontas, no centro estão grandes empreendimentos urbanísticos e arquitetônicos capitalísticos, enquanto que, as favelas surgem nas margens a impregnar as paisagens urbanas e sufocam, sitiam o centro com suas ondas caóticas de gente e barracos. Entretanto, esse processo se dá em cadeias de poder, no qual, só se sente não se vê e, muito menos, se detém.

> O poder, acho eu, deve ser analisado como uma coisa que circula, ou melhor, como uma coisa que só funciona em cadeia. Jamais ele está localizado aqui

41 GUIMARÃES, 1999, p. 107.
42 Ibid, 1999, p. 98.
43 DELEUZE; GUATTARI. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. V.5, p.188.
44 Um exemplo deste fenômeno é o plano urbanístico de Barcarena Sede, estriado, demarcado geometricamente; bem ao contrário de Vila de Itupanema que possui suas ruas lisas, sinuosas, sem qualquer traço de padronização. (N.A).

> ou ali, jamais está entre as mãos de alguns, jamais é apossado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo. Jamais são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários. Em outras palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles.[45]

Barcarena choca-se entre si, através de suas cadeias de poder das forças locais, as quais o exercem sendo capazes de criar uma cidade e fazê-la atravessar o rio Barcarena e armá-la a margem direita do rio Mucuruçá para obtenção do desenvolvimento urbano. Os intermediários do poder municipal conseguiram fazer Barcarena se desterritorializar e reterritorializar-se em outro ponto do mesmo território, nesse sentido, a urbe "andou", a matriz urbana surgiu em Vila do Conde, em seguida cresceu na Vila de São Francisco, se emancipou politicamente de Belém, deixando a condição de distrito da Capital e deslocou-se ao *status* atual de Barcarena-Sede.

O devir faz o espaço barcarenense permanecer em fluxo, Vila dos Cabanos, foi outra importantíssima atualização do corpo da urbe, bem como o recente surgimento de novos bairros periféricos Jardim Cabano e Barbolândia.

A parte geométrica de Barcarena-Sede dotada de quadrados de largas e longas ruas e avenidas retas, traçadas no seu espaço de legibilidade flagrante em cada esquina, (Fig. 16) em que se pode ir e vir do início ao fim pelas travessas verticais e ruas horizontais, tornam essa aparência angular semelhante às composições estruturais da visão de Mondrian, (Fig. 15). As linhas retas, planos e cores primárias numa animação geometrizada do plano de sua tela que Argan chamou de: "animação visual da planimetria do espaço pictórico"[46] do plano ortogonal das pinturas mondriânicas, bem como, a composição urbana da Sede municipal.

45 FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos), p. 35.
46 ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna: Do Iluminismo aos movimentos contemporâneos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 409.

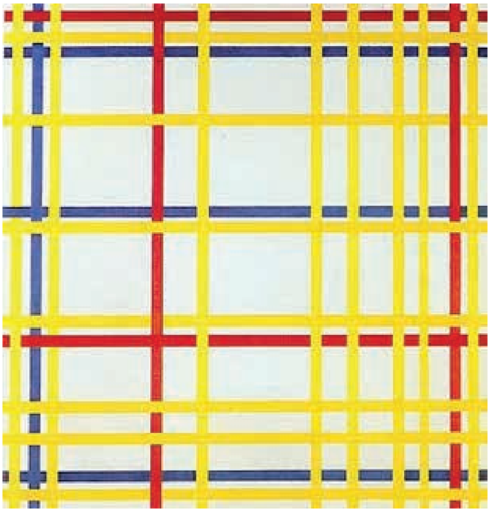


FIGURA 15: Piet Mondrian: *Nova York City (1942); tela, 1,20 m x 1,44 m.* Nova York, coleção Harry Holtzman.

Fonte: ARGAN, 1992, p. 410.

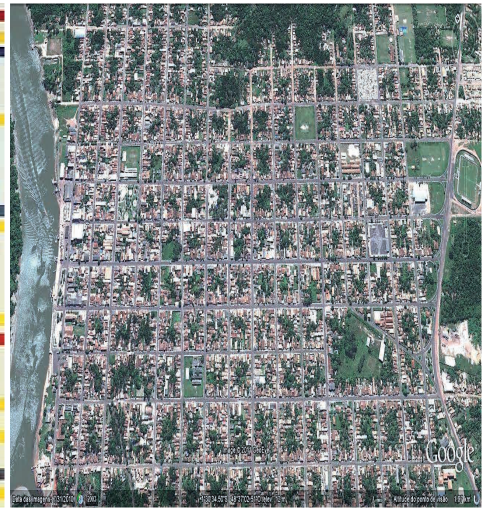


FIGURA 16: Parte da vista aérea de Barcarena-Sede.

Fonte: Google Earth.

A relação entre as composições neoplasticistas mondriânicas e a forma urbana ortogonal existem, pois as ruas são paralelas e perpendiculares assim como Piet Mondrian usou retas paralelas e perpendiculares, compondo quadrados e retângulos em suas obras, estas repetições do quadrado e retângulo são módulos utilizados pelo artista e, também, pelo o urbanista de Barcarena-Sede, onde se obteve quadras de ângulos retos a produzirem regularidades repetitivas, modulares; enquanto que a irregularidades dos quadrados e retângulos apresentam simplicidade e complexidades nas formas obtidas nas pinturas e no corpo da cidade. Matematicamente o quadrado e o retângulo são proporcionais, devido à soma de seus ângulos internos serem iguais a 360º, garantindo dessa forma, a similitude entre a pintura: *Nova York City* e o centro de Barcarena Sede. Contudo, essa forma citadina planificada começou a ser esticada e desmontada pelo meio do centro a conectar-se pelas trilhas ondulantes caóticas a atravessar as pontes, bairros, praias, rios, furos, igarapés na atualização do seu corpo.

2.4 – Desmonte ao infinito: Imagem entontecida.

O aparecimento das formas quadradas dos quarteirões leva o pensamento ao ambiente plástico característico das composições mondriânicas, graças aos aspectos dimensionais dos espaços geometrizados em suas obras. Assim como os da composição urbanística de Barcarena, visualmentes as quadras matematizadas pertencentes às entranhas dos recintos de asfalto irregulares, outrora cheios de remendos e buracos em alguns, ou muitos pontos da cidade penetram esteticamente na realidade urbana e revelam

mascaras municipais a “dissolverem-se” diante dos olhares atentos sobre as ruas retas, perpendiculares e paralelas dia após dia até chegarem ao laranja piçarra, “*o tutano do asfalto mau feito*”.

Esses fatos degenerativos apontam a imagem descuidada e desordenada da cidade. Ultimamente, este desordenamento, estilhaçamento do processo urbano tornou-se evidente nas paisagens. A produção da visualidade ordenada das “quadras mondriânicas”, das ruas largas e retas do plano compositivo não são mais exequíveis, o centro permanece caótico e nas margens o crescimento desordenado é preocupante.

> Como o espaço da pintura de Pollock, o espaço da cidade interior tem um ritmo de fundo constante, mas é infinitamente variado, muda de figura e de tom do dia para a noite, da manhã para a tarde – o espaço da rua que percorremos de manhã para ir trabalhar é diferente do espaço da mesma rua percorrida à tarde, voltando para casa, ou do domingo, passeando. E, sobre esse tema inesgotável, poderíamos prosseguir até o infinito.[47]

O desmonte da imagem planejada em volta dos centros barcarenenses na Vila dos Cabanos e Barcarena-Sede, são fenômenos alteradores das composições dos espaços geométricos apresentados nos projetos urbanísticos evidentes nas imagens aéreas destes lugares. Atualmente, o município vem sofrendo a diluição das áreas ortogonais em grande parte provocada pelos novos bairros, surgidos do aumento das periferias em volta destes centros, (Fig. 17).

Os fenômenos de crescimento causam o desmantelamento dos ângulos retos das ruas e esquinas nessas recentes comunidades, por esse motivo, as ruas se tornaram mais sinuosas, ondulantes: pequenos becos desordenados, linhas lisas e fluídas, fragmentam, dissolvem as ordens matemáticas dos “espaços mondriânicos-barcarenenses”. Cedem lugares aos espaços frenéticos e diluídos pollockianas, bem mais apropriado ao caos da preferência arquitetônica popular de linhas lisas, fugas inscritas no solo alargado do espaço da cidade.

47 ARGAN, 2005, p. 233.

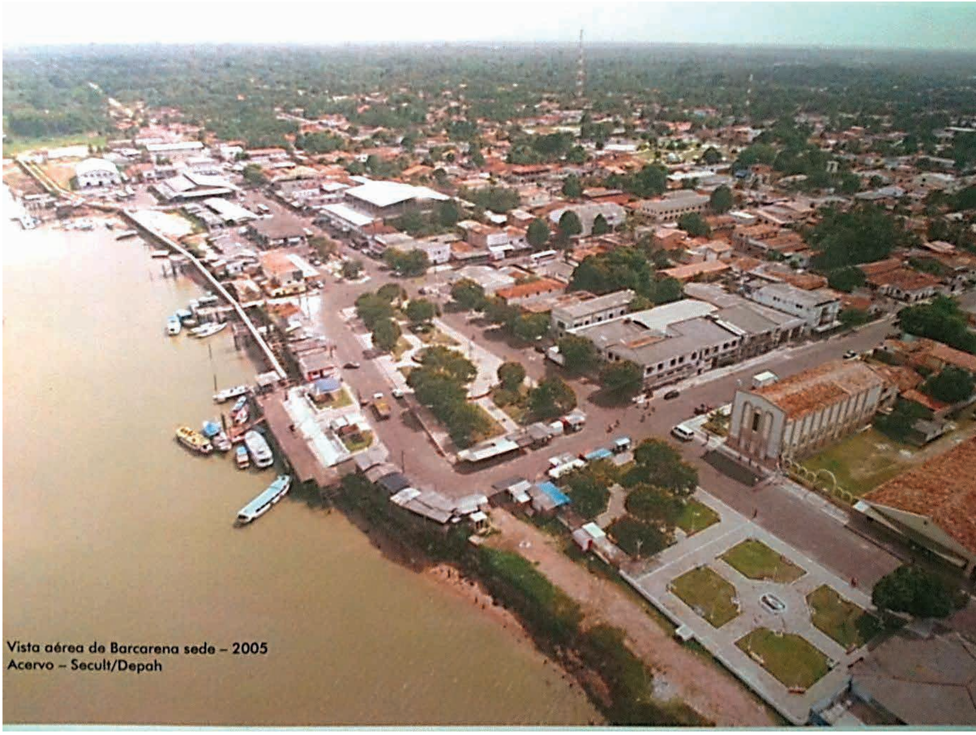


FIGURA 17: Imagem aérea da Frente de Barcarena-Sede.

Fonte: Acervo – Secult/Depah.

O espaço cresce e pulsa com as ações dos habitantes. São transformadores da matéria da *pólis*, num ritmo fugaz das novas estruturas e paisagens urbanas de renovação estrutural do ânimo dos construtores de objetos, coisas, obras de arte arquiteturais, imensas cavernas atuais para viver embaixo dos telhados e paredes de concreto e aço das casas.

As imagens diluídas pela manhã no espaço-tempo da vivência surgem com matizes novos de cores emanadas das moléculas quentes das paredes a evaporarem no ar para constituírem-se no interior e exterior da urbe em diferentes cenas visuais à tarde. Então, olhar a cidade é vê-la desmanchar-se em imagens fugidias em frações temporais descontínuas na velocidade do pensamento num vislumbre ao infinito a desaparecer na retina e cérebro de quem a comtempla.

Perceptos a evadirem-se dos corpos urbanos a deixarem traços energéticos formados por raios, ondas eletromagnéticas luminosas repletas de sensações a afetarem as pessoas. Os olhos captam os acontecimentos visíveis provindos da urbe como informações dos devires desta a sofrer atualizações em seus estratos em velocidade infinita.

Por meio desse entendimento estético-físico da energia luminosa subtraída, ou recortada das paisagens urbanas, nas quais persistem os graus entrópicos contidos nos liames políticos, econômicos, sociais e culturais da urbe, atravessados pelas linhas de

fugas estéticas das microfendas-micropolíticas, a vibrarem e rebaterem-se nas paredes das formas a migrarem ou a saltarem aos pensamentos dos cidadãos produzem a devir-cidade por meio de suas imagens entontecidas. Essas paisagens urbanas, imagens barcarenenses em partículas constitutivas do grau de vicissitude dos jogos articulados do campo político, econômico, social e cultural enganchados nas dimensões visuais do município atravessam esses campos do poder, (presentes no corpo urbano), para desprender as linhas de fugas estéticas capazes de questionar o mapa urbano deficitário barcarenense. Assim, as faces urbanas documentais dos préstimos ou da carência de cuidado dos governantes e cidadãos com a cidade, apontam em suas constituições artísticas, acontecimentos de ordem estrutural culminantes da falta de projeções sobre o espaço da vivência. As aparências "grotescas" de Barcarena por causa de suas construções arquitetônicas e urbanísticas incompletas ou desajustadas, ou mal feitas, tornam o ambiente urbano esteticamente desagradável, desajustado, desarmonioso, ampliando mais ainda, a baixa estima dos inconformados com a imagem e funcionalidade do município.

Os perceptos-imagéticos, emanações sócio-históricas e artísticas da sociedade, explícitos nas formas arquitetônicas das casas e prédios públicos (alugados), expõe a comunidade barcarenense às execrações visuais, ao desconforto estético provindo das construções, reverberações da ânsia humana em criar corpos não humanos. Assim, próteses encarnadas de fatos políticos, econômicos e socioculturais, são como partes da cidade menos atraentes aos olhares.

Esse desejo das formas belas dos corpos e espaços urbanos banalizados são carnações entontecidas das sociedades do espetáculo denunciadas pela visão debordiana[48] sobre as questões citadinas, num "abduzir" do tempo e retirada do espaço pelo urbanismo capitalístico que refaz a totalidade do espaço para tomá-lo como seu cenário.

A partir desse conselho de Guy Debord sobre a capitalização dos espaços urbanos é bom os barcarenense ficarem atentos sobre as eminentes especulações imobiliárias atualmente a flertar seus territórios, principalmente, aqueles próximos aos bens naturais de potencialidades turísticas como: praias, igarapés e nascentes de água doce. O Distrito Murucupi quanto a atual Sede já vivem este assombro da supervalorização do solo urbano.

2.5 – Cidade-imagem: Emanações em fluxo...

O fluir da imagem suscita pensamentos outros das emanações à percepção advindo das dimensões arquitetônicas, pois, a visualidade mantém-se em movimento acoplando-se as novas estruturas urbanas como: áreas de ocupação por grupos de pessoas sem tetos a erguerem rapidamente no corpo da urbe novas construções. Com isso, atualizam as paisagens, com as barracas de varas e lonas de plásticos até a chegada das lojas de materiais de construção no local, são indispensáveis para o fornecimento do cimento,

48 Ver em: DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 112.

telhas, tijolos e madeira; a *priori,* os casebres criados com um ou dois cômodos presentes nessas áreas formam o cenário entontecido desses espaços. (Fig. 18).



FIGURA 18: Imagem do surgimento de uma favela a margem da Rodovia de Integração na cidade de Barcarena.

Fonte: Arquivo pessoal.

A implantação das "áreas de invasões", (Fig. 18), fenômeno constante da criação de outras fisionomias em fluxo, ainda que não sejam os únicos fatores do aparecimento das novas faces urbanas, constituem-se nas notórias dimensões da dinâmica urbanística ausentes nesses locais. Estes desordenamentos ocasionam problemas sociais como: a falta de segurança, saúde, educação, esporte, lazer e cultura a esses futuros bairros em "latentes" devires.

Em um salto cartográfico entrópico, seguindo as linhas lisas do pensamento voltando-se a micropercepção do Centro de Barcarena-Sede a Praça Cronje da Silveira, reminiscências imagéticas do corpo da cidade planejada, lembram a efemeridade urbana e dos cidadãos; ambos envelhecem juntos. A *pólis* é parte do indivíduo e, esse também, se faz segmento do corpo da mesma, num enlevo às ideias de Aldo Rossi, o qual definiu a relação de ligação entre o cidadão e a cidade.

> A arquitetura é a cena fixa das vicissitudes do homem, carregada de sentimentos de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias

> privadas, de fatos novos e antigos. O elemento coletivo e o elemento privado, sociedade e indivíduo, contrapõem-se e confundem-se na cidade, que é feita de inúmeros pequenos seres que procuram uma acomodação e, junto com ela, formando um todo com ela, um seu pequeno ambiente mais adequado ao ambiente geral.[49]

Em Rossi a cidade enquanto arquitetura "é parte integrante do homem, é a sua construção."[50] Isso se dá na dimensão existencial do fazer expressivo do conhecimento cultural das sociedades. Um fazer autorreflexivo dos processos técnicos tido como saberes característicos de época; embora a urbe seja dividida em esferas privada e pública, as matérias primas de construção das áreas residenciais se relacionam em uma mistura de sangue e concreto em nível de apego, cuidado e escolha do ambiente; se tornam o fruto do suor e desejo visceral, humano de territorialização, como alude Lewis Mumford (2008), ao discorrer sobre a Cidade dos Mortos, para fazer referência às questões sentimentais e culturais entre o homem e descendentes a certos habitat urbanos exaltadores da memória do grupo: os risos, as lutas, os pulos, as danças, os passos saudosos do bêbado a perambular de um lado a outro das ruas, observado às vezes atentamente de longe pelos olhares dos concidadãos sorridentes com a cena cômica hilariante do vizinho. Sob essa imagem cômica, instala-se o estado de embriaguez da arte dionisíaca manifestada na sociedade do homem natural e ingênuo esquecido de seus princípios de individuação:

> A arte dionisíaca, por outro lado, repousa no jogo com a embriaguez, com o arrebatamento. São dois os poderes que principalmente elevam o homem natural ingênuo até o esquecimento de si característicos da embriaguez, a pulsão da primavera[51] (*Frühlingstrieb)* e a bebida narcótica.[52]

Nesse sentido, sobre os passos bêbados no asfalto surgiu finalmente a cidade entontecida, com a saudade daqueles que somente os ossos ou o pó se fazem presentes nesses espaços de cenas memoráveis, nos quais todos ou a maioria da comunidade lembra-se ou conheceu esses momentos dionisíacos dramáticos de algumas pessoas embriagadas a encarnarem personagens artísticos emblemáticos, a perambularem pelas ruas a traçar linhas ondulantes através de seus percursos nos espaços citadinos paralelos e perpendiculares. São espetáculos do cotidiano estético barcarenense onde personagens surgem e voltam em meio à névoa das lembranças a desfazer-se no ar.

49 ROSSI, 2001, p. 3
50 Ibid, 2001, p. 3
51 Em que a força gerativa da Vontade na natureza se faz sentir sobremaneira. (N. do T.).
52 NIETZSCHE, 2005, p. 8.



FIGURA 19: Imagem de favela, um devir-bairro ao longo da Rodovia de Integração em Barcarena.

Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse nível de entrelaçamento de Barcarena com seus habitantes. Das pulsações em nível do toque e pressões endêmicas impostas ao aparecimento da imagem recalcitrante de energia recortada dos desmontes moleculares dos corpos na velocidade do texto entontecido, embriagado e contrário às posturas de privação do prazer no meio da cidade-imagem[53] a escapar das garras do pensamento intransigentes a entravá-la no espaço-tempo, a cidade continua a crescer.

As imagens de Barcarena (Fig. 19) em linhas de fugas lisas a produzirem velocidades infinitas constituem-se em horizontes artísticos no desmontar e remontar dos *pixels,* espalhando-se no distanciamento das ondas luminosas curvas imanentes do solo quente e frio do Município. Local esse, onde as pessoas movimentam-se em bicicletas, motocicletas, carros pequenos e pesados na dinâmica laborativa do dia-a-dia, sem perceberem e vislumbrarem a cidade-imagem-arte, a desmanchar-se feito horizontes das "ilhas desertas"[54] deleuzianas sempre vazias.

Por isso, acompanhar o mover da cidade com todas suas engrenagens é perseguir ou tentar chegar a um horizonte fugidio que escapa se prolongando além das dimensões

53 Há uma cidade outra constituída por suas imagens-lembranças e percepções-imagens emanadas do corpo urbano. (N.A).
54 DELEUZE, GILLES. **A Ilha Deserta: e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 17.

possíveis, a urbe parece escorregar pelas fendas de seus devires a esconder-se no horizonte inatingível. Por esse motivo, aludimos às ilhas desertas, pois quando se salta em suas areias entontecidas, já não mais se estar nela, de modo que, ela moveu-se novamente e se tornou outro horizonte, agora mais a frente da linha do espaço-tempo, porém, restam-se os blocos de sensações.

Esses blocos de perceptos e afectos constituídos da essência dos devires-urbanos, recortes do movimento da urbe no espaço-tempo, trazem em si imagens perceptuais de cada estágio ultrapassado pela cidade, logo, podem ser utilizados como fonte verossímil do processo da existência das emanações dionisíacas do fluxo de sangue e concreto das marcantes ontologias dos espaços barcarenenses. Essas são as reminiscências deixadas para trás feito pegadas na areia do fluxo das ilhas desertas dessa *city*; seria uma espécie de imagem-fragmento desterritorializada de seu tempo, um rastro deixado nos recortes caóticos das dimensões urbanas: uma imagem (fotografia) pode ser isso.

A imagem perceptiva é também essa imagem-fragmento emanada em cada fato histórico ocorrido em Barcarena durante a exequibilidade formal do seu próprio corpo, a traduzir-se em citação documental do devir das antigas aldeias repletas de índios, portugueses e negros iniciadores da tessitura da cidade durante meados do século XVII. Para diante disso, despontar como cidade industrial no contemporâneo.

Em vista disso, as atualizações[55] constituíram-se ao longo do processo colonial até o presente, seguindo o fluxo entontecido de devires, conforme o percurso traçado pela urbe, no que diz respeito à legibilidade confusa do meio urbano, fragmentária, inconclusa, diferenciada, marginalizada, ambivalente se mostra tenaz, caótica enquanto imagem urbanístico-estética do município. De todo modo, a ordem imagética do corpo ultrapassa a ideia de cidade complexa, onde subjazem múltiplos climas perceptivos aguçadores da possibilidade de buscar certa ordem em meio aos fragmentos visuais dos ambientes ainda que caóticos.

A legibilidade das imagens, claras no reconhecimento e compreensão das semelhanças das paisagens urbanas vistos nas fotografias, recortes, citação documental do próprio corpo da cidade, é substrato a descrever laboriosos jogos estético-formais imagéticos dos acontecimentos locais capazes de integrarem-se ao cenário físico das dimensões perceptivas e, por isso, estéticas da urbe, interligando-a, a dimensões, visíveis sociais, bem como salientar símbolos entontecidos do poder, aparentes nas paisagens urbanas oferecendo aos cidadãos “importante sentimento de orientação emocional”[56]. Advindo da forma da cidade atual, tornam as imagens, meios legíveis de informações do corpo endêmico da *city*, puras percepções-imagens do ambiente citadino manifestos em cada imagem da mesma.

O corpo pulsa vibrante em meio ao enlevo do clima quente e estético da cidade de Barcarena, enquanto os olhos percorrem as paisagens urbanas numa dança frenética de

55 Vide p. 74.
56 LYNCH, 2006, p. 5

ritmos persistentes entre uma casa e outra: imagens desconexas de densidade empobrecida ante ao reflexo da condição industrial. Suas ruas paralelas e perpendiculares largas, palcos de velozes veículos deslocando-se de um lado ao outro contrastam com as calçadas curtas feitas somente em algumas esquinas, aqui tudo parece que ainda é construção, mas já é ruina.

O fluxo pendular de ida e volta das *vans*[57] durante o dia atravessam o corpo da urbe trilhando os seus caminhos conectando as duas partes do Município através da Rodovia de Integração. De todo modo, elas percorrem cheias de passageiros, lentamente ou depressa "cortando" o espaço urbano até anoitecer. Após escurecer, não se vê mais nenhuma delas a cumprir o trajeto: serviço incompleto. Quando se viaja à tarde de Barcarena-Sede para o outro lado da cidade, é preciso não perder a última van, ou então terá que pedir carona, voltar de taxi, moto-taxi, ou vir andando. As coisas realmente não terminam nessa cidade, aqui tudo é devir.

Barcarena retarda o fluxo à noite, é puro contraste durante o dia, sobre este ponto de vista há duas cidades escondidas: acordada e adormecida. Quando se leva em consideração o agenciamento de interligação dos dois corpos barcarenenses é algo instigante e revelador dos polos urbanos da mesma cena. A imagem fragmento de ambos os lados da cidade, repletos de bens urbanísticos montados sobre égide econômico-industrial e comercial vive o seu fervilhar durante o dia e abranda-se à noite, num movimento assustador, quase desesperador a produzir o arquétipo de lugar vazio, inanimado, às vezes macabro, denso, pesado, atordoante de gemidos, gritos, soluços, uivos de cães ao longe, patas sorrateiras de hábeis gatos a pular as cercas, muros e telhados a desaparecerem na escuridão, enquanto que, as casas a exalarem a temperatura, liberam o vapor provocado pelo aquecimento da luz do sol durante o dia. A cidade evapora no escuro! O corpo suado das paredes guardam os corpos de sangue, daqueles que a deixam vibrante de manhã e a tarde, à noite dormem o sono da tranquilidade ou incerteza e frustação do dia vivido e o por vir, imagens pesadas de músculos doloridos, cérebros ativos, insônia, estresse, "loucura" contemporânea da urbe em crescimento expressada na vivência da gente desse local.

No final do dia novamente o corpo exigido, mutilado, exposto nos cantos urbanos de incalculáveis estranhamentos, os levou no lugar do desenvolvimento absurdo daquilo que não se tem e nem se pode usufruir plenamente; a vida. A cidade acordada é delirante aos olhos atentos, enquanto que, a cidade desejada é proporcionadora da felicidade, horizonte inalcançável, é uma ilha deserta a escapar dos barcarenenses postos a procurá-la.

2.6 - A intensiva vila manteiga.

A Vila Manteiga, (Fig. 20, 21, 22 e 23), de barracas, tabuleiros, *gente em êxtase* nas mercearias e pequenas lojas, varrem o ambiente antes da chegada dos fregueses para gastarem o salário adquirido na fábrica, na prefeitura ou nos trabalhos autônomos

57 Meio de transporte alternativo municipal, prestado a população por meio de cooperativas operando nas linhas rodoviárias em Barcarena. (N.A).

com alguns dos produtos existentes neste local peculiar barcarenense[58]. Lugar de ritmo acelerado pela agitação dos comerciantes e dos clientes, do peixe salgado, da farinha d'água, da carne de sol (charque), bebidas, nesta Vila há dose de embriaguez dionisíaca impregnada em seu funcionamento entontecido.



FIGURA 20: Imagem de Vila Manteiga em Barcarena-Sede ao meio dia.

Fonte: Arquivo pessoal.

Nesta Vila entontecida tudo é potência de celebração da vida durante os dias, espaço ou lugar de beber a famosa "dose" no copo liso de fundo grosso ou no de gomo só para esquentar o estômago para mais umas horas de trabalho, este *locus* é o ponto intensivo de Barcarena. A Vila Manteiga contém imagens imponentes dos marcantes personagens, onde se acha quase tudo, "vale a pena ir lá ao menos para sorrir com os piadistas e ser contagiado pela energia dessa gente lutadora", simplesmente, pelo motivo de se estar ali em fluxo existencial.



FIGURA 21: Imagem de Vila Manteiga.

Fonte: Arquivo pessoal.

A entotecida Vila Manteiga é sempre lisa, possui sua dinâmica caótica advinda do processo mutante de desterritorialização, pois sempre mudou de lugar no fluxo histórico do município, surge como uma feira de estiva, com parte de suas estruturas dentro do rio Mucuruçá, em seguida abandona sua verve ribeirinha e se torna parte do urbano, ou seja, veio para a terra e migrou o seu corpo conforme a lógica progressiva necessária ao progresso de Barcarena. Ela é um fenômeno do desmonte e remontagem. Por isso, sempre continuará em linha de fuga viva frente ao futuro entontecido.

58 Anteriormente ela ficava parte dentro do rio Mucuruçá, mas com a pretensa construção do cais foram removidos para o espaço entre o Terminal Rodoviário e a Feira Coberta, até que projetos tendam removê-la para outro canto da cidade. (N.A).

Intensiva, caótica, entontecida, dinâmica, comercial: multiplicidade de ambição de devires lojas, supermercados, armazéns, postos de combustível, redes de lanchonetes, linha lisa de energia construtiva de um devir-shopping no centro do bairro comercial de Barcarena sede.



FIGURA 22: Vila Manteiga esquina com Avenida Cronje da Silveira.

Fonte: Arquivo pessoal.

À noite Vila Manteiga mantem o seu clima fantástico onde o imaginário sexual toma conta de seus pequenos becos por onde o bêbado, que outrora perambulava por outras ruas vem em busca do último gole da noite antes do fechamento da última taberna. Ai está à pequena vila provisória.



FIGURA 23: Imagem de Vila Manteiga vazia à noite.

Fonte: Samuel Cardoso e Gleidson Carvalho.

Ela faz parte do devir outro da urbe gerada pelos afectos e perceptos capazes de mantê-la atualizada por si mesma, funcionando feito "monumento deleuziano" a atualizar-se sozinha, por conter nela sua própria força estética devendo só a si mesma a sua conservação. Exatamente por este motivo a Vila Manteiga é constituída em "[...] relação da sensação com o material [...] avaliada nos limites da duração do material, qualquer que seja"[59] . A relação das sensações das pessoas a se animarem através de seus sorrisos, jeitos divertidos dos trabalhadores dessa Vila singular e se fundem as matérias das pequenas lojas, mercearias, bares e lanchonetes a dramatizarem o lugar todos os dias em uma produção de imagens entontecidas do centro comercial humoradas, cínicas e repletas de energia otimista em relação ao outro dia.

59 DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 248.

2.7 - Orla-entontecida.

Outro ponto de vista da cidade é a frente localizada à margem direita do rio Mucuruçá, a qual é a grande avenida por onde passam embarcações de vários outros municípios do Pará e Amazonas, em movimentos lentos durante as terças e sextas-feiras formando a imagem em movimento de vai e vem na frente da orla barcarenense. Provavelmente, o fluxo fluvial intenso foi um dos fatores provocadores para a transferência da Sede da Vila de São Francisco ao lugar atual, justificável pela intenção de utilizarem o trecho do rio como estratégia do desenvolvimento comercial local[60].



FIGURA 24: Imagem da orla de Barcarena-Sede.

Fonte: Arquivo pessoal.

Atualmente percebeu-se o equívoco, tendo em vista, a frágil utilização dos navegadores que raramente ancoram suas embarcações em Barcarena. Devido à orla não oferecer serviços, como: estrutura de portos para atracar as embarcações de maneira satisfatória e segura. (Fig. 24)



FIGURA 25: Imagem da orla.

Fonte: Arquivo pessoal.

O cais construído outrora veio a cair, derrubado pela força das marés, esta parede entre o rio e o meio urbano constitui-se em grande embate entre as forças naturais e urbanísticas, haja vista, a insistência contínua do cais "rebelde" a continuar a cair, como se a cidade o empurrasse para dentro do rio, e este, por sua vez, aceitasse o mergulho do amontoado de concreto, a demonstrar. De certa forma, temos o fluxo entontecido da

60 O qual, talvez tenha motivado a geração da primeira Vila Manteiga com parte dentro d'água. (N.A).

terra num ato de adaptabilidade relacional com a força do Mucuruçá e Barcarena. A orla da cidade está entontecida.

A água e a cidade digladiam-se, mas, por enquanto o rio leva vantagem visível em relação ao urbano cais caótico que persiste há muito tempo. Recentemente foi erguido um novo, todavia é pouco confiável, porque em algumas partes as estruturas declinaram, entortaram e estão atadas pelas ferragens, como se pode ver na (Fig. 25, 26 e 27).

Os problemas estruturais da orla barcarenense perduram por um bom tempo. Ela sempre esteve em construção e quando foi "terminada" e entregue aos habitantes da cidade em 2011, novamente a orla quase chegou a afundar no Mucuruçá, os cidadãos olham esta imagem degradante que muito precisa ser feito, no sentido de resolver o problema efetivo do alicerce da orla da cidade, como pode ser visto nas fotografias (Fig. 26 e 27).



FIGURA 26: Imagem do cais quase caindo.

Fonte: Sérgyo Silva.



FIGURA 27: Imagem do cais de outra perspectiva.

Fonte: Arquivo pessoal.

2.8 – Corpo-entontecido em fuga.

O corpo urbano em Barcarena está em formação, haja vista, às construções dos espaços públicos e privados estarem em obras, contribuindo com a imagem da cidade em fluxo, como: o cais, o ginásio e o estádio municipal, são exemplos da estética da incompletude e apontam para devires-infinitos. (Fig. 28 e 29). Em virtude disso, essas obras impactam as paisagens urbanas, destacando aspectos sensíveis parciais manifestados nas ereções arquitetônico-públicas e comprovam a dinâmica da *city* sendo formada no espaço-tempo.



FIGURA 28: Parte da arquibancada inacabada do estádio municipal.

Fonte: Arquivo pessoal.



FIGURA 29: **"**Estádio Municipal de Barcarena", gramado excelente, mas as estruturas arquitetônicas estão inacabadas. Assim, esta obra é um devir-estádio.

Fonte: Arquivo pessoal.

2.9 – Devir-corpo: Imagens-dobras.

O visual do corpo urbano barcarenense tornou-se mais perceptivo quando se levou em apreço a "[...] visibilidade num sentido mais profundo, em que os objetos não são apenas passíveis de serem vistos, mas também nítida e intensamente presentes aos sentidos"[61]. A imagem de Barcarena é passível de ser desconfortável aos sentidos, no entanto, é um substrato notório das grandes ambivalências das paisagens urbanas projetadas sobre os bairros, invasões, centro e periferia do corpo particular do Município industrial.

A percepção do corpo urbano visto nas construções arquitetônicas apresentáveis nas linhas compositivas das paisagens urbanas, nesse município da visibilidade das construções locais aparentes nas fachadas de casas e prédios e nas esquinas barcarenenses, conforme pode ser verificado na imagem do prédio (Fig. 30) inacabado em obras. Por causa disso, forma uma paisagem a diluir-se ao longo do tempo a sofrer ajustes, reformas, adaptações, adequações, anexações de novos espaços à medida que a cidade vai mudando as formas citadinas acompanham essa dinâmica, como é o caso deste prédio em Barcarena Sede.

61 LYNCH, 2008, p. 11.



FIGURA 30: Imagem do prédio localizado na Avenida Cronje da Silveira esquina com a Trav. Santo Antônio onde estão a atual Câmara Municipal de Barcarena, algumas secretarias e diversas lojas.

Fonte: Arquivo pessoal.

Este prédio localizado no centro comercial logo na frente da Sede Municipal já passou por diversas alterações estruturais de suas fundações para suportar o peso dos blocos de concreto dos pilares; lajes sobre lajes e paredes das inúmeras fachadas construídas até atingir a atual configuração. A imagem deste prédio acompanha a dinâmica urbana, devido às reformas em sua paisagem. Inclusive de tanto ser atualizado no sentido de verticalizá-lo montando bloco sobre bloco, forçando os alicerces sem nenhum tipo de estaca fincada no solo ribeirinho a ruir, cedendo, paredes rachando-as devido o peso da construção.

Os rumores espalhavam-se pela cidade de que o imóvel poderia cair se não fosse feito os devidos reparos exigidos pelos peritos. Contudo, após alguns reparos na fundação, a edificação da qual parte é alugada à Câmara Municipal, continua no processo de devir-edifício, por estar inconcluso e com aspecto formal e visual desagradável de inacabado a contribuir com a história da fealdade das paisagens urbanas.

A fealdade só é possível ser dita mediante a face das paisagens e aparência desestimulantes da descrição imagética barcarenense em construção entontecida. Aguçada ainda mais nos bairros periféricos marcantes de visualidades outras, advindas do surgimento dos ajuntamentos de casas em espaços desordenados acrescidos a urbe.

Um corpo complexo de fragmentos balizado pelas complicadas comunidades afixado em volta dos primeiros bairros. A imagem de Barcarena tornou-se grandes mosaicos interligados por alguns rios e ruas e avenidas manifestados no processo configurativo da cidade em expansão.

Tudo em plena mutação, às casas, as ruas, as pessoas mudam suas imagens corporais e nestes ensejos interferem no corpo da cidade da mesma maneira e proporcionam novas fisionomias de agradável leveza e simplicidade às vezes. Talvez haja algum tipo de estética cotidiana no ato de se fazer bens arquiteturais para se viver. O gosto ou estímulo por coisas belas é inato ao homem, ele já possui em si, valor de beleza, e não há como desmerecer a beleza intrínseca nos habitantes, dir-se-ia de uma simpatia pelas simetrias artísticas da estética dos indivíduos de cidades pequenas, mas com seus particularismos

de legibilidades dos espaços urbanos, erigidos como meios de suas subjetividades criativas manifestas nas paisagens citadinas[62].

A lógica do inacabado marcam os espaços públicos e mantém a forma em atualização, tudo está em composição, nos prédios, outra laje, sobre laje, surgem novos prédios erguidos sobre os anteriores, o verbo "construir" é altamente executado nesse município. Empreendimentos loucos, sem beleza, corpos arquitetônicos somáticos, fenômenos de acoplamento de estruturas de pilares ou suportes de sustentação para mais um andar da casa: a casa, sempre ela, espaço das experimentações do devir-urbano entontecido dos construtores barcarenenses.

Corpo de madeira, alvenaria, concreto, ferro, asfalto, vidro, água, buracos e lixo, obras prestes a cair, gente pequena, grande e velha, carnação em construção dentro do jogo urbano da existência das ereções do grande arquétipo louco da arquitetura improvisada, instintiva, ribeirinha, mas posta de pé no chão planado pelo trator imanente na (Fig. 12) a ferir a terra barcarenense, vibração do sangue misturado à poeira densa do solo úmido da margem do rio. Barcarena-Sede foi erguida e continua a impor ritmo acelerado no seu desmonte e remonte da colher do pedreiro e do martelo do carpinteiro.

Organismos protuberantes armados pelos cidadãos espelham a imagem tumultuada, porém, viva e real coabitada pelos olhos em tempo particular e meticuloso da gente desses espaços urbanos, participantes das incisões de novos barracos, casas no chão da urbe. Mecanismo não humano erguido para corpos coparticipes de sua construção de seus cantos, ruas, quadras. Verifica-se nesse processo de construção a junção do humano com sua prótese, palco da vivência, pois nela, muitos acontecimentos são dramatizados, efígies inesquecíveis de beleza e feiura, tristeza e alegria ocorreram nesses ambientes, "as paredes são testemunhas" desses fenômenos, daí surgem caracteres documentais e capitalísticos dessas imagens desordenadas das construções arquitetônicas no corpo da cidade.

Um canto torna-se lugar privilegiado devido aos acontecimentos dados nesses cruzamentos de ruas, de modo que esses lugares são disputados pelos moradores e comerciantes, para eles, a esquina é o melhor lugar da urbe para utilizarem-se do movimento de gente para algum tipo de empreendimento. Esses cruzamentos bastante valorizados econômica e comercialmente em Barcarena. Inclusive, fazem alusão a um dos fortes motivos da transferência da Sede Municipal para o atual lugar, visto que a mudança foi motivada por interesses econômicos de explorarem o ir e vir das embarcações que passavam pelo Rio Mucuruçá, deste modo, o município teria se tornado ponto de ancoragem para a maioria das embarcações que navegavam por este rio, mas para isso ser efetivado era necessário investimento infraestrutural na construção do cais, pier, terminal fluvial, restaurantes, hotéis e banheiros para os viajantes.

62 Em relação à arte intrínseca nas pessoas, Nietzsche (2007, p. 32) afirma que o homem tornou-se obra de arte, pura potência estética da natureza. Assim, a arte funde-se ao homem, é o homem em forma de obra de arte em construção, em devir. (N.A).

O desejo de utilização do rio como fonte de renda não foi efetivado, pois se tivesse acontecido à cidade teria se tornado uma "grande esquina comercial" situada à margem direita do Rio Mucuruçá. Em vista disso, o sonho de tornar a cidade "portuária ribeirinha paraense" foi frustrado devido à falta de planejamento urbano. Faltou logística, para tornar a urbe atraente aos viajantes que atualmente continuam a navegar pelo mesmo local e talvez nem dediquem nenhum olhar ao rosto de Barcarena mal construído.

As paisagens urbanas são referências visuais importantíssimas ao desenvolvimento da *pólis*, olhar Barcarena é ter diante de si imagens perturbadoras, desdobrando-se ao grotesco. Trata-se de uma notoriedade marcante da desestetização, os cenários apesar de expressivos são muito pobres artisticamente, se para Brissac Peixoto as cidades são as paisagens contemporâneas, é porque esteticamente para ele, aglomerados de tijolos, concreto, ferro, fios, postes, lixo nas ruas formam tais paisagens, não importa a preocupação com padrões de gosto, então, por este ponto de vista este município se enquadraria perfeitamente como objeto artístico.

A despreocupação estética com a imagem da cidade denuncia a falta de planejamento urbano das construções arquitetônicas dos espaços, e, mais a fundo, traz à tona questões de gestão política dos bens públicos necessárias à aplicação de normas técnicas na feitura do corpo da cidade: fiscalizar, ordenar as linhas compositivas das paisagens urbanas para a obtenção da legibilidade. As linhas da urbe são resultados dos planejamentos das obras com o visual, a exterioridade orgânica, tanto urbanística, arquitetônica e paisagística devem ser trabalhadas juntas na produção do desenho estrutural.

> O ambiente visual torna-se parte integrante da vida dos habitantes. A cidade não é de modo algum perfeita, mesmo no sentido restrito da imaginabilidade, nem todo o seu sucesso visual se deve apenas a essa qualidade. Mas parece haver um prazer simples e automático, um sentimento de satisfação, presença e certeza, que decorre da simples contemplação da cidade ou da possibilidade de caminhar por suas ruas.[63]

A forma da cidade está diretamente proporcionalizada à alta estima de seus moradores, o ambiente visual urbano provoca prazer estético, pois a relação com as paisagens atraentes ritmadas estimulam prazer visual nas pessoas e, por isso, despertam as sensações humanas a níveis outros, a produzir o desejo de andar pelas ruas pelo simples prazer de estar em contato com um meio belo, estético e funcional. A cidade bem ordenada suscita nas pessoas como diz Lynch, satisfação, presença de se estar num lugar agradável, ainda que mútuo, porém, estético por excelência por se tratar de matéria composta em forma de obra.

As imagens são dobras da própria cidade sobre suas dimensões estéticas, visíveis ao mundo, elas espelham, revelam, recortam as paisagens urbanas se redobrando sobre os espaços e os transformam em saber-imagem-cidade. Por esta razão, procedem por reduplicação outra, na medida em que se instauram como emanações do outro eu-citadino

63 LYNCH, 2006, p. 103.

e se tornam a diferença, puro devir-urbano estendido fora do plano da representação para se tornarem subjetividades de si, tais imaginabilidades funcionam como subjetivação por serem agora a dobra do lado de fora da cidade, o "si" da urbe são suas imagens, não importa o plano em que estejam.

2.10 – Dobra-cristalizada.

Dobrar Barcarena sobre si provocaria o aparecimento de Barcarena outra em sua forma espelhada diferente, neste caso, seria a imagem virtual da mesma sendo refletida do contato com a cidade atual. Em virtude disso, as imagens urbanas "atam-se" a cidade através de seu caráter de indiscernibilidade das duas dimensões barcarenenses: atual e virtual, de modo que ambas estão ligadas por pregas de virtualização e atualização do corpo da urbe por intermédio da imagem, essas ligas conectam as pontas dos recortes imagéticos a cidade, ao ponto dela não poder se desvencilhar mais de sua imagem-cristal.

> A imagem-cristal é certamente o ponto de indiscernibilidade de duas imagens distintas, atual e a virtual, enquanto o que vemos no cristal é o tempo em pessoa, um pouco de tempo em estado puro, a distinção mesma entre as duas imagens que nunca acaba de se reconstituir.[64]

A cristalização da imagem da cidade emana de seus interstícios. Praticamente todos os problemas que atravessam Barcarena ao longo do tempo, *perceptos* refletidos com a atualização do corpo urbano repletos de problemas estéticos, econômicos, políticos, sociais e culturais. A imagem-cristal atravessa todas as dimensões reais do município durante o seu processo de atualização, na medida em que, suas imagens refletem os fatos ocorridos na urbe através de sua dobradura, dessa maneira, até a colocação de um tijolo para a armação do muro da casa de qualquer morador será percebido na imagem refletida na curva, assim como, o andar das pessoas pelas ruas cristalizadas visíveis e reduplicadas sobre ela mesma.

As cidades mudam e crescem diante dos olhos e suas imagens são testemunhas deste avanço atualizador das paisagens urbanas, por isso, elas mudam de imaginabilidades constantemente e estas dinâmicas imagéticas são captadas pelas dobras do corpo urbano sobre si ao longo do tempo, e tornam-se *perceptos* emanados destas transformações por que passam as urbes. Na realidade, a dobra ou a curva da cidade faria com que ela se enxergasse a si, num espelho, mas com imagem real contrária, virtual e atual, no sentido estético.

Em vista disso, curvar as imagens barcarenenses sobre si mesmas implica na criação de ligas artístico-estéticas das dimensões urbanas a revelarem as forças aniquiladoras de seu *pathos* político mergulhado na passividade entontecida de luxúria, diante das fragilidades sofridas pelo povo no corpo da cidade. Quando Barcarena se vê através de seus planos percepticos, em que as dobras do visível ficam notórias, daí surgirão questões:

64 DELEUZE, 2007, p. 103.

que se pode fazer e enunciar hoje sobre o ambiente citadino, no sentido de constituí-lo funcional e artisticamente?

Vai depender muito dos processos de resistência contrários a desestetização urbanística persistente nesse município do Baixo Tocantins. Os valores de subjetivação dos cidadãos barcarenenses, ou seja, sua consciência estética e política sobre as questões de planejamento e gestão urbanas, no que tange a forma da urbe, não sejam somente o de cobrar das autoridades competentes, mas, também de participarem da construção dessa imensa obra arquitetônica e urbanística chamada Barcarena. Seriam tentativas efetivas de mudanças da fisionomia para se pensar a relação entre arte e real, mesmo que, isso trouxesse outros problemas de articulações da subjetivação de cada morador, pois, esbarrar-se-ia em padrões de gostos individuais.

Apesar disso, a subjetividade estética a respeito da cidade, a priori, levaria cada morador a pensar sobre o espaço no qual mora e de alguma maneira interviria nele, criar-se-ia pressupostamente uma imagem citadina harmoniosa para o lugar em que vivem e atualizá-lo-iam. Estas possíveis mudanças dos aspectos das casas, prédios e faixadas produziriam transformações estéticas agradáveis às paisagens urbanas do município e também aos próprios cidadãos, pois:

> Para o bem ou para o mal, [a cidade] o convida a refazê-la, a consolidá-la numa forma em que você possa viver nela. Você também. Decida quem você é, e a cidade mais uma vez vai assumir uma forma fixa ao seu redor. Decida o que ela é, e a sua própria identidade será revelada, como um mapa fixado por triangulação. As cidades, ao contrário dos povoados e pequenos municípios, são plásticas por natureza[65].

A cidade convida seus habitantes a refazê-la, na forma onde se quer viver, consequentemente, a adaptação do espaço em volta dos barcarenenses refletiria a individualidade dos mesmos através da imagem do ambiente vivível, ou melhor, na forma, no desenho de suas casas. "*A devir-imagem da urbe*"[66] seria a comprovação de que as urbes são plásticas e, por isso, podem ser alteradas, modificadas pelas ações de seus moradores. "Moldamo-las à nossa imagem: elas, por sua vez, nos moldam por meio da resistência que oferecem quando tentamos impor-lhes nossa própria forma pessoal"[67]. Sendo que a reestruturação das paisagens urbanas implicaria na alteração dos agentes transformadores, isto é, as pessoas seriam afetadas pela legibilidade do espaço circundante, devido, o seu teor artístico que elas ajudaram a erguer.

> Nesse sentido, parece-me que viver numa cidade é uma arte, e precisamos do vocabulário da arte, do estilo, para descrever a relação peculiar entre homem e material que existe na contínua interação criativa da vida urbana. A cidade tal como a imaginamos, a suave cidade da ilusão, do mito, da aspiração, do pesadelo, é tão real, e talvez mais real, quando a cidade dura que podemos

65 RABAN apud HARVEY, 2010, p. 17.
66 É uma imagem mental formada no pensamento, (no plano de imanência), para a atualização de determinada paisagem real que será substituída por esta pré-formada. (N.A).
67 RABAN, apud ibid, 2010, p. 17.

> localizar nos mapas e estatísticas, nas monografias de sociologia urbana, de demografia e de arquitetura[68].

Mesmo a cidade sendo lugar demasiado complexo e artístico para desmembrar-se de forma disciplinada, no sentido de união das forças dos governantes e cidadãos para a armação de paisagens mais agradáveis à contemplação, estes esforços seriam facilmentes desmerecidos diante da subjetividade dos moradores e das imposições tecnicistas por parte das lideranças. É praticamente impossível articular ações dessas dimensões arquiteturais sem o tratamento das sensações individuais das pessoas.

Para facilitar o processo de mudança na visibilidade da urbe, alguns agenciamentos estéticos na educação dos cidadãos precisariam ser implantados como linhas de fuga para alcançarem valores coletivos, pois na cidade, "[...] tudo adquire um *valor coletivo*. Os valores deixam de pertencer e influenciar única e exclusivamente ao artista, para tomar conta de toda comunidade"[69]. À medida que estes valores fizessem parte da vivência das pessoas, também, as composições das paisagens urbanas barcarenenses passariam a possuir melhor cuidado artístico em suas estruturas, haja vista, o julgamento com mais propriedades das imagens da cidade por parte das pessoas.

Essa tomada de consciência sobre as imagens da cidade já era preocupação desde os gregos quando pensavam em suas *pólis*, inclusive, todos os aspectos da vida se relacionavam ao ambiente citadino, principalmente, o conhecimento e corpos de seus cidadãos. Em Atenas, por exemplo, seus habitantes eram sua maior riqueza, levando-se em consideração suas aptidões intelectuais:

> Por algum tempo, a cidade e o cidadão eram um só, e nenhuma parte da vida parecia estar fora de suas atividades formativas, moldadas por si mesmas. Essa educação do homem integral, essa *Paideia*, como lhe chamou Jaeger, para dar limites mais amplos que os de uma estreita pedagogia, jamais foi igualada em qualquer outra comunidade tão grande.[70]

As cidades e os cidadãos de alguma maneira ainda são um só, pois um ainda afeta o outro; porém com uma diferença, os habitantes são responsáveis pelo bem comum do meio onde vivem e na maioria das vezes, não cumprem com o seu dever citadino de serem politizados, pois foi este estigma, esta marca deixada pelos antigos moradores de Atenas que os tornam atuais; eles foram atuantes em seu tempo-espaço, participantes da vida da cidade, animavam-na e a mantinham viva; a *pólis* eram eles, bem diferente de hoje. Atualmente, as cidades substituíram o humano e passam de certa forma, a ser mais importantes do que as pessoas por causa de seu valor de fetiche especulativo do Capital.

E, em Barcarena de ruas largas, retas em alguns bairros planejados, mas sem conclusão, enquanto que, em outros de ruas tortuosas e sinuosas, Pollockianas, surgem às trilhas ondulantes cheias de mato e lixo com crianças brincando, bicicletas, motocicletas,

---

68 Id, apud Ibid, 2010, p. 17.
69 GALLO, Silvio. **Deleuze e Educação**. 2ª ed. Belo horizonte: Autêntica, 2008, p. 63.
70 MUMFORD, 2008, p. 203.

poucos carros a trafegarem, muita lama, às vezes poeira, poucas árvores, gente correndo dos tiros dados alhures, não se sabe se os motoqueiros são prestações ou traficantes e isso não são somente imagens virtuais, elas são atualização da condição real em meio a casebres de madeiras e alvenarias dos inúmeros bairros criados recentemente nas comunidades carentes de infraestrutura urbanística e bens sociais: saneamento básico, educação, emprego, segurança, lazer, arte nesta cidade, precários. Estes fatos urbanos geraram a imagem-abandono provocada pela ausência de empreendimento político.

Daí cuidar das imagens urbanas diante desses problemas presentes nesses cernes seria muito trabalhoso, mas poderia ser viável por meio da inserção de certa cultura artística, durante a feitura das próprias casas, sendo estas simples ou luxuosas para contribuir com o melhoramento do "rosto" de Barcarena. Contanto que os moradores participem e recebam espontaneamente orientações de projeções arquitetônicas e desenho, a ponto dos mesmos proporem suas próprias fachadas harmoniosas.

Este cenário proposto seria bem diferente da percepção entontecida da casca barcarenense se dissolvendo pelas beiras, imagem reluzente nas costas suadas dos meninos jogando futebol no quintal abandonado, comprado pelas fábricas de muro pré-moldado do espaço invadido pelos donos da terra: as crianças, elas invadem, subvertem o privado, fazem uma dobra no alvará de posse da prefeitura, curvam o IPTU[71] ao chute da bola. Elas rompem o limite das três varas, a percorrerem o solo quente, a desprenderem dos seus tenros corpos o cheiro de moleque ao sol a exalar no vento o odor da liberdade, devir-moleque a linha de fuga da devir-cidade.

2.11 – Imagens latentes: Barcarena dança.

A arquitetura vislumbrada por Aldo Rossi, cenas repletas de vicissitudes humanas, explodem a cada pulsar do tempo, pois como ele diz:

> [...] as imagens, gravuras e fotografias das demolições oferecem essa visão. Destruidoras e demolições bruscas mudanças do uso do solo, assim como especulação e obsolescência, estão entre os meios mais conhecidos da dinâmica urbana [...]. Princípios e modificações do real constituem a estrutura da criação humana.[72]

As cidades se atualizam junto com os cidadãos, fazem parte da mesma força de devir, o qual "o universo está em expansão"[73]. Tudo flui. As casas da infância ficam a vagar no desmanchar das imagens-lembranças; demolem-se cantos, ruas, praças, prédios, postes, esgotos, pessoas, para fazer Barcarena escapar de seu cotidiano se desfazendo dele, graças às linhas de fuga atualizadoras humanas de novas nuances imagéticas a despertarem sensações, próteses entontecidas dos lugares da vivência em linhas

71 Imposto sobre a propriedade predial e territorial urbana (IPTU).
72 ROSSI, 2001, p. 3-4.
73 VIEGAS, 2007, p. 39.

horizontais, verticais e diagonais das periferias, surto populacional pelas quais passaram o lugar dos seres complexos: as urbes.

As modificações reais as quais Rossi se refere ocorrem em todas as cidades e Barcarena não fugiria a regra, este sintoma é intenso a todo instante, novas casas, paredes, telhados, calçadas e pessoas surgem diariamente. As transfigurações do meio urbano ficam latentes nas imagens do corpo municipal.

Alterações bruscas dos espaços tomam conta da cena contemporânea sonora dessa cidade, nos finais de semana, ela chega a vibrar com o estrondoso som das aparelhagens digitalizadas tocando em diversos bairros, ao mesmo tempo bem acima dos limites dos decibéis[74] permitidos por legislação municipal nas áreas residenciais, o máximo é de 50 decibéis (dB) no período diurno e 45 dB à noite. Já no perímetro comercial, o limite é de 60 dB, em qualquer período. Já nas áreas industriais é de 70 dB. Próximo, a igrejas, hospitais, escolas e casas de repousos, as restrições são maiores.

Enquanto que, em Barcarena essa legislação sonora não é levada em consideração pelos donos dos salões de festas, igrejas, carros de propaganda e moradores. A falta de padronização acústica na cidade polui o ambiente com ondas sonoras, infecta o município, fazendo-o parecer uma concha acústica de música estridente. Causando consequências imensuráveis a estética da vida urbana, até as telhas de algumas casas escorregam de suas posições devido às ondas sonoras irregulares propagadas no ar, som louco a capturar as sensações dos jovens embebidos por esse tipo de espetáculo "cauterizador" das faculdades mentais e liberador das emoções ao extremo, tudo o que Nietzsche previu para nosso tempo, quando repreendia a música wagneriana, acusando o músico de hipnotizar o público porque a sua arte das partituras deixava o público num estupor de "satisfação emotiva e física"[75] e os prendia em névoa de sensações marginalizadas da realidade.

Nesse município a arte é distante da maioria da população marginalizada da fruição estética, são vítimas fáceis das massificações musicais das festas como: bailes da saudade, baladas tecnos de aparelhagens superpotentes fascinantes com o grave, médio e agudo a fazerem os corpos vibrarem com o som das próteses entontecedoras desmensuradas das megamáquinas musicais a embalarem as emoções em estados de delírio dos instintos. Barcarena dança.

Parecem surpreendentes as imagens desta urbe com suas humildes casas de gente incansável de filhos e mentes potentes escapando das pregas entrópicas dilacerantes do devir entrópico deste lugar. Espacialidades envoltas na escuridão das ruas mal iluminadas e vazias despertam medo, devido o perigo sorrateiro, afectos despertados pela insegurança a produzirem sensação de solidão do passante à noite do meio da semana, praças vazias,

74 **DECIBEL**: Décima parte do bel, unidade de medida que serve, em acústica, para definir uma escala de intensidade sonora (símbolo dB). [A voz média tem por intensidade 55 dB.]. Segundo o DICIONÁRIO PRIBERAM DA LINGUA PORTUGUESA. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=decibéis>. Acesso em: 24 nov. 2011.
75 CHAMBERLAIN, Lesley. **Nietzsche em Turim: o fim do futuro.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2000, p. 91.

ruas de perspectivas infinitas estão vazias e inseguras, somente os cães, aos montes, atravessam atrás da cadela no cio em qualquer lugar.

Gatos negros sobre os muros e telhados, desprendem olhares felinos aos becos fétidos entupidos de lixo onde o sorrateiro rato, às vezes se aventura. Então, barulhos de pedaladas rápidas do amante em direção aos seios fartos e quentes da garota casada daquela rua, enquanto o marido entra no ônibus da firma rumo à fábrica em Vila do Conde, e espanta o roedor da esquina de volta a sua toca, enquanto os gatos, simplesmente se enroscam sobre seus corpos e dormem.

Ouvem-se estampidos das armas dos rapazes da máfia em suas motos envenenadas a cortar o silêncio da cena urbana armada pela madrugada, e exigem certa distância do ambiente quase vazio da Rua Três de Dezembro numa noite de terça-feira. Observação deleuziana barcarenense, imagem dobrada, porém, bem além dos carrapatos do filósofo[76], estes pensamentos se tornaram insetos no plano de imanência, preso ao plano entontecido desta cidade.

Logo, essas emanações entontecidas apontam as mudanças urbanas caóticas sofridas no espaço-tempo, durante o processo de atualização do corpo citadino por entre as fendas escuras (Fig. 31) dos becos fumês[77], chamativos aos senhores da noite em busca de sorrateiras aventuras criminosas ou narcóticas em que os corpos despossuídos de cuidado perambulam pelos cantos loucos da urbe em busca da herança dionisíaca: o prazer, o hedonismo visceral. Em razão disso, as imagens da cidade em meio à escuridão onde estão os gatos, ratos e cães, por todos os cantos das dobras da forma da urbe, resultantes das alterações nos espaços urbano-arquitetônicos municipais, demonstram o devir da urbe e algumas vezes o descontentamento e contentamento contidos nas entranhas atuais de suas imagens-dobras.

Um tempo liso percorre os platôs da urbe à noite e a teatralidade dos espaços remetem a dramatizações do vazio, as máscaras dos movimentos de fenômenos repentinos a desaparecerem nas espessas camadas de sombra e luz incidentes sobre as ruas, de modo a possibilitar outra visão da mesma. Obtendo uma imagem misteriosa daqueles habitantes noturnos das dimensões barcarenenses; pessoas, animais, paredes, asfalto, árvores, vento, luar, a iluminar alguns pontos abertos do espaço sombrio a revelar a aparência fumê de Barcarena.

Há *porções de microcidades* camufladas em Barcarena e podem ser perceptíveis quando suas imagens de *pixels* entontecedores aparecem na forma de acontecimentos ainda preservados. Por exemplo: das 12 h até às 15 h, surge uma urbe quando o centro comercial é fechado para o almoço; enquanto que, à noite, as pessoas se recolhem por volta das 22: 20 h assim surge a *city* vazia.

---

76 DELEUZE, Gilles. **O ABEDECEDÁRIO DE GILLES DELEUZE**. Disponível em: < http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze?format=pdf>. Acesso em: 10 fev.2012, p. 4.
77



FIGURA 31: Imagem da Travessa Santo Antônio deserta as vinte duas horas.

Fonte: Arquivo pessoal.

2.12 – Imagem-lisa: Cidades camufladas.

Essas emanações citadinas assemelham-se muito ao caso de Vila Manteiga, espécie de microcidade repleta de pequenas lojas no centro comercial de Barcarena-Sede armada por diversos comerciantes, os quais conseguiram um espaço na frente comercial do município para os seus negócios. Este lugar parece ter sua própria lógica de funcionamento e conduz-se pelas fendas micropolíticas agenciadas pela sagacidade dos membros hábeis em contornarem as situações adversas, das quais já foram muitas vezes vítimas, mas, superaram.

As cidades ocultas barcarenenses flertam com a Berenice oculta, imaginária de Italo Calvino, segundo o autor Berenice possuía em si duas outras cidades: uma justa e outra injusta, e estes estigmas foram dados a elas numa alusão ao caráter de seus moradores, pois as urbes emanam as imagens advindas de seus moradores. Por esta razão, a justa atacaria à injusta e se tornaria injusta da mesma forma, em virtude disso:

> [...] a verdadeira Berenice é uma sucessão no tempo de cidades diferentes, alternadamente justas e injustas. Mas o que eu queria observar é outra coisa: que todas as futuras Berenices já estão presentes neste instante, contidas uma dentro da outra, apertadas espremidas inseparáveis.[78]

78 CALVINO, 1990, p. 147.

A conclusão a respeito de Berenice oculta ter em si todas as futuras aparições alternadas das cidades justas e injustas é um brilhante exemplo, para demonstrar as cidades ocultas presentes em Barcarena como: Vila dos Cabanos, Vila do Conde, Vila de São Francisco, Vila de Itupanema, Vila do Laranjal, que apesar desses lugares serem bairros ou vilas barcarenenses, possuem funcionalidades específicas de ilhas urbanas dentro do município. Representam as facetas entontecidas da urbe unidades na multiplicidade diversificadas, desterritorializadas.

2.13 - Imagem-rizoma: Devir-ponte.

As diferentes partes da cidade, até certo ponto, ainda permanecem desintegradas. A fragmentação ocorrida a partir do crescimento urbano dividiu em dois lados heterogêneos o mesmo corpo e, a fim de amenizar tais diferenciações isolacionistas, uma ponte precisaria ser construída sobre o rio Barcarena no lugar do antigo Porto da Balsa para interligar definitivamente as duas partes barcarenenses: Vila de São Francisco (antiga Sede) e Barcarena-Sede. Eis uma questão do interesse político e público há muitos anos deixados de lado, pois a atual Rodovia de Integração não sanou o problema da unificação urbana, ela uniu uma parte, mas falta integralização total da cidade por meio de novos caminhos, corredores capazes de darem conta do fluxo interno de pessoas e veículos.

A ponte proposta deveria funcionar como uma obra de grande beleza estrutural e poderia funcionar como rizoma urbano, pelo "1º e 2º - princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo"[79]. Ela, por sua vez, conectaria dois corpos citadinos pelo meio e integraria o corpo-urbano histórico ao atual e possibilitaria a circulação de pessoas e serviços ao município.

Seria uma obra emblemática e conectiva, daí seu caráter de rizoma, pois ela seria um sistema aberto armado sobre as águas para unir os dois corpos citadinos. Ela, também, ligar-se-ia ao povo ávido por construções urbanísticas, arquitetônicas e artísticas, pois iria valorizar esteticamente o corpo da "Bela Morena"[80] por meio de ações públicas e privadas para tornar os espaços urbanos, ainda mais homogêneos urbanisticamente por meio da ponte-rizoma, (Fig. 32), numa comemoração ao devir de Barcarena.

79 Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. V.1, p. 15.

80 Codinome "Bela Morena" de Barcarena criado a partir da fala de um comunicador local que se refere ao município como: "Barcarena a terra das lindas Morenas", em vista disso, "Barcarena é uma mulher". Então, artisticamente trata-se de uma "Morena", mas de várias cores, matizes e devires. (N.A).



FIGURA 32: Imagem-rizoma do devir-ponte; “desenho intempestivo” propondo a futura ponte sobre o rio São Francisco no antigo porto da balsa para unir, conectar Barcarena Velha a Barcarena-Sede.

Fonte: Wanderlei Rodrigo Pereira.

A ponte faria parte do devir-imagem por tratar-se de pressupostas linhas de fuga ao corpo e às paisagens urbanas; no que tange às verbas da construção poder-se-iam agenciar nas esferas políticas e capitalísticas nacionais e internacionais, aos quais exploram o chão municipal e pouco contribuem, com a manutenção do mesmo. Esse grande empreendimento facilitaria a vida de muitos cidadãos de ambas as partes, por exemplo, daria para ir de bicicleta de um ponto ao outro da cidade e se teria o direito de ir e vir com maior liberdade, mesmo que isto implicasse em perdas para o sistema do transporte vigente, seria um ganho real à grande maioria da população com maior acesso aos bairros de ambos os lados do município com maior facilidade.

Diante das relações de poder agindo por intermédios de forças capitalistas transformadoras do espaço natural em próteses especulativas, levando as cidades a se tornarem centros industriais, informacionais e residenciais de custos elevados para se viver. Dessa maneira, o urbanista imerso no jogo especular precisaria tomar cuidado para não propor lugares tumultuados, barulhentos, estressantes, de problemáticas maquínicas devoradoras do humano do urbanismo precário revelador o espaço da vida social.

> Já que também na arte o “mundo da vida” tomou lugar do sistema do universo, a arquitetura moderna, como arquitetura da sociedade ou urbanismo, constrói e manifesta o espaço da vida social do mesmo modo como a arquitetura clássica compunha e revelava nas suas formas o espaço da natureza.[81]

A partir da concepção arganiana, as construções das casas, prédios, viadutos, pontes e outras arquiteturas, implicam numa imagem, por conseguinte, alguns aspectos deverão ser levados em consideração como: espaço, função, forma, imagem, uma vez que, a aparência aponta o modo de vida das pessoas na relação de transformação da natureza em artefato. À cidade está além de qualquer estilo urbanístico-arquitetônico, pois se tornou a cultura de manutenção da vida.

81 ARGAN, Giulio Carlo. **Projeto e Destino**, 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2004, p. 103.

Desse modo, a arte emanaria das paredes das formas arquitetônicas barcarenenses e se faria perceptível não somente no sentido de beleza formal, mas também, nas formas desajustadas dos barracos erguidos às pressas pelas comunidades nas periferias locais, porém, estão presentes enquanto força criativa de transformação das matérias primas em obras. Dessa maneira, os espaços criados contêm potenciais artísticos em suas moléculas e revelam-se nos projetos de cada casa, calçada, muros, etc. Eles são destinos entontecidos barcarenenses tangenciando "valores arganianos" a erguerem novas obras, bairros e imagens em fuga do município.

2.14 – Imagens: Uma fuga

A respeito de alcançar a cidade em suas imagens em fuga é difícil, mas ao mesmo tempo enriquecedor à percepção, haja vista, o nível intelectual necessário esteticamente para tomá-la e dominá-la nos espaços à primeira vista insignificantes, todavia de forte energia entontecida das pessoas a animá-la diariamente, mesmo que a falta de perspectivas e melhoramentos da vida não estejam a contento. Assim como, esta é a primeira impressão das microfendas escondidas atrás dos problemas urbanos notórios neste cenário.

As alterações nas paisagens urbanas provocam atualizações na aparência emanadas através das ondas eletromagnéticas luminosas visíveis emitidas pelos corpos, as quais são capitadas pelas retinas em formato de imagens. Diante do aspecto luminoso do olhar a recortar os cenários urbanos e traduzindo-os em substratos imagéticos apreendidos direto da *city*, olhar a cidade, é recortá-la em pedaços do emaranhamento caótico de seus estratos.

Acerca disso, Deleuze conceituou e chamou os "recortes do caos"[82] de caóides, assim como as obras de arte. Estas seriam criadas pelos artistas por retalhos da imensidão caótica com a utilização da "ferramenta mental" ou plano de imanência, (onde se criam e estão todos os conceitos e pensamentos em velocidades infinitas). Portanto, a imagem da cidade é um percepto recortado da imanência corpórea, uma obra urbana ou construção matérica cheia de conjuntos de sensações entontecidos, como as construções dentro das praias (Fig. 33).

82



FIGURA 33: Imagem da Praia de Vila do Conde em Barcarena com casas e bares construídos na areia.

Fonte: Arquivo pessoal.

Considerando essa compreensão desvelada, analisada, recortada da aparência estética municipal, obtêm-se em suas imagens entontecidas a própria cidade em sua forma de afectos e perceptos. Finamente as paisagens urbanas produziram dobras imagéticas como se Barcarena estivesse olhando-se, por meio da conceituação estética própria refletida de suas formas.

Por conta disso, Barcarena se encontra cristalizada em suas aparições imagéticas em cada fotografia, desenho, fala dos moradores, poemas, textos, pintura, música, filme, dança, teatro, festival, os espaços contém neles campos de intensidades advindos do fluxo urbano a desfazer-se ou refazer-se no dinamismo particulares entontecedores a gerar nas paisagens urbanas, eventos artísticos raros, e nas paisagens das praias, onde os moradores comerciantes ou não, constroem barracas, casas, bares na areia para beneficiarem-se durante alguns dias do ano com os clientes. (Fig. 33 e 34).

Na realidade, as construções na areia geralmente são destruídas pela força das ondas, levando: casas, bares e restaurantes durante as marés violentas. No entanto, esses trabalhadores que vivem do comércio na beira da praia, mesmo com os riscos, não deixaram ser vencidos pela força da natureza e continuam erguendo seus bares na areia, cooperando com a atualização das imagens das beiras das praias barcarenenses.



FIGURA 34: Imagem da Praia do Caripi em Barcarena com bares construídos na areia.

Fonte: Arquivo pessoal.

Conforme Lynch as construções desajustadas frequentes nas grandes cidades e também nas mais afamadas são comuns. “Todas as cidades famosas sofrem do mesmo crescimento sem fisionomia em sua periferia”[83]. Os processos de inchaço populacional ocasionam grandes problemas de acesso à moradia, além de intensificarem o surgimento de favelas e, com este fenômeno apressa-se a quebra fisionômica estética da urbe de igual maneira, as paisagens barcarenenses são tributárias de imagens mais formais artisticamente de Barcarena, ainda não passou por nenhum processo de estetização da aparência das casas e prédios e isso é um processo cultural demorado.

2.15 – Imagem-fala.

A imagem da paisagem urbana arquitetônica de Barcarena (Fig. 35) demonstra o caráter repetitivo dessa construção, ao ponto de chamar a atenção para o referencial imitativo utilizado pelos cidadãos na feitura das casas: de formatos simples, quase iguais das maiorias dos lares barcarenenses, de modo que, as imagens das fachadas e telhados, repitam-se até certo ponto comum no que diz respeito à estrutura formal destas construções, ou seja, dos compartimentos destes imóveis. No entanto, isso é relativo de pessoa para pessoa, pois denota até certo ponto a falta de criatividade artística ou simplesmente a preferência pelo gosto do vizinho ou já se tornou cultural como um modo de fazer.

83 LYNCH, 2006, p. 104.



FIGURA 35: Imagem da similaridade das fachadas de duas casas em Barcarena Sede.

Fonte: Arquivo pessoal.

As duas casas presentes na imagem possuem formas parecidas em suas fachadas, nelas repete-se a figura de sinuoso arco, mas não são iguais, podem ser repetição, entretanto com diferença do conjunto de sensações tangenciadas em alguns pontos na percepção dos donos a externar-se na frente das casas. Repete-se uma vez mecanicamente, em seguida repete-se simbolicamente o desenho de um determinado corpo podendo ser matematicamente refeito a forma bela, também, pode ter sido esta a causadora da reprodução do corpo surgido através do admirado, mas tudo pode ter sido coincidência. No entanto, Deleuze explica que na arte há coexistências de todas as repetições.

> Repete-se duas vezes simultaneamente, mas não se trata da mesma repetição: repete-se uma vez mecânica e matematicamente, em comprimento, a outra vez simbolicamente, por simulacro, em profundidade; uma vez repetem-se partes, uma outra vez repete-se o todo do qual as partes dependem.[84]

Considerando a visão deleuziana sobre a repetição em comprimento e a outra em profundidade cabe à avaliação para a imagem das construções dos barcarenenses, (as quais neste trabalho são tidas como obras de cunho artístico, mesmo que ingênuas se é que existe isso quando se trata de percepções), referentes aos aposentos urbanos das utilizações das mesmas regras ou normas de construção civil mecânica e matemáticas necessárias ao sustento das paredes em alusão ao devir-casa. “Devir nunca é imitar” [85], pois se a primeira casa funcionou, ficou de pé, segura, suportou ventos, chuvas e é confortável, então, pode-se repetir o modelo ou o módulo da estrutura, simbolicamente, mas com variabilidade das partes, garantindo as *hecceidades* [86] urbano-arquitetônicas das massificadas formas das casas presentes nessa cidade. Porquanto, a (Fig. 35), é uma imagem de duas construções visivelmente quase semelhantes na forma frontal, mas repetem-se para efetivarem-se a diferença entre elas.

84 DELEUZE, 2006, p.400.
85 “Individuação sem sujeito” ver em: DELEUZE; GUATTARI. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. V.4, p. 107.
86 DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 8.

Dos aspectos subjetivos destacados nas imagens das casas, estas, refletem as personalidades estéticas e culturais dos habitantes ou não, nas aparências das construções, as quais podem emanar problemas perceptivos e aquisitivos dos cidadãos para contratarem mão de obra qualificada capaz de proporem inúmeros modelos de casas. Afinal, qual é a pessoa totalmente despossuída de certo gosto artístico? A arte é “inata” [87] ao ser humano, bem diferente das questões sociais, as quais são históricas.

Provavelmente, as casas barcarenenses mesmo básicas compostas de alvenaria ou madeira, de uma sala, dois ou três quartos, cozinha, um banheiro, pátio, toda gradeada, murada, ainda que, não se tenham a face artística. Todavia, atende as necessidades funcionais perfeitamente dos cidadãos, mesmo que possam repetir as fachadas, telhados e cômodos por acharem bonito o modelo utilizado pelo vizinho, como evidenciado na (Fig. 35).

Esses fatores da visibilidade das casas e ruas somam-se as questões das diferenças das qualidades asfálticas, trazendo à tona as disparidades das infraestruturas dos bairros, por exemplo, Vila dos Cabanos planejada [88], possui melhor infraestrutura em relação à Barcarena-Sede. Ao passo que, em Vila de São Francisco, Vila do Laranjal, Vila do Conde, Vila Itupanema, o lixo, a falta de cuidado com as ruas se tornaram imagens evidentes caracterizadoras do cenário de abandono pelo poder público ausente e frágil na gestão do município.

As palavras sobre a infraestrutura barcarenense são tenazes e “cravam-se” nas capas asfálticas das ruas e as explodem num tom de agonia com a parte visual de Barcarena [89], de modo que, percebe-se, um desejo da repetição mecânica, simbólicos dos espaços ordenados vislumbrados em outras cidades mais urbanizadas. Valores estes, que poderiam ser trabalhados com os cidadãos e na urbe, simultaneamente, criando-se espaços diferentes em fuga da desestetização das paisagens urbanas.

As cidades, espaços das dramatizações da vida precisam ser atraentes visualmentes. Ou ao contrário, tornam-se lugares difíceis, desprovidas de energia dionisíaca advindas das paisagens repletas de sensações capazes de fazerem as pessoas pararem e sentarem-se em um banco de praça só para viverem experiências estéticas visuais estimuladas pelos *skylines* urbanos diante dos afectos e perceptos a emanarem do caos louco, delirante, entontecido das construções barcarenenses.

Portanto, as imagens perceptos e afectos, fugas para as dimensões de Barcarena a desprenderem de suas “pregas orgânicas” atadas ao corpo da cidade, na tentativa de imprimir-lhe ritmo outro ao desenvolvimento maquínico, através da instalação de fluxos artísticos em suas estruturas, para enfim, liberar a urbe numa linha de crescimento liso em busca de seus devires e emanações das múltiplas formas entontecidas no espaço-tempo. Diante disso, a urbe tornar-se-á mais admirável esteticamente.

87 De acordo com LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Elementos de Estética**. 3ª ed. ver. E ampl. Belém: EDUFPA, 2002, p. 11, a “Teoria da Necessidade Inata – O homem tem o instinto da beleza, provocando sua exteriorização na estetização das coisas ou, de modo mais elevado, na forma da arte”.

88 Diga-se incompleto conforme análise presente no primeiro capítulo desta pesquisa. (N.A).

89 É bom lembrar Kevin Lynch (2006), ao dizer que até mesmo as cidades famosas perdem suas marcas identitárias arquitetônicas em suas periferias.(N.A).

3 BARCARENA FLUXO

“Um fluxo é algo intensivo, instantâneo e mutante, entre uma criação e destruição. Somente quando um fluxo é desterritorializado ele consegue fazer sua conjugação com outros fluxos, que o desterritorializam por sua vez e vice versa”.[1] Por causa disso, as cidades liberam fluxos veementes com o objetivo de produção de atualização dos estratos urbanos, mas as intensidades surgem do movimento da expansão dos corpos provocados pela ação dos cidadãos que intensificam suas intervenções no corpo da urbe para torná-la melhor ou pior para se viver. As pessoas imbuídas do desejo transformam esta força em ações positivas ou negativas vai depender de suas subjetividades.

Os fluxos são devires não humanos executados no corpo da urbe agenciados pelos próprios humanos na eterna luta de manterem-se atualizados. Em vista disso, tentam cultivar os seus perceptos, como: as cidades engajadas neste movimento de expansão do universo a empurrar as formas a alargar-se por inteira iniciando pelos meios e realizando conexões pelas beiras feitas rizomas, planos de intensidades acoplando-se uns nos outros e, ao mesmo tempo, dos desmanches das moléculas do corpo a se tornarem energia cósmica.

Seguindo a linha de fuga lisa entontecida da instauração corpórea urbana composta pela cena ribeirinha a partir da beira da baia do Marajó em Vila do Conde propagando-se ao longo do rio Barcarena e atualizando-se a margem direita do rio Mucuruçá, encontra-se o município de Barcarena: a cidade em fluxo. Em pleno movimento emaranhado de seu corpo a espalhar-se horizontalmente pelos meios e a alargando-se pelas beiras para realizar conexões urbanísticas dos bairros em expansão na “Bela Morena”, dinâmica no espaço-tempo a interligar-se a devires outros.

A fuga do corpo é sempre um rompimento das pregas atadas a ele, produzidas por liames construídos organismos do município. Revelam suas moléculas a migrarem em direção de outras a gerar choque entre elas, e a fazerem as diversas matérias ruírem, racharem, oxidarem-se e a esvaírem-se como poeira de implosões causadas neste local por este motivo, o rompimento destes mecanismos provocariam fluxos outros à urbe, possibilitando a mesma a voltar a propagar-se no espaço-tempo ao ponto de livrar-se dos empecilhos do devir.

Nesse caso, os devires urbanos, fluxos entontecidos em nível de montagem e desmontagem das paisagens barcarenenses deslizam a emanar percepções-imagens e imagens-lembranças de *entes* arquiteturais, conservados no presente e pelo salto caótico em busca das paisagens *paleotécnicas* concretizadas pelos complexos industriais. Foram produzidos por forças atualizadoras mediante empenhos capitalísticos nacionais e internacionais em nome do progresso da região amazônica no contexto da produção mineral globalizada.

1 DELEUZE, Gilles. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998, p.63.

Um fluxo é um processo de construção ao infinito em que as matérias-primas vão ganhando no tempo os comportamentos estéticos dentro das especificidades das singularidades subjetivas: os habitantes, multiplicidades morfadores das inúmeras formas mutáveis das cenas urbanas. A construção urbana resulta da cultura sensorial pertencente ao povo que a molda arquitetonicamente, por meio de seus saberes, até chegarem ao desmonte dos cânones vigentes num espasmo aniquilador dos formalismos ortogonais existentes.

Em meio a isso, ao longo do tempo os traços dos estratos urbanos, arquitetônicos e artísticos apontam o esfacelamento das ordens deterministas formalistas das construções dos espaços pensados pelos urbanistas. Estes aspectos podem ser confirmados diante das imagens dos ambientes arquitetônicos barcarenenses, os quais por sua vez, demonstram valores da tentativa da instalação de uma estética entontecida projetada nas paisagens urbanas, travestida em força caótica de reconfiguração dos espaços estabelecidos na cidade de acordo com a subjetividade do povo barcarenense.

A busca entontecedora das formas cambiantes, sinuosas, ribeirinhas, ondulantes constitui um desejo do rompimento futuro com a estética da feiura, (não que esta não seja importante formalmente), para a instalação do devir-urbano outro, capaz de agenciar novas possibilidades de paisagens a cidade.

As inúmeras construções dos espaços desta *city* contribuem com os movimentos dela no tempo e estes fatos podem ser compreendidos através da observação de uma paisagem urbana como foi feito na França por Claude Monet com as vistas da *Catedral de Rouen*, pintada inúmeras vezes para verificação do comportamento da luz ao incidir sobre os corpos. Conforme observou Monet, a cor e a sombra mudavam ao longo do dia e obtinha-se a impressão de que a catedral havia entrado em estado de esvaecimento de sua aparência, de modo que as manchas de claro e escuro engoliam as formas lineares definitivas e a matéria arquitetônica iniciava o processo de decomposição formal por meio dos inúmeros matizes de cores captados pela percepção do pintor, em que "a imagem da igreja pintada entrara em um estado de fluxo", onde a cor da pintura feita pela manhã já não era mais a mesma quando feita novamente horas depois e assim por diante.

Em vista disso, as moléculas da catedral pareciam modificar-se a cada nova pintura realizada e a experiência perceptiva de Monet daquele corpo citadino explica o efeito do fator tempo na alteração dos corpos no espaço percebidos pelas sensações luminosas, em que as partículas a vibrarem modificam os matizes de suas cores através da ação das ondas eletromagnéticas refletidas com maior ou menor intensidade sobre as paredes ao longo do dia, com isso, tudo parece mudar diante dos olhos. "Há, então, um encadeamento físico da gênese: grande vazio, luz, matéria e pequeno vazio – esse relicário que persiste e, além, não cessa de acelerar a expansão do universo". [2]

2 CASSÉ, Michel. **Filhos do céu: entre a luz e a matéria**. Michel Cassé, Edgar Morin; tradução Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p. 38.

Tudo está em fluxo a emaranhar os corpos uns nos outros por meio de seus vestígios constitutivos e traços como se a matéria falasse. De tal modo, as cidades postas em movimentos deixam suas marcas nas estruturas ao longo do tempo feito registro de sua expansão corporal, parece ser isso que Monet captou em suas telas, ele prendeu, recortou o momento no qual a luz deu forma à matéria e revelou por alguns instantes sua aparência em fluxo.

As cidades vivem sendo constituídas e desconstituídas de suas formas para obtenção de outra, no entanto, estas degenerescências do meio urbano é característica ou confirmam o fato do próprio universo se encontrar em expansão. Por este entendimento, todos os corpos, por sua vez, sofrem com os "desates" de seus liames moleculares a todo o instante, da mesma maneira, as urbes sofrem com esse tipo de força que distende e estica até romper as pregas a constituir novos fragmentos conectivos entre si, uma rua liga-se e é atravessada por várias outras, cruzam bairros, cidades, estados, às vezes chegam a atravessar países, são linhas de fugas agenciadas entre vários corpos que a utilizam como elo conectivo.

Embora, haja muitos aspectos preocupantes a serem considerados referentes ao devir-urbano, dado o crescimento dos espaços desordenados como: os surgimentos de periferias, novos bairros, aumentos de imigrantes, etc. Ultimamente em Barcarena o fluxo da cidade tem provocado alguns rumores de discussão sobre políticas públicas de planejamento urbano por parte dos governantes e da sociedade civil organizada, essas conversas tem o objetivo de tratar do crescimento da cidade e das famílias sem tetos presentes pelos espaços barcarenenses que vieram em busca de emprego, segurança, infraestrutura, saúde, educação e dignidade à vida e precisam ser auxiliadas.

Sob essas condições, o fluxo entontecido da cidade torna-se a capacidade de desdobramento do espaço urbano em meio propício para se viver. Contudo, para dar conta da demanda populacional, um grito se faz inevitável no caos entontecido barcarenense.

> A redefinição das relações entre o espaço construído, os territórios existenciais da humanidade, (mas também da animalidade, das espécies vegetais, dos valores incorporais e dos sistemas maquínicos) tornar-se-á uma das principais questões da re-polarização política, que sucederá o desmoronamento do eixo esquerda-direita entre conservadores e progressista. Não será apenas questão de qualidade de vida, mas do porvir da vida enquanto tal, em sua relação com a biosfera. [3]

A cidade na preocupação de Guattari compõe o cerne de sua *ecosofia* [4] onde ele destaca a arquitetura e o urbanismo como espécies de cruzamento sensível, os quais estariam no centro das discussões referentes às questões dos conflitos de interesse dentro do jogo capitalístico dos espaços das urbes, conquanto, o filósofo discute a redefinição das

3 GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. 5ª ed. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2008. (coleção Trans), p. 164-165.

4 "Na falta de uma consideração suficiente das dimensões de ecologia ambiental, de ecologia social e de ecologia mental - que reagrupei sob a rubrica geral de uma ecosofia –, é que a humanidade e mesmo o conjunto da biosfera que se encontrariam ameaçados". Ibid, 2008, p. 164

relações dos espaços vivíveis nas sociedades urbanas ao ponto de pressupor o fim das diferenças entre pólos políticos em função de salvar o plano do porvir da vida: a biosfera. Em meio a esses fatos, há um chamamento aos produtores das subjetividades maquínicas a superarem a economia de mercado baseada no lucro em função da vida.

As questões guattarianas vão bem além dos problemas urbanos de crescimento dos centros e periferias das cidades, ele propõe uma nova estética, isto é, um modo outro de viver em relação com o meio ambiente. Na realidade, outra ética fica pressuposta em Caosmose, tratar-se-ia de uma projeção para se parar o devir-catastrófico em nível planetário, daí a essência do paradigma ético-estético.

3.1 - Fluxo louco.

Fluxo louco, desmedido, mas concebível a formar as novas devires-formas da cidade entontecida no âmago barcarenense. A urbe está aberta, ela faz acoplamento com quem quiser. “Uma miséria explosiva, que a cidade secreta, e que corresponderia à fórmula matemática de Thom: ‘um alisamento retroativo’”. [5] São casas, barracos de todos os tipos e tamanhos enfileirados em formas outras diante da imagem de fome, miséria num tipo de caos contente a infringir a ideia-morte, quase uma teimosia em meio ao infecto odor do lixo, que só mais tarde, estes espaços ganham infraestrutura. Aí está o alisamento retroativo.

Palco louco, comum a fluir de dentro das pequenas casas de onde saem gente tenra marchando rumo à escola em busca da tão sonhada refeição, espaço da vida que passa devagar diante daqueles olhares dos passageiros das *vans* rumo ao parque industrial. Enquanto os jovens moradores desses potenciais bairros barcarenenses sentem o desejo de obterem as fardas, o capacete, as botas sujas com o vermelho alaranjado da bauxita, e o objetivo de terem suas carteiras de trabalho assinadas por alguma empresa, animam o devir-operário a obter a motocicleta para nos fins de semana levar a garota à Praça Cronje da Silveira e depois à festa de aparelhagem e, em seguida, levá-la dali para qualquer canto escuro para por mais um devir-criança na cena entontecida.

A cidade também se compõe desse fluxo da síntese conectiva de gente a chegar através dos emaranhamentos do calor dos corpos a desferir uivos de prazer pelos cantos escuros dos pontos imperceptíveis assinalados por caminhos, ou pequenas entradas ao longo da rodovia Moura Carvalho, logo na entrada da cidade onde estão estas fendas na capoeira ligando diversos lugares insondáveis por muitos outros cidadãos, mais conhecidos pelos rapazes e moças libidinosos e corajosos frequentadores deles durante a noite para fazerem “acoplamentos amorosos”.

> “Lawrence diz do amor: ‘De um processo fizemos uma meta; o fim de todo o processo não é sua própria continuação ao infinito, mas sua efetuação... O processo deve tender para sua efetuação, não para alguma horrível

5 DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 189.

> intensificação, para algum horrível extremo no qual corpo e alma chegam a perecer'. Na esquizofrenia é como no amor: não há especificidade alguma e nem entidade esquizofrênica; a esquizofrenia é o universo das máquinas desejantes produtoras e reprodutoras, a universal produção primária como 'realidade essencial do homem e da natureza'". [6]

O acoplamento da síntese conectiva dos corpos a produzirem barcarenenses agenciados pelos caminhos ou fissuras nas beiras das estradas a produzirem a efetuação dos novos seres sem nenhuma especificidade, a não ser o de viverem em meio ao caos desta urbe, repleta de acontecimentos de vicissitudes de substancias fusíveis, conectivas com que favorecem as fusões de dois corpos a gerar outros a por o recém-gerado em contato com o corpo urbano, progressivamente em movimento de continuidade rumo ao devir-urbano para o palco do devir-gente em uma concretização das realidades essenciais entre os seres humanos e a natureza. A cidade vai se constituindo pelas fendas lisas entre os corpos de seus habitantes e os espaços seminaturais espalhados por seus estratos.

3.2 – Devir-mulher: A cidade.

Para Lewis Mumford, além das relações com os cemitérios e santuários como pontos cerimoniais para onde os clãs e famílias peregrinavam aos sítios onde estavam enterrados seus mortos remete-se a origem urbana vinculada a grande revolução agrícola e sexual, em que o predomínio do macho, do caçador, ágil, mais veloz, foi substituído pelo ritmo das mulheres. Elas, mais passivas, lentas, por causa, das crianças, porém habilidosas no trato do chão e da domesticação dos animais, contribuíram para a sedentarização ou fixação em volta de certos territórios.

Por esse ponto de vista, as mulheres produziram um corte no fluxo, somente para as cidades ganharem forma mais ampla sem, no entanto, atrofiá-las, pois as urbes surgem do agenciamento entre a cultura paleolítica e a neolítica, de modo que a primeira era nômade e a segunda sedentária, "[...], o aparecimento real da cidade ocorreu como resultado final de uma união mais remota entre os componentes paleolíticos e neolíticos" [7]. O resultado dessa fusão entre os estilos de vida ou modo de produção de subsistência daquela época marcam a importância da mulher no fluxo urbano. "A casa e a aldeia, e com o tempo a própria cidade, são obras da mulher".[8] As mulheres se fundiram as construções das urbes, pois: as palavras "casa" e "cidade", como diz Mumford aludem a símbolos de mãe, proteção inquestionável aos filhos. A cidade é mulher.

Naquele meio, a exuberância exótica feminina ganhou outros atributos: ordem, segurança, regularidade, suprimentos alimentares e vida, nese fluxo *feminal*, deveriam permanecer todas as cidades como devires acolhedores dos corpos humanos. O devir-urbano desliza por linhas de fuga lisas femininas capazes de multiplicarem agenciamentos

6 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2010, p. 17.
7 MUMFORD, 2008, p. 23.
8 Ibid, 2008, p. 13.

preventivos tomados para viabilizarem os espaços citadinos ao exercício do viver, palcos urbano-arquitetônicos das dramatizações cotidianas das celebrações dos inúmeros moradores contidos no seio de Barcarena.

3.3 – Devires-moleculares.

Um fluxo pode ser um desmonte de um modo cultural para a instalação de outro, como talvez tenha ocorrido durante a dobra neolítica sobre o paleolítico, através do qual a dinâmica ditada pelos homens deu lugar ao processo realizado pelas mulheres. Elas, as agenciadoras de outro estilo de vida e construtoras do meio urbano emanam ares femininos em todos os seus afectos e perceptos, devido às atmosferas afetarem a percepção daquelas pessoas debruçadas a buscarem nas entranhas da urbe certo teor artístico dionisíaco.

Esses devires entontecidos das paredes, fachadas, ruas, cais, fábricas, caminhos, rios, partes formadoras das dimensões do corpo-prótese sustentam em suas formas moléculas emaranhadas por liames agenciamentos rizomáticos em meio ao concreto, tijolos, ferro e madeira com os habitantes deste lugar, atores desse palco.

Barcarena passou por vários processos atualizadores de sua forma ao longo do tempo, seguindo esta linha de fuga a deslocar-se no espaço tempo. Mediante esses fatos de crescimento das armações urbanas, às vezes positivas outras negativas observam-se nesse sentido o desmonte e remonte das suas dimensões urbanísticas ao infinito, haja vista a execução das atualizações das composições urbanas para o estabelecimento de novas estruturas. Essa cidade é uma obra, construção entontecida maquínica da pulsação dos cidadãos construtores dos devires outros citadinos implantados nos estratos urbanos na dinâmica e na tessitura do corpo urbano.

O aumento das construções em territórios barcarenenses conduz o pensamento a percepções intempestivas de que em algumas décadas o município se constituirá em uma malha urbana duas vez maior que a atual, a concretizar-se mais rápido que se possa mensurar, visto que, atualmente há construções de novos blocos de bairros interligando-se uns aos outros. Tendo em vista o inchaço populacional exorbitante verificado nos últimos anos, alguns bairros novos pertencentes ao distrito Murucupi, cresceram interligando praticamente a área distrital inteira prestes a conectar-se a periferia de Barcarena-Sede, o único obstáculo natural, a conexão do corpo urbano, é o rio Barcarena, o qual já começou a sofrer com as ocupações desordenadas em suas margens.

A cidade se espalha horizontalmente e começa a despontar verticalmente aos poucos com a presença, por exemplo, do primeiro prédio residencial erguido em Vila dos Cabanos. Os empreendimentos imobiliários são indícios da intensificação do fluxo municipal. Barcarena está crescendo pelo meio e aponta à superação do seu estágio de cidade e, trilha caminhos outros em busca dos grandes alicerces entrópicos de metrópole do Baixo Tocantins.

Essas ações deveriam ocorrer de modo a garantir a manutenção do processo de expansão sem problemas estruturais, a fim de fluir numa linha lisa de desenvolvimento equilibrado implantados no meio urbano. O crescimento da cidade deve ser acompanhado de igual maneira pelo crescimento cultural do povo, dedicados ao pensamento, ao lazer, ao trabalho, ao comércio sem os vícios originados pela falta de consciência de cidadania; conceito de suma importância para se exercer no espaço comum, ao menos se pensa que seja.

As novas construções são sempre bem vindas ao seio urbano, desde que não venham ferir os preceitos como chamou Guattari de *ecosofia* no tratamento do espaço natural e artificial no âmbito da urbe. Por causa disso, os cidadãos desde já precisam ir constituindo-se com novos valores estéticos, pois os sentidos serão cada vez mais exigidos e isto irá implicar diretamente na sensibilidade a qual será alterada de acordo com o bombardeamento feito pelos meios de comunicação, que cada vez mais se utilizam de técnicas perceptivas a fim de controlarem ou imporem blocos de sensações capazes de transformarem a maneira como a cidade é percebida pelas pessoas.

Consequentemente, a cidade a entrar em fluxo produz sensações outras, pois as percepções ficam mais rápidas e loucas as pessoas caminham mais velozes, os supermercados, shoppings, escolas, meios de transportes acompanham o ritmo, ou seja, fluem na pulsação do devir-urbano. Barcarena atual vive imersa em seu processo industrial das cenas vistas em velocidade imperceptível das moléculas a evaporarem para se conservarem como energia entontecida subtraída do corpo da *city* a imprimir movimento ao desenvolvimento.

O movimento lento não significa retardamento do fluxo entontecido da cidade, porém é um corte dele, para gerar outro movimento e criar um desenvolvimento urbano com ritmo próprio [9], trata-se de segmentar o processo infinito do devir-urbano, para fazê-lo se espalhar e conectar-se a outros pedaços numa soma incontável de multiplicidade de devires da cidade. Logo, a produção do corte do movimento urbano impõe uma pulsação particular da energia construtiva entontecida de Barcarena.

O fluxo da cidade será sempre cortado por *sistemas orgânicos*[10] para gerar desenvolvimento ao município durante o processo de devir. Mas precisam ser positivos para cidade, por exemplo, de modo que o andamento e ampliação dela, mesmo reduzido a fragmentos possam liberar maior potência conectiva a favorecer o avanço da urbe.

Os processos urbanos barcarenenses fluem entre os emaranhamentos de seus cortes e linhas de fuga: transformações, fragmentos desencadeados por todos os cantos para realizarem conexões com outras partes da cidade, ainda que cortados, espalhados e desterritorializados, mas intensificados pelos devires, produzem intervenções no corpo urbano reagrupando a forma da city e atualizando-a no espaço-tempo. Por isso, os fluxos intensos continuam a liberar energia ativa na urbe.

---

9 As cidades costumam ter o seu próprio ritmo de atualização. (N.A).
10 Os sistemas orgânicos, conjuntos de órgãos que articulados formam corpo de poder na urbe. (N.A).

3.4 – Cidade: Conexão-contínua.

Assim a cidade, máquina repleta de energia delirante capaz de produzir intensidades devínicas prestes a explodir e liberar animação por todos os cantos, nos quais as moléculas dos corpos de sangue estão hibridadas a prótese urbana, enquanto a *city* cresce no espaço e cria desafios novos às percepções entontecidas quando realizar conexão com outras máquinas-órgãos. Isso ocorre durante a extensão do corpo, em que tudo é luz, tudo é visão, tudo se expande, o universo é fluxo.

> Todo "objeto" supõe a continuidade de um fluxo, e todo fluxo supõe a fragmentação do objeto. Sem dúvida, cada máquina-órgão interpreta o mundo inteiro segundo seu próprio fluxo, segundo a energia que flui dela: o olho interpreta tudo em termos de ver – o falar, o ouvir, o cagar, o foder...Mas sempre uma conexão se estabelece com outra máquina, numa transversal em que a primeira corta o fluxo da outra ou "vê" seu fluxo ser cortado pela outra.[11]

A cidade, enquanto objeto-megamáquina produtora de subjetividade e continuidade corpórea ortogonal para outra mais lisa, frouxa, desarmônica em relação ao padrão geométrico do centro em relação ao percebido nas periferias, (onde os espaços já estão a desmontar-se para o estabelecimento de conexão com outros), corresponde ao fluxo entontecido em que está feito máquinas-órgão a fluir. Temos, portanto, objeto de concreto e gente atualizando-se no espaço-tempo interligando-se a outras máquinas-urbanas.

O surgimento de novos bairros, favelas, ruas, formam estas máquinas-urbanas atualizadoras do corpo urbano, pelo motivo de advir do movimento formal agenciado pelos cidadãos quando atualizam onde residem. Mas, esses devires citadinos podem ser interpretados como continuidade urbanística, arquitetônica, paisagística para a *city* realizar novas conexões com outras urbes.

A despeito do fluxo entontecido da forma de Barcarena percebem-se processos que agem para lhe fornecer delineamentos compositivos diferentes ao vigente. É notável, por exemplo, as favelas ou devires bairros fluem e impõe movimento entrópico a estrutura urbana, ao ponto de imprimir outra aparência para a urbe por meio dos processos contínuos de construção e reconstrução.

As favelas, constituídas nos fluxos urbanos, produtoras de novas formas urbanas, no sentido positivo das conexões com diversas partes da urbe funcionam como máquina-atualizadora da cidade e produzem fragmentos de interligação para a cidade.

Portanto, o corpo urbano de Barcarena em expansão tem a funcionalidade de máquina-urbana em fluxo em busca de novas conexões internas e externas de seu corpo. Assim, destina-se a realizar conexões outras entre suas partes por meio do devir-entontecido da cidade em continuidade no espaço-tempo.

11 DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 16-17.

3.5 – O entontecido corpo sem órgãos.

A cidade recortada por planos de intensidades contínuos possibilita a criação do CsO, sobre o qual as sedimentações, as coagulações, a hipertrofia dos órgãos irão transpassar, porque: "Percebemos pouco a pouco que o CsO não é de modo algum o contrário dos órgãos. Seus inimigos não são os órgãos. O inimigo é o organismo. O CsO não se opõe aos órgãos, mas a essa organização dos órgãos que se chama organismo"[12].

Então, o CsO instalado opõe-se a organização dos órgãos que tentam manipulá-lo, no caso os organismos: máquinas-políticas que agem sobre o Corpo sem Órgãos criando coagulações, estratos cumulativos a impor-lhe "[...] formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil"[13]. No caso, o domínio ideológico e econômico do município pode ser isto.

Os organismos, máquinas-políticas tentam construir outros organismos com a captura do Corpo sem Órgãos, mas as máquinas-abstratas e máquinas de guerras fazem este corpo reagir aos gritos: "O CsO grita: fizeram-me um organismo! Dobraram-me indevidamente! Roubaram meu corpo!"[14] Um pensamento intelectual, uma obra de arte podem ser dobrados em organismos para serem utilizados para conectaram-se ao CsO para controlá-lo ou aniquilá-lo.

Por isso, é preciso tomar muito cuidado para ele não ser conduzido à morte sem cumprir sua missão de fazer passar energias e expulsar de si os organismos contrários provocadores das estratificações coaguladoras da potência entontecida da cidade. Em razão disso, haverá sempre o combate "[...] violento entre o plano de consistência, que libera o CsO, atravessa e desfaz todos os estratos, e superfícies de estratificação que o bloqueiam ou rebaixam" [15], antes e no momento da criação do Corpo sem Órgãos, no sentido de fazê-lo conter energia mental suficiente para dar conta de defini-lo como a passagem do devir-urbano, concepto extraído do fluxo entontecido barcarenense.

Dessa maneira, quando tudo for retirado e, enfim o CsO funcionou para liberar o fluxo da urbe, livrando-a de todos os conjuntos orgânicos para instalar a cidade outra tecida novamente pelas "lâminas do pensamento" entontecido de energia dionisíaca a liberar sua força atualizadora pelas fendas lisas, formadas pelos planos de imanência através do agenciamento entre o pensamento e objeto. Fazer Barcarena liberar seus liames, abrir suas fronteiras e realizar outras conexões por meio de suas zonas de intensidades estéticas: o devir-urbano. Força motriz a empurrar e a desmontar estratificações; a urbe precisa vibrar e ser aquecida durante o seu processo de devir.

Esse município produziu contradições estruturais de poder na dobra de suas constituições da cidade a gerar planos de imanências por meio do contato com a legibilidade

12 DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 21.
13 DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 21.
14 Ibid, 1996, p. 21.
15 Id, 1996, p. 22.

das paisagens urbanas a escarafunchar e expor os mecanismos de controle a favor das intervenções perceptivo-conceituais das dimensões do urbano formados por conjunto de casas, ruas, veículos, praças, prédios, rios, igarapés, pessoas da dinâmica matérica barcarenense.

Seguindo o fluxo entontecido em que a cidade flui no espaço-tempo, quando as estruturas urbanas alteradas pelas ações humanas em fissões as casas, ruas, calçadas e bairros, com o objetivo de instalarem um corpo outro no lugar, o qual se constitui na altercação à Barcarena. Isso surgiu pelo motivo do devir torna-se a diferença ao presente desse município, efetivando-se na atualização dele.

Nesses termos, o entontecido é a concretização do devir-urbano, alusão ao sentido de obra: armação de tijolos, concreto, ferro, acenando à construção da cidade outra, presente no plano de intensidade. Temos então, um pensamento a vir tornar-se imanente por meio das construções a serem efetivadas no solo urbano em constante atualização a efetivar-se além do concepto, tornar-se-ia imanência.

Entretanto, o devir-urbano intensificado pelo desejo torna-se cada vez mais distante da efetivação física, por enquanto, ele, ilhas desertas em linhas de fugas velozes nos planos de imanência, feito horizontes inatingíveis a afastarem-se de quem tenta alcançá-las e quando se chega nelas para se habitar, rapidamente, deixam de ser vazias e escapam do controle humano e voltam ao estado de devir-ilha deserta. Desse modo, as ilhas desertas são os planos de imanência, onde jaz o devir-urbano na forma de conceito em fluxo e movendo-se velocíssimo a constituir-se em horizonte onde não se pode chegar. Mesmo que se more nas ilhas, já não estão mais vazias e é sempre devir ao infinito.

Intrínseco ao pensamento, o devir barcarenense é componente das ilhas desertas, todavia, a ele nunca se chega, nunca se detém ou se constrói, já se está ou vive-se nele, é campo de intensidade. Trata-se do fluxo entontecido efetuando-se em velocidades infinitas imperceptíveis, acompanhando o movimento das galáxias mais longínquas de onde só restam blocos de sensações escuros restantes do toque entre o tempo presente e o intempestivo da percepção do fenômeno devínico.

Para ver esse acontecimento será necessário enxergar na escuridão o fluir dos emaranhados de partículas da urbe a constituir-se em afectos/perceptos caóticos a configurar a massa-urbana em energia luminosa a propagar-se em velocidade infinita, além da luz, de onde só restam aquelas escuridões resultantes do movimento velocíssimos das galáxias em expansão, tornar-se sujeito contemporâneo, quem vê aquela luz a emanar da escuridão, feita pensamento. E, por essa visão, torna-se capaz de ver as matérias diluindo-se no tempo, mediante atualização da forma urbana a fluir e distanciar-se novamente em uma velocidade superior a velocidade da luz.

> No universo em expansão, as galáxias mais remotas se distanciam de nós a uma velocidade tão grande que a luz não consegue nos alcançar. Aquilo que percebemos como o escuro do céu é essa luz que viaja velocíssima até nós e,

> no entanto, não pode nos alcançar, porque as galáxias das quais provém se distanciam a uma velocidade superior àquela da luz. [16]

No mover desse tempo imperceptível [17] das inversões das dobras das sensações no embate com o tempo retorcido em que a cidade aparece aos olhos feito escuridão. Muito além do tangível de suas dimensões concretas no desmanche dos átomos das paredes em que se encontra o devir-urbano agenciado pelos planos de intensidades, onde se agencia o Corpo sem Órgãos. A realizar descongestionamentos das pregas dos organismos dos devires da urbe. Em que o pensamento precisa ser veloz para alcançar o desmanche, formação e entendimento da cidade em fluxo.

Este platô de intensidade [18] vazio permite a passagem das energias que rompem as ligaduras enganchadas nas estruturas do corpo e empurram os órgãos indesejados para fora dele, pois: "cada conexão de máquinas, cada produção de máquina, cada ruído de máquina se tornou insuportável ao Corpo sem Órgãos" [19]. Ele opõe suas superfícies lisas, escorregadias, opaca e densa, as máquinas-órgãos barcarenenses e as repele dele, para se tornar atualizável e deixar passar as intensidades para outro lugar.

Nesta cena tudo para num só momento, às vezes, o fluir coagula-se, mas, depois volta a mover-se lentamente, através da ação dos planos de intensidades a liberar e a passar os processos atualizadores da cidade outra [20]. De modo que, os órgãos quase não funcionam, eles sofrem de atrofia durante a atualização e às vezes, demoram a propagar-se. Em consequência disso, a energia contida neles deixa de fluir.

Nesta urbe imobilizada pela antiprodução dos seus órgãos, ela aparece nesse tempo, o qual a imobiliza, para repulsar os organismos articulados a atá-la ao retardamento de sua dinâmica, em vista disso, a pressuposta cidade reage e parece criar energia suficiente para repelir para fora de si, (para deixar o seu corpo vazio), as máquinas orgânicas de atrofia, por causa disso, agenciada pelo grito de Antonin Artaud deflagra guerra aos órgãos: "porque atem-me se quiserem, mas nada há de mais inútil do que um órgão[21]". A fim de aumentar a densidade deste mecanismo do CsO, Deleuze e Guattari, alertam:

> Ele não é desejo, mas também desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isto – o CsO – mas já se está sobre ele – arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante do deserto e nômade da estepe. É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos. [22]

16 AGAMBEM, Giorgio. **O que é Contemporâneo?: e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009, p. 64-65.
17 O contemporâneo agambemiano. Ver em: Ibid, 2009, p. 55.
18 O Corpo sem Órgãos. (CsO).
19 DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 21.
20 Devir-urbano. (N.A).
21 DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 10.
22 DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 9-10.

Deleuze e Guattari, parecem conduzir as pessoas a pisarem, atarem-se ao CsO, dizem ser o mesmo desejo, conjuntos de práticas, infinita busca, feito as ilhas desertas que sempre escapam da territorialização para manterem-se desterritorializadas como planos de intensidades a fluírem a novos horizontes inatingíveis. Bem como a este tipo de “corpo intensivo” e parece não ter limites, mas é limite onde nunca se acaba de chegar e, por isso, já se estar nele.

Lugar procurado onde se buscam felicidades inauditas em que as pessoas penetram e são penetrados, neste corpo os seres humanos parecem ser apenas órgãos que quando funcionam permanecem em suas zonas de conforto, porém, quando perderem importância são expelidas pelas fendas lisas da “carcaça da imanência”, a cidade é apenas platô em que tudo fica mais intensificado, em fluxo: o tempo, a arte, a ciência, a religião, a filosofia, o chão. Parece até insondável ironia deleuziana, de modo que as cidades repletas de afectos e perceptos formam o espaço imanente de intensificação das vidas, onde nunca se acaba de construir, o urbano entontecido, alude a funcionalidade de um Corpo sem Órgãos.

Construído, para ganhar maior força dentro da subjetividade urbana em que se articula essa visão desestratificadora da cidade através de um plano de consistência para se pensar esteticamente sobre o espaço da vivência, haja vista, que é somente em nível mental ou intelectual, numa dobra experimental cotidiana e crítico-participativa que se pode articular a ação de máquina de guerra com fins a alcançar e promover alterações imanentes nos estratos urbanos. Onde seja possível conceber planos de consistências: “o conjuntos de todos os Corpos sem Órgãos” [23] e formação social apta a experimentações, já que, vive-se nela, limites de encontro às maquinarias presentes no poder em Barcarena.

Visto que, os campos de imanência podem ser construídos pedaço a pedaço por agenciamentos diferentes entre si, tendo a preocupação de saber com que partes os fragmentos podem se ligar e, como isso, se daria, logo:

> O campo de imanência ou plano de consistência deve ser construído; ora ele pode sê-lo em formações sociais muitos diferentes, e por agenciamentos muito diferentes, perversos, artísticos, científicos, místicos, político, que não têm o mesmo tipo de corpo sem órgãos. Ele será construído pedaço a pedaço, lugares condições, técnicas, não se deixando reduzir uns aos outros. A questão seria antes saber se os pedaços podem se ligar e a que preço.

A cidade, espaço da vida por excelência pode ser articulada em nível estético-mental, através de campos de intensidades, no sentido de produção de um corpo outro, ali onde passam as energias a destruírem as especificidades, singularizações, neste plano intensivo não conhece o eu e não faz girar um não eu, ele se constitui num Fora entontecido. “Ele é antes como o Fora absoluto que não conhece mais os Eu, porque o interior e o exterior fazem igualmente parte da imanência na qual eles se fundiram” [24], pedaços de lugares, técnicas,

23 Para Deleuze e Guattari: “O plano de consistência, seria então, o conjunto de todos os CsO, pura multiplicidade de imanência [...]”. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.19).
24 DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 18.

reduzidos uns nos outros, sem esquecer as ligações e suas consequências durante os atravessamentos dos blocos de sensações estéticos relacionados às dimensões físicas onde se dão vários outros campos de produção dos valores humanos, como: o político, religioso, artístico e científico, responsáveis pela armação dos campos das intensidades urbanas tidas como meio das multiplicidades.

O produto das subjetividades de vários planos de imanência formados pelo intelecto de muitos cidadãos interventores, agentes responsáveis pela atualização da cidade, a qual se torna forma intensa, por onde ultrapassam amplitudes que animam os corpos dentro dela e expulsam os organismos formados pelo sistema de órgãos estrangeiros ao corpo dela, exatamente, os quais o CsO coloca para fora, os mesmos intrusos que Artaud se referia. Enfim a cidade outra, membro do plano de imanência, logo um conceito de devir-urbano contém Corpo sem Órgãos sociais, feito pensamentos artísticos a produzirem provocações de atualizações ao meio urbano atual, contudo, irá depender da maneira de articulá-lo, ou seja, como ele irá funcionar e com quê e como ele entra em prática.

Em virtude disso, a cidade, megamáquina produtora de subjetividades como interpretação da realidade urbana ordenada, atropelada e cortada pelos antimecanismos orgânicos, os quais a tornam sem forma e sem figura irritantes aos sentidos que após alguns instantes desaparecem do pensamento daqueles que a contemplam. Tudo em razão da mesma se tornar o espaço produtor das energias que alimentam e potencializam as intensidades do CsO.

Diante da ineficácia quase total dos órgãos municipais onde persistem acoplamentos de produção e antiprodução dos elementos improdutíveis, configuram-se planos de intensidades de produção do Corpo sem Órgãos, pois a cidade libera de si, zonas, regiões de intensidades contínuas, ou seja, platôs como explicam Deleuze e Guattari: “Um platô é um pedaço de imanência. Cada CsO é feito de platôs. Cada CsO é ele mesmo um platô, que comunica com outros platôs sobre o plano de consistência. É um componente de passagem”.[25]

Por causa disso, a comunicação ou conexão entre os platôs acontece por intermédio do plano de imanência, o qual é a imagem do pensamento, lugar onde se formam ou fabricam-se os conceitos resultantes da ligação do pensamento com o objeto. Neste caso, a cidade quanto obra em fluxo passa a fazer parte de um “caosmo mental” [26], por isso, os platôs para os filósofos são apenas pedaços da imanência, um recorte do caos urbano, substrato do local onde dramatizam a vida, a imanência total.

As intensidades que passam pelo CsO formam-se nos fluídos do corpo urbano, quando a cidade vai se desmanchando no ar durante os processos de atualização das arquiteturas e composições: políticas, econômicas, ou diante do surgimento de qualquer

25 DELEUZE; GUATTARI. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. V. 3, p. 20.
26 Para Deleuze e Guattari, Caosmos mental, seria um estado de recorte do caos (caóide) tornado consistente no pensamento, seria um conceito. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 267).

novidade, ou desaparecimento ou morte de membros da comunidade, no sentido de tudo isso ser energia. A produção de circulação de novas intensidades experimentáveis que surgem aumentam ou diminuem a ação caótica a produzir recomposição ou fragmentação pelos cantos, assim, as energias atravessam o Corpo sem Órgãos, porque são constituídas por ele como objetivo de romper o tempo e instalar uma linha a impulsionar atualizações.

3.6 – O devir-urbano: Na velocidade do pensamento entontecido.

Esse movimento produz o desate dos estratificados das “máquinas-paranoicas” do poder a desprenderem-se das paredes do corpo a liberar conexões de perceptos entontecidos através da mente livre, também, entontecida, amplificação de afectos estéticos das atualizações urbanas, atingindo outras dimensões da existência citadina. As energias que passam pelo CsO, possível propulsor de agenciamentos intelectual contra as máquinas do poder, tornou-se também máquina de guerra a favor da instauração da Cidade-Obra.

A cidade, substrato de intensidades precisa de planos de imanência constituídos, agenciados pelas pessoas a fim de liberarem suas energias geradoras dos fluxos atualizadores, num devir das linhas de fugas de escape do corpo entontecido para realizar a desarrumação total das lógicas formalistas do meio urbano, em que tudo surgiria feito diferença a liberar o martelo, o serrote, a areia, a piçarra, os tijolos, os fios elétricos, as máquinas de guerra. Tudo só para ver o garoto correr por entre os caminhos através das fendas lisas e prontas para sofrerem as penetrações de novos postes e pilares da urbe em processo.

O devir-urbano é sempre mais rápido do que qualquer movimento já visto em meio à escuridão das proposições da nova cidade conectando-se pelos meios e pontas, faz as energias furtadas das paisagens fumês das ruas barcarenenses em meio aos apagões frequentes serem tão desejados pelas pessoas ao ponto da cidade, ficar iluminada só nos arredores da fábrica, a qual consome quantidade exorbitante de energia elétrica para por em funcionamento seus fornos, enquanto Barcarena-Sede “delira entontecida” no escuro diante da instalação sofrida por algumas horas de um devir-escuridão. Em meio a esse caos, o Corpo sem Órgãos encontra-se vazio, escuro, repleto de estratificação demolidoras enganchadas em suas paredes, mas prestes a extirpá-las de dentro de si.

Concebê-lo, agenciado às máquinas abstratas presentes no interior dele para combater, desbravar e liberar os devires presos nas coagulações ardilosas dos organismos-políticos exploradores do “surto marginal” dos problemas urbanos ocultos nas dimensões econômicas municipais é que se erguem os planos de intensidades a liberarem forças nômades e máquinas de guerras criadas para irem de encontro a atual estratificação do poder no corpo da cidade. Atuando naquilo que surpreende, a agitar-se a fim de gerar fissura e fazer passar as intensidades pelo corpo vazio é que se instala ele.

Potência a ser liberada dos platôs intensivos a subverterem a lógica maquínica endêmica no trato com o meio urbano, palco da vida dos barcarenenses, na qual muitas transformações formais precisam ser agenciadas no corpo dessa cidade. Então, para possibilitar oportunidades à sobrevivência e construção do Corpo sem Órgãos, alguns componentes importantes dos organismos atados, precisam ser expulsos do corpo com o objetivo de causarem uma pane neles e fazê-los desarticularem-se das lógicas deterministas presentes no comando dos organismos municipal.

O rompimento das vinculações orgânicas é fundamental ao estabelecimento do fluxo estético realizado no espaço-tempo [27] pela cidade. Porquanto, isso faria as máquinas-políticas insuportáveis ao CsO afastarem-se dele e permitindo passagens de intensidades capazes de energizarem o devir entontecido do corpo da urbe à outras possibilidades estéticas.

Há na cidade conjunções contínuas de desejos sendo realizadas através das conexões dos fluxos das intensidades agenciadas pelos campos de imanência ou planos intensivos formados por vários Corpos sem Órgãos a liberar fluxo por fluxo potências de devires para desprenderem as atualizações do corpo da urbe. Sendo que não se trata mais de organismos funcionando, mas, sobretudo agora os CsO; a liberar os "[...] fluxos de intensidades, seus fluídos, suas fibras, seus contínuos e suas conjunções de afectos, o vento, uma segmentação fina, as micro-percepções substituíram o mundo do sujeito" [28]. Agora a *city* se constitui dos devires, "devires-animal, devires-moleculares" [29], devir-cidade-obra, objeta outras experimentações sensoriais.

Os espaços urbanos ao chegarem nesses níveis de devires, construída fluxo por fluxo torna-se devir-molecular, sempre um emaranhamento de átomos a fazer acoplamentos, conexões para formar os estratos, mas ao fim de tudo acabam transformados em intensidades, energia conservada em estado de potência, mapa que segundo Deleuze e Guattari não seriam somente geografia, mas um tipo de mapa de intensidade CsO, em que as "barragens designam limiares, e os gases, ondas ou fluxos".[30] Diante disso, a urbe tornou-se desejo de intensidades do que sobrou, pois se o CsO viesse a quebrar todas as estratificações não restaria mais nada para ser destruído, seria a autodestruição e só lhe restaria a morte, por causa disso, o *tonal* [31] deve ser preservado a qualquer custo, e este *tonal* é tudo, inclusive as urbes.

No limite do desfazer e refazer dos estratos da cidade em que há a preocupação de se manter algo daquilo liberado pelo CsO, ou seja, dos restos das desestratificação que

27 A utilização do termo espaço-tempo refere-se à atualização que a cidade sofre em suas formas ao longo do tempo, provocado pelo fluxo dos devires-moleculares de múltiplas maneiras tornando-a atual no espaço onde fenômenos naturais ocorrem. (N.A).

28 DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 25.

29 Ibid, 1996, p. 25.

30 Ibid, 1996, p. 27.

31 "O *tonal* parece ter uma extensão disparada: ele é o organismo e também tudo o que é organizado e organizador; mas ele é ainda a significância, tudo o que é significante e significado, tudo o que é suscetível de interpretação, de explicação, tudo o que é memorizável, sob a forma de algo que lembra outra coisa; em fim, ele é ou eu, o sujeito, a pessoa, individual, social ou histórica, e todos os sentimentos correspondentes. Numa palavra, o tonal é tudo, [...]". Para Deleuze e Guattari (1996, p. 24 -25).

não podem ser grosseiras, mas, antes devem se buscar e se localizar sobre os estratos de maneira favorável, iniciar movimentos de desterritorialização através das linhas de fuga agenciando com cuidado as devidas conexões e as conjunções dos fluxos. Pois é preciso saber, desde o inicio como funciona e a que irá se ligar, mesmo que seja em outro pedaço pequeno de nova terra.

Arrastar uma cidade a "buracos negros" não pode ser objetivo das instalações de CsO para fazer passar as energias disparadas pelos campos de imanência advindos do solo urbano. Muito pelo contrário, os planos de intensidades são para possibilitar devires, as linhas de fugas lisas, fendas imanentes capaz de transporem a estratificação provocada pelo conjunto dos organismos impedidores dos fluxos livres do corpo da *pólis*.

> Porque o CsO é tudo isto: necessariamente um lugar, necessariamente um Coletivo (agenciando elementos, coisas, vegetais, animais, utensílios, homens, potências, fragmento de tudo isto, porque não existe "meu" corpo sem órgãos, mas "eu" sobre ele, o que resta de mim, inalterável e cambiante de forma, transpondo limiares). [32]

Verdadeiramente sobre o CsO não se chega, já se está sobre ele, a arrastar-se como um "verme-urbano", sim, pois a cidade também, como campo de imanência, devir-obra constitui-se em Corpo sem Órgãos, tendo em vista, ser necessariamente um lugar do Coletivo das alianças e cumplicidades diante das conexões entontecidas do Devir-Urbano. Assim, ela vai se concretizando para deixar de ser novamente e seguir sua fuga para os horizontes infinitos.

A cidade é espaço por onde passam infinitas intensidades sociais, políticas, artísticas, econômicas, religiosas, as quais formam os organismos manipuladores das forças de poder, capazes de impedirem ou obstruírem o corpo de fazer passar as energias e tecer os seus mapas de densidades e intensidades onde não podem existir senão, potências energéticas presentes neste corpo. Em Barcarena, esta zona de intensidade formou-se devido à obstrução orgânica de seus órgãos demolidores da dinâmica atualizadores do corpo urbano, mas as energias podem ser desatadas ou disparadas por máquinas abstratas, pois:

> Tudo é possível, sem dúvida. Nós apenas dizemos: a identidade dos efeitos, a continuidade dos gêneros, o conjunto de todos os CsO não podem ser obtidos sobre o plano de consistência senão por intermédio de uma máquina abstrata capaz de cobri-lo e mesmo de traçá-lo, de agenciamentos capazes de se ramificarem no desejo, de assumirem efetivamente os desejos, de assegurar suas conexões contínuas, suas ligações transversais. [33]

Portanto, quando tudo é possível, dadas as seguintes maquinarias de funcionamento dos campos de imanência onde circulam os CsO em que os desejos, propulsores das transformações para a instalação dos devires da cidade outra, armada sobre a lógica entontecida como linha de fuga opostas as determinações urbanísticas vigentes. Ocorre

---

32 DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 24.
33 Ibid, 1996, p. 29.

que os planos de intensidades persistentes na urbe são construídos para desarticularem as articulações orgânico-políticas responsáveis pela atual condição de atrofia do corpo urbano, um desarme total, desmanche das formas ortogonais, quebras das oligarquias de grupos restritos que revezam no poder do município. É a instalação dos primeiros sintomas dos fluxos, ou devires dessa cidade.

Os liames já foram desatados das paredes do corpo a liberar energia entontecida a percorrer os espaços das favelas, praias, ruas, becos, bares, escolas, hospitais, fornos de fábricas. Os devires-moleculares em que a cidade se desprende de suas pregas negativas e trilha outros caminhos de fuga de atualização, sempre devir, outro estado, novo horizonte, nova casa, nova foda, novo garoto ou garota, devir-animal, devir-cão, devir-homem, devir-mulher, devir-andrógena, assim aparece à cidade em meio à escuridão do caos a liberar ondas eletromagnéticas, a luz entontecida da própria energia intensa a instalar no meio do vazio um devir Cidade-Obra. Enfim, a cidade é um plano de intensidade outro a diluir-se pelo meio e cantos no chão.

3.7 - Cidade-obra: No plano de intensidade.

As partículas emaranhadas em fluxo desdobradas e unidas formam casas, ruas, praças, vilas, praias, fábricas, carros, *vans*, bicicletas, motocicletas, barulho, agitação, luz, escuridão, suor, prazer, dor, nascimento e morte. Uma vez que, a matéria-urbana sofre mudanças nas constituições físicorgânicas e inorgânicas no que tange as arquiteturas e as pessoas durante o processo de atualização.

Por esse ponto de vista, a matéria parece dobrar-se "[...] duas vezes, uma sob as forças elásticas, outras sob as forças plásticas, sem que se possa passar das primeiras às segundas" [34]. Assim, a cidade com sua massa exterior inorgânica plasmada pelos cidadãos, dobras orgânicas no flagrar temporal distorcido do não sentido das percepções das dobras da imanência tornam a urbe: intensidades passando pelo Corpo sem Órgãos para instalar a Cidade-Obra na pulsação do devir-urbano.

Essa cidade outra, distorce o tempo e afasta a possibilidade de idealismos urbanos, pois não se trata de sonhos, mas, sobretudo de dar vazão ao devir entontecido do espaço vigente para possibilitar outras experimentações sensoriais atualizadoras produzidas no meio vivível e no outro ao qual se pretende chegar, mas, que já se está nele, a tateá-lo, a pregá-lo, a armá-lo, a fazê-lo, a experimentá-lo e a efetuá-lo, definitivamente, no espaço-tempo, como fato. Entretanto, por enquanto, este meio urbano é uma dobra da imanência[35] barcarenense e compõe-se de pensamentos outros intensivos desterritorializados contendo forças de *upgrade* [36] do urbano através dos devires-construções dos cidadãos na urbe.

34 DELEUZE, 1991, p. 24.
35 A dobra da imanência é a cidade desdobrada em conceito a partir dos blocos de sensação: perceptos e afectos das paisagens urbanas. (N.A).
36 Atualização urbanística. (N.A).

A experimentação de um tempo outro onde os blocos de sensações somados aos desejos de construção da Cidade-Obra conjugada instintivamente pelos habitantes num esforço mútuo de erguerem-na associada a valores ligados à celebração da vida, emanações intensivas construtivistas de potencialização humana, elevando-a a condição de concepto, dobra da imanência, força conceitual da ação dos cidadãos no urbano-perceptual, este movimento seria a instalação do devir-urbano, mesmo que a ele nunca se chegue, pois se é sempre ilha deserta, construção de horizontes em fuga, todavia, já se está sobre ele, enquanto força de atualização feita pelas próprias pessoas. Sim, já se vive nele, porque se é o próprio devir da *city* ao agir imprimindo-lhe outras formas e paisagens ao corpo atual, deste fato surge o seu caráter experimental ao infinito, de nunca terminado, mas em pura construção, ou seja, em obra, processo, fluxo.

A Cidade-Obra, dobra da imanência construída ou orientada pelo pensamento, subtraída da percepção das superfícies de Barcarena atual, curvada sobre si mesma, torna-se intensidade estética. Transformando-se em concepto edificada em ideia e energia estetizada para passar em velocidade infinita pelos planos de consistência a fim de superar as condições atuais, inorgânico da cidade atual e possibilitar o deslize desta, pelas linhas lisas rumo aos fluxos intensivos dos platôs.

> Os fluxos de intensidades, seus fluídos, suas fibras, seus contínuos e suas conjunções de afectos, o vento, uma segmentação fina, as micro-percepções substituíram o mundo do sujeito. [...] Não é mais um organismo que funciona, mas um CsO que se constrói. Não são mais atos a serem explicados, sonhos ou fantasmas a serem interpretados, recordações de infância a serem lembradas, palavras para significar, mas cores e sons, devires e intensidades [...]. Não é mais um Eu que sente, age e se lembra, é "uma bruma brilhante, um vapor amarelo e sombrio" que tem afectos e experimenta movimentos, velocidades. [37]

Por causa disso, essa Cidade-Obra articulada pelas micro-percepções advindas do solo urbano como possibilidade diferencial de experimentação será sempre um devir imerso num movimento intrínseco ao plano de imanência. "O movimento tomou tudo, e não há lugar nenhum para o sujeito e um objeto que não podem ser senão um conceito" [38]. Diante disso, a cidade outra ainda devir, e é então conceito potencializado feito energia devínica capaz de estimular o avanço urbano barcarenense.

Um provocador para instalação da cidade outra por meio do exercício da percepção em nível de experimentação do tempo no qual o pensamento migra da ideia a concretude, de modo que, o plano de imanência constitui-se de duas faces: pensamento e natureza, na visão deleuzoguattariana [39] e "[...] movimento não é imagem do pensamento sem ser também matéria do ser" [40], então a matéria urbana se move com a mesma velocidade do pensamento de um lado e outro. Enfim, a cidade pode ser conceito e matéria ao mesmo tempo.

37 DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 25.
38 DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 54.
39 DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 54.
40 Id, 1992, p. 54.

Mesmo de longe, o pensamento movendo-se na direção dela para tentar atar-se ao seu corpo e não conseguindo, passa construir a mesma na sua forma conceitual na imagem do pensamento por meio das micro-percepções a vislumbrá-la, a percorrer velocidades infinitas neste plano de imanência expressando-se aos "uivos-estéticos" pelas esquinas e bares num tormento urbano delirante. A Cidade-Obra erguida bem a sua frente, mesmo habitada, continua a escapar como ilhas desertas, horizontes ao infinito, pois, esta cidade outra existe nas mentes daqueles sonhadores insistentes em acreditar na sua futura instalação e territorialização sobre Barcarena atual entontecida, sobre qual a vida se arrasta.

Em meio aos tormentos intensivos a percorrerem os planos vazios onde o vento frio sopra à meia noite a fazer os papéis planarem em voos incríveis através das ruas solitárias de segunda-feira nesse município de um tempo qualquer além do que pode ser percebido, erige-se esta outra *city*, para além da vigente, mas por entre o corpo urbano atual, num desafio caótico de planos de intensidades a descreverem ou a tecê-la como lugar, território de experimentações outras a dados estilos de vivência ou da relação diferente com o espaço no qual se vive, o mesmo que se vai aos poucos se estetizando a obra inteira da vida, em um tempo, em um lugar na beira de uma baia e rio, no qual se atou Barcarena a dissolver suas moléculas devínicas. "Ora, se todos os devires já são moleculares" [41], pois se desmancham no ar para tornar-se novamente um devir outro, assim, também procede com as cidades.

Em razão disso, a Cidade-Obra, dobra da imanência, energia liberada pelo CsO desobstrutivo das estratificações urbanas para liberar os devires, linhas de fugas, através da utilização das máquina de guerra oposta a organização orgânica dos órgãos barcarenenses[42], a fim de recolocarem a cidade atual em fluxo e fazê-la permanecer neste movimento de atualização constante. Mediante isso, esta espécie de cidade outra promovida pela liberação das intensidades criadoras de desterritorialização e devires serve para atualizar a urbe barcarenense.

Pois, pelo visto, o CsO ao contrapor-se aos organismos opõe a estes, antimecanismos estéticos articulados por máquinas abstratas-artísticas de forças opostas as vigentes para desarticularem as contradições culturais a fim de romper as estratificações em algo positivo para o município. Como é o caso do teatro que se deteve há alguns anos na forma de Paixão de Cristo [43].

Mas, arisca-se a dizer, talvez que possua energia suficiente para se converter em "juízo final" massificado, assim como o ocorrido com o Festival do Abacaxi que para mantê-lo vivo precisou-se alterá-lo e "elevá-lo" à condição de espetacularização-híbrida.

41 DELEUZE, 1997, p. 70.

42 Organismos: grupos de órgãos manipuladores do poder no município a entravar a cidade de suas atualizações positivas. (N.A).

43 Não que isso não seja importante, e se tornou, por isso mesmo, intensidade, energia a habitar o vácuo-estético preso ao eterno retorno do mesmo, mas sem a diferença, ou seja, não se atualiza e, por este motivo, diminuiu a possibilidade de seu devir. (N.A).

Tornando-o expressão rural-urbano-industrial massificado, diante da cultura do alumínio e o abacaxi barcarenense quase inexistente no lugar.

Enquanto que; a Cidade-Obra é um agenciamento à instalação do devir-urbano da cidade outra posta um pouco à frente da linha do tempo num horizonte próximo, no qual já se está a se arrastar sobre ela, no fluir dos dias e esforços musculares de cada corpo a evaporar suas energias na tentativa de alcançar este plano intempestivo. Por enquanto, em fuga ao infinito.

De modo que as casas, abrigos dos corpos agitados dos barcarenenses contém em suas paredes estigmas de desejos primorosos de melhoramentos da cidade, haja vista, seus aprimoramentos estéticos de concretização da busca entontecida pelo devir-urbano existente somente quanto ideia a vagar nos planos de intensidades, sempre um desejo a se realizar. Uma cidade é isso, pura obra, feitura, construção, agasalho, aconchego o conforto a aludir o colo da "Bela Morena" vislumbrada como a luz no meio da escuridão barcarenense.

O devir entontecido encontra a casa, ou melhor, a construção da casa, talvez o primeiro módulo depois dos menires e dólmens pré-históricos feitos linhas de fuga da frigidez das cavernas; já havia talvez, o desejo impresso na imagem do pensamento da ideia-casa ou devir-casa. Então, os alicerces urbanos surgem antes nos das residências, sobremodo, a primeira paisagem da Cidade-Obra possa ter sido formada por inúmeros ajuntamentos desse tipo de construção aludindo à proteção dos braços de uma mulher, auxiliadora do devir-urbano, protetora do corpo feito de carne, para Deleuze e Guatarri:

> O corpo desabrocha na casa (ou num equivalente, numa fonte, num bosque). Ora, o que define a casa são as extensões, isto é, os pedaços de planos diversamente orientados que dão à carne sua armadura: primeiro-plano e plano-de-fundo, paredes horizontais, verticais, esquerda, direita, retos e oblíquos, retilíneos ou curvos... Estas extensões são os muros, mas também solos, portas, janelas, portas-janelas, espelhos, que dão precisamente à sensação o poder de manter-se em ***molduras*** autônomas. São as faces dos blocos de sensação. [44]

O que se quer é permitir aos corpos desabrocharem nas casas, as quais estão dentro do corpo urbano, é isso que se almeja com a busca e instalação da Cidade-Obra barcarenense: o direito a erguer uma armadura com todos os seus planos para proteger o germinar dos corpos de carne, sangue, humanos e animais. Revelando a esperança de alcançar com o devir-urbano este lugar extensivo guardador do cidadão, feito casas intensivas, multiplicidades das formas da urbe.

Este devir-urbano, Cidade-Obra pode se converter em plano de experimentação abrindo fendas outras para os sentidos, mas não se trata de um fantasma da cidade ideal, muito pelo contrário, antes suporte, plano de composição matérico em que as pessoas possam construir suas casas, ruas, bares, paredes, muros, intervenções por toda a

44 DELEUZE; GUATTRRI, 1992, p. 232.

parte, uma grande tela de arquiteturas em que se permita desenhar, projetar, dramatizar, virtualizar, dançar, beber, enfim espaço por excelência das subjetividades potencializadoras da existência, o devir da vida como obra de arte, a dobra total da imanência para se tornar vivível. Sobre isso é o que Nietzsche potencializou na antevisão sobre este tempo distorcido como nova possibilidade de viver, como concorda Deleuze. "É o que Nietzsche descobria como a operação artista da vontade de potência, a invenção de novas 'possibilidades de vida'" [45].

A Cidade-Obra é esta fenda para essa possibilidade de vida, de experimentação da "[...] existência não como sujeito, mas como obra de arte; esta última fase é o pensamento-artista" [46]. Deste modo, até mesmo o sujeito terá de desaparecer para atualizar suas sensações para que possa experimentar este outro plano urbano imanente no devir como ator a representar sua própria existência, é ai, talvez, que a imanência: uma vida encontrar-se-á efetivada, no encontro do plano de imanência deleuziano e mumfordiano, pois o primeiro concebe a cidade como perceptos paisagens não humanas da natureza, que, também, são *afectos*, devires não humanos do homem e para o segundo:

> A cidade, no seu sentido completo é, pois, um plexo geográfico, uma organização econômica, um processo institucional, um teatro de ação social e um símbolo estético de unidade coletiva. Por um lado, é a estrutura física das atividades domésticas e econômicas triviais; de outro, é um cenário conscientemente dramático onde se desenrolam as ações mais significativas e os anseios mais sublimados de uma cultura humana. **A cidade estimula a arte e é arte;** a cidade cria o teatro e é teatro. É na cidade considerada como teatro, que as atividades propositivas do homem são formuladas e elaboradas, mediante o conflito e a cooperação de personalidades, acontecimentos, e grupos, para resultar nas culminâncias mais significativas. [47]

A cidade dobrada no pensamento de Mumford estimula a arte, pois é arte, intensidade, um ser de sensação energizado em favor da produção artística como aprimoramento sensorial do ser humano, palco das dramatizações da vida, imanência e estimulo estético para as ações do homem neste espaço coletivo, a intensificar atitudes artísticas para tornar a vida mais significativa. Na realidade, a cidade em si, produz sensações, mas: "As sensações, como perceptos, não são percepções que remeteriam a um objeto (referência): se se assemelham a algo, é uma semelhança produzida por seus próprios meios, [...]" [48], ou seja, a semelhança acontece porque a sensação só se remete ao corpo arquitetural, a matéria propriamente dita da *pólis*, logo, a urbe torna-se de imediato perceptos e afectos da própria matéria citadina.

E se assim o é, a cidade, perceptos e afectos, blocos de sensações, passa ser obra de arte para Deleuze e Guattari: "A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela

45 DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992, p. 123.
46 Ibid, 1992, p. 120.
47 MUMFORD, 1961, p. 494, grifo meu.
48 DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 216.

existe em si" [49], então se a obra de arte é ser de sensações, logo, é formada por blocos de sensações que por sua vez, são perceptos e afectos. Dessa forma, a cidade é arte e possibilita a criação de manifestação e intensificação dessa energia estética pelos seus cantos, construções e paisagens convertidas em devires, manifestando-se no "prenúncio" da cidade-obra, a linha de fuga de escape da mesmice da cidade atual e sempre se atualizando no espaço-tempo.

Os aspectos e devires da Cidade-Obra já se manifestavam em outros pensamentos debruçados sobre o fluxo urbano que enfatizavam a estetização deste meio intempestivo para um tempo outro em que a cidade atrelar-se-ia intensivamente a arte através da "[...] natureza dos fatos urbanos [...] que os torna muito semelhantes, e não só metaforicamente, a obra de arte; elas são uma construção na matéria e, não obstante a matéria, de algo diferente; são condicionados, mas condicionantes" [50]. Tendo em vista que, a cidade e a obra de arte criam condicionamentos formais à matéria, ainda que ambas, também estejam sujeitas a composição molecular daquele material do qual são feitas fisicamente, elas por meio da ação dos seus construtores impunham a matéria um ente, intensivo, concepto que as habita, as urbes ou obras de arte são devires moleculares, metástase temporais.

> Naquilo que flagra a explosão ilógica dos sentidos, a pulsar num tempo retorcido, em todas as distancias e fibras de nossas experimentações, está a possibilidade da cidade-obra, investida de uma estranheza necessária e atravessada pelo que Antonin Artaud chamou de Corpo sem Órgãos (CsO) e Deleuze e Guattari deram densidade. Um corpo possível, aberto a conexões diversas – num escape das cenas viciadas do modelo capital empanturrado de signos artísticos – que na cena contemporânea, é necessário retomar, reviver, fazer ruir, na condição de que produz os fluxos explosivos, interdições dadas pelas incursões estéticas radicais, desde o corpo-forma dessa cidade-obra. [51]

Nesse tempo distorcido da possibilidade da cidade-obra propícia a intensificação das matérias que a compõe, o seu corpo entontecido, onde tudo aumenta a proporções enormes para a experimentação, de modo que, não dá mais para se pensar em arte e cidade nas quais não se possa tocar e interferir. Foi isso que Deleuze quis dizer, para não se buscar entender, e sim sentir, experimentar, não importa o que é e nem como funciona, porém, com que pode funcionar e conectar na cena contemporânea este devir-urbano.

Conectar a Cidade-Obra fazendo-a funcionar e atualizar a cidade atual (Barcarena) através do devir dos fluxos intensivos subtraídos pelas micro-pecepções da matéria urbano-arquitetônica municipal agenciada na imagem do pensamento, ponte entre o concepto e os blocos de sensação no contato com a cidade atual.

Esta cidade outra, experiencial por excelência, obra; construção em fluxo em busca da efetivação da instalação de horizonte outro, persiste e sobrevive no espaço-tempo

49 Ibid, 1992, p. 213.
50 ROSSI, 2001, 18.
51 PINHEIRO, Luizan. **CIDADE-OBRA: Instalação de um Corpo sem Órgãos** in. MARTINS, Bené. **Interfaces: desejos e hibridação na arte**. Belém: UFPA/ICA, 2009, p. 97.

como energia a fluir pelos platôs para liberar "[...] fendas possíveis, instaurando próteses, destruindo rituais previsíveis gerados no acontecimento mudo de cada dia." [52] Com isso, produzir maior impacto na imanência barcarenense.

Neste movimento entontecido no qual se encontra Barcarena, mas, precisamente no pensamento que a toma em nível de conceito de cidade-fluxo, emaranhamento de tempo outro, em que se distorcem os seus estratos em dobras sobre a mesma a revelar neste curvamento, imagem do pensamento daquilo que permite a prefiguração do espaço por vir, feito um horizonte a diluir-se cada vez que se alcança e se pisa e constrói-se nele. Este lugar no infinito é onde se apresenta à micro-percepção a Cidade-Obra, devir-urbano, linha de fuga a arrastar a cidade atual em uma linha lisa de atualização das suas matérias que nunca termina, pois:

> [...] na cidade-obra há a possibilidade de intensificação de suas matérias, pois que, ela é toda ***corpo*** recoberta de gestos que nela se injetam; um todo expandido, como um sistema em que podemos experimentar, a partir de sua própria mecânica, para encontrar conexões que permitam alterar sua configuração ou até desintegrar seu funcionamento. [53]

Por meio desta abertura às experimentações em que vai se constituindo a obra urbana, com intercessões nestes espaços a fim de produzir e captar as estranhezas entontecidas ocorridas na cidade como acontecimentos denotadores de alteração conseguidos pelos devires superados pelos fluxos movimentos que a urbe impulsionada por acontecimentos mais diversos sofre e reage. É modificada por eles, e por outros fenômenos que interferem na ordem do seu processo em fuga, para se tornarem a própria marca da atualização, como não desejos instalados na urbe.

Portanto, tudo é devir, principalmente as cidades, prefigurando-se neste tempo entontecido das distorções dos sentidos assombrados pela velocidade dos acontecimentos dos movimentos de atualização do corpo urbano contemporâneo que ocorre em velocidades sutis, mesmo no congelar da dinâmica temporal, que às vezes, se tornam imperceptíveis por serem rápidas demais ou lentas em demasia aos sentidos, perceberem os devires não humanos a desfazerem-se a cada instante para instalar um tempo outro. Tudo a fim de escapar dos emaranhados moleculares de devires outros também em fuga das atrofias orgânicas do corpo, deste modo, está à cidade de Barcarena em pleno devir-molecular a seguir seu fluxo no espaço-tempo.

52 PINHEIRO, 2009, p. 97.
53 Ibid, 2009, p. 97.

CONSIDERAÇÕES EM FLUXO...

No percurso desta pesquisa algumas considerações dos devires de Barcarena já foram apontadas, portanto, tentar-se-á fazer desses fluxos pelos quais a cidade-conceito deslizou para escapar das estratificações históricas e permanecer em ativa atualização no espaço-tempo. Configurando-se em imagem do pensamento esteta pelas vibrações das intensidades de suas matérias captadas por blocos de sensação: afectos e perceptos subtraídos do espaço urbano atual através das micro-percepções.

Contudo, no que concerne a conceito, dificilmente há um centro neste trabalho, mas sim, multiplicidades deles latentes nos planos de imanência, lugar povoado por infinitos *conceptos* intensivos, a fim de que, os diversos meios conceituais formem interfaces teóricas de conexão com a cidade.

Prontamente, sobre as bases territorializadas de Barcarena histórica, ponto de partida da relação amorosa num flerte estético com esta urbe a qual é agenciada como cidade histórica, imagem e fluxo para constituírem-se em devires e transformar esta visão a romper as pregas orgânicas presentes nos planos políticos, econômicos, sociais, culturais notórios nas paisagens urbanas. Este plano de imanência estético desferiu golpes de pensamentos intensificados pelas micro-percepções do lugar de onde se diz: da cidade entontecida.

A urbe, lugar das experimentações artísticas por excelência precisou ser tangenciada, traspassada por este pensamento outro, como possibilidade de despertar nas pessoas o desejo de atualização do lugar onde vivem, pois só assim, se pode construir o escape das inalterabilidades barcarenenses. Esta pesquisa aponta e funciona como linha de fuga para a retomada da dinâmica atualizadora em direção ao devir-urbano, lugar das manifestações plenas das sensibilidades e funcionalidade do urbano em favor da vida.

O texto em alguns pontos pulsa, pois ele é um devir, proposta para a instalação de atualizações dos espaços urbanos já que funcionam por meios teóricos para realizar conexões com outros pensamentos ou máquinas abstratas somadas na luta em favor do crescimento. Fluxo da urbe para o desenvolvimento e produção e devires apontados no tempo intempestivo ao qual a cidade outra, se apresenta às mentes desejosas do por vir, nada concreto, tudo intensidades a passar nos planos de imanência de quem pensa a cidade como outra proposta para o futuro, como anunciava a preocupação de Guattari, com a ecologia que precisava ser agenciada primeiramente nos espaços urbanos contemporâneos a fim de evitar catástrofes.

Nesta perspectiva, não se trata só de um pensamento estético sobre Barcarena, mas de uma máquina de guerra contra a manipulação política e econômica que assola esta cena urbana, portanto, este *modus operandi* produtor de uma visão do município por meio das ligas estéticas de se ver e conceituar a urbe por *afectos* e *perceptos*. Agentes das dobras da cidade para ela ser compreendida como imagens cristalizadas e, deste modo, trata-

se ainda do despertar aberturas de devires para a instalação da cidade outra, visto aqui, como: a Cidade-Obra, aquela dos desejos e sonhos feito ilhas desertas, tanto almejadas para se morar, escapam ao serem habitadas, pois, é o lugar aonde se quer chegar, sempre em construção desde a época daqueles primeiros barcarenenses territorializados em Vila do Conde, Vila de São Francisco, construtores e perseguidores do devir municipal. Agora já alcançado e transformado em Barcarena, mas, que também, já está posto em fluxo num disparo ao infinito, em desmanche e reconfiguração espacial para superar o estágio entontecido e compor-se em outras possibilidades ainda impensadas.

Os devires tem muito mais importância do que a história, porque eles prefiguravam atualizações aos corpos intensivos, por esta razão, Barcarena ao romper com suas *"pregas históricas"* estriadas, desliza por linhas lisas, fendas construídas ou surgidas no seu espaço em busca destes horizontes desejados, como foi o caso de sua industrialização e construção de Vila dos Cabanos. Estes empreendimentos capitalísticos retiraram a cidade de meio rural opondo o industrial, esse fato acelerou o fluxo entontecido tonando-se força *upgrade* sobressaído dos devires que colocam as cidades em movimento no espaço-tempo.

Em vista disso, a cidade atualizando-se pelas linhas de fuga, ou seja, pelas interferências da própria comunidade que proporcionam a urbe o escape das estrias históricas tipificadas, identitárias da relação de objeto e sujeito para continuar caótica desmanchando-se pelo ar. Emaranhando-se assim aos devires-moleculares no espaço-tempo.

Os habitantes, linhas de fugas urbanas, energias de carne, osso e mente, dramatizam a cidade em espaços-loucos, intensivos: casas, barracos, favelas, indústrias, arquitetura entontecida contemporânea daquilo que flagra as micro-percepções dos espaços citadinos a produzirem novas paisagens à Barcarena. As intensidades construtivas do povo põem a cidade em fluxo, pela liberação do devir-mulher [1]: Disparo de todo devir, a abertura dos devires-moleculares: orgânicos e inorgânicos; em que crianças, velhos, animais, casas, cidades compõem dobras da imanência formadora do devir-urbano.

O devir impõe um fluxo à matéria e a faz disparar em linhas atualizadoras a instalar novas estruturas espaciais em velocidades que nem sempre podem ser acompanhadas pelas sensibilidades, ainda que sejam produzidas por elas. De modo que a percepção não possa captar o processo de atualização da cidade, isso só se torna possível, mais tarde, quando tudo assume forma. Essas alterações só são percebidas, algumas vezes, graças à micro-percepções surgidas em meio às oscilações da urbe.

As atualizações observadas por intermédio das percepções das imagens-cristais, bem no meio do liame entre o virtual e o atual em que o visível se cristaliza, e só nele pode este fluxo atualizador das matérias da cidade. Por conta disso, os devires moleculares ficam perceptíveis somente quando se tornam imagens cristalizadas e aí surgem nas paisagens urbanas como a imagem atual da cidade, isto capaz de captar as fugas

1 "É a chave dos outros devires". DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 70.

entrópicas das partículas em meio ao caos. É como se o olho e o cérebro tivessem que recortar imediatamente o percebido e o tornassem conceito, pois o conceito pode ser essa forma de blocos de sensação, *afectos* e *perceptos* cristalizados através de *conceptos* para fazer Filosofia-estética. Logo à imagem de Barcarena, neste trabalho, torna-se a dobra da imanência da cidade para sua forma conceitual.

As imagens das paisagens urbanas tornam-se a própria dobra da cidade atual, no momento em que esta entra em fluxo de atualização em fuga lisa em busca de paisagens, arquiteturas. As urbes nunca param de ser alteradas e se movimentarem no plano horizontal e vertical. Suas dinâmicas entrópicas acompanham a complexidade da sociedade que a criou e a põe nos devires-moleculares de crescimento sem perspectiva de forma final.

Em meio a isso as capturas imagéticas do solo urbano pelo olho ou qualquer prótese com este fim, produzem recortes do caos e, em vista disso, funcionam como imagens-cristais que conectam o virtual e o atual aos pensamentos. Esses fatos conectivos acontecem desde que essas imagens façam rizoma a ligar a cidade às mentes de quem vê as paisagens urbanas com fins estéticos.

Dessa maneira, as imagens se tornam e funcionam como mecanismos de dobradura do real, são imagens cristalizadas porque dobram os perceptos e afectos urbanos à condição estética de conceito da cidade, criando cartografias imagéticas de Barcarena: fotografia, pintura, literatura, ou simplesmente, palavras. Um olhar, ou até mesmo, pessoas atravessando a rua, já que todas são recortes das intensidades da *city* conceituais.

Os fluxos entontecidos urbanos, fugas das atrofias constituídas nos substratos da cidade, devido os agentes que impedem o cumprimento dos devires urbano do corpo provocado pela instalação de organismos manipuladores fomentador de desejos particulares para impedir as linhas lisas de atualização da urbe.

Opondo-se a isso, houve a urgência da instalação do Corpo sem Órgão para fazer passar as intensidades contidas no interior do corpo da urbe amortecidas em forma de energia pelos conjuntos dos órgãos indiferentes ao funcionamento da *city* a tolhir a potencialidade do município em não liberar o seu corpo para a conexão de seus devires. Assim este ataque conceitual por meio desta máquina de guerra agenciada por máquinas abstratas a oferecer linha de fuga para Barcarena se livrar da dependência de forças outras, para fazer esta *pólis* sobressair forte na busca por melhoramento de suas estruturas.

A cidade, então, aparece recortada pelas percepções de suas estruturas emanadas dos substratos matéricos por intermédio dos conjuntos de blocos de sensação que permitem torná-la produto de fluxos como os devires erguidos pelos homens para a construção dos meios urbano-arquitetônicos. Dessa maneira, criar lugar outro no qual se possam captar os movimentos do devir molecular na tessitura temporal para formar estes emaranhamentos de concreto e gente onde a vida é celebrada.

Em muitos aspectos Barcarena aparece entre suas imagens, não somente nas visuais, mas, também naquelas pressupostas nos planos de imanência feito conceitos, as

quais por serem ideias-*conceptos*, tornaram-se, por causa disso, características reflexivas em forma de intensidades recortadas do corpo urbano. Foram transformando-se, dessa maneira, em dobras do meio urbano pelo motivo de conterem em si, energia armazenada a liberar suas intensidades a cada processo de atualização do corpo citadino.

Nestes aspectos buscamos uma dobra-urbana que ficou refletida em suas imagens a instalar um espaço em que já se vive e a inserir nele a Cidade-Obra. Nas dobras da imanência a tal ponto que a construção desta *city* outra apareça no espaço-tempo como materialização dos devires. Enquanto obra, ereção urbana e arquitetônica numa experimentação a níveis onde se inserem as distorções e acertos que *tornam* a cidade atual. Espaço-obras, tessituras nos horizontes em fuga a promover carnações matéricas a seguir a linha de aperfeiçoamento e atualização do meio urbano na constituição de Barcarena outra, a emaranhar-se em seus devires e materializar-se no espaço-tempo.

Portanto, a persistência de Barcarena histórica, imagem e fluxo apontam as construções e reconstruções da urbe a adquirir *status* de entontecida. Traçando linhas de fuga promover atualizações moleculares através das intensidades de seus habitantes no exercício de viver no meio urbano. Intervindo nele, ao ponto de promover alteração em suas estruturas urbano-arquitetônica. Criando imagens outras: dobras da imanência do cotidiano da cidade numa interface de blocos de sensação cristalizados, grandes potenciais de conceituação da cidade em fluxo, em movimento caótico na busca de alcançar horizonte outro, ilhas desertas urbanas a afastarem-se em velocidade infinita dos moradores que insistem em manter o espaço urbano em devir.

A cidade escapa das atrofias através das linhas lisas e instala devires, pois faz passar pelo seu corpo energias entontecidas geradoras de novas atualizações ao infinito, Barcarena é fluxo de devires-urbanos outros.

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. **O que é Contemporâneo?: e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AQUINO; FERNANDO; MEDEIROS, MARIA BEATRIZ (org.). **Corpos Informáticos. Performance, corpo, política.** Brasília: Editora do Programa de Pós-Graduação em Arte, UnB, 2011, p. 116.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos**; Tradução Denise Bottmann e Federico Carotti: São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

______. **História da Arte Como História da Cidade**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (coleção a).

______. **Projeto e Destino**, 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

BAUDRILLARD, Jean**. A Arte da Desaparição**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/N-Imagem, 1997.

BERREDO, Bernardo Pereira de. **Anais Histórias do Estado do Maranhão**. São Luís: ALUMAR, 1988.

BETENDORF, João Felippe. 1910. **Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão**. Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, Tomo LXXII, Parte I. Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/betendorf_1910_chronica

CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1990.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade: o homem e a cidade e o cidadão de quem é o solo urbano?**. 8ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009. (repensando a Geografia).

CARVALHO, Nuno Miguel Santos. **Imagem-Sensação: Deleuze e a Pintura**. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia, especialização em Estética e Filosofia da Arte) – Universidade de Lisboa – Faculdades de Letras - Departamento de Filosofia, Lisboa. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/440/1/16228_tese_vers00E3o_ final_nuno_carvalho.pdf >. Acesso em: 18 out. 2011.

CHAMBERLAIN, Lesley. **Nietzsche em Turim: o fim do futuro**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

DELEUZE, Gilles. **A Imagem-Tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2007 – (Cinema II).

______. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

______. **Diferença e Repetição**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

______. **A Ilha Deserta: e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

______. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

______. **A Dobra: Leibniz e o Barroco**. 6ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1991.

______. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 65.

______. **A Imanência: uma vida**. Trad.: Alberto Pucheu e Caio Meira. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html>. Acesso em: 13 dez. 2011.

DELEUZE; GUATTARI. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Coordenação da Tradução Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. V.1.

______;______. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. - São Paulo: Ed. 34. 1997. V. 3.

______;______. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Suely Rolnik; São Paulo: Ed. 34. 1997. V. 4.

______;______. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Peter Pál pelbart. - São Paulo: Ed. 34. 1997. V. 5.

______;______. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

______;______. **O Que é Filosofia?**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992. (Coleção TRANS).

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Coleção tópicos).

GALLO, Silvio. **Deleuze e Educação**. 2ª ed. Belo horizonte: Autêntica, 2008.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 5ª ed. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2008. (coleção Trans).

GUIMARÃES, Luiz Antonio Valente. **Subsídios para Um Estudo da História do Município de Barcarena**. Barcarena: DEPAH, 1999.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa Sobre as Origens da Mudança Cultural**. 19ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 17.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção Mundo arte).

LEITE Serafim, S. J. **Breve História da Companhia de Jesus 1549-1760**. Braga-Portugal. Apostolado da Imprensa, 1993.

LEVY, Tatiane Salem. **A Experiência do Fora: Blanchot, Foucault, Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LOPES, Paulo Roberto do Canto. **Aldeias, Missões Religiosas e Diretório: intercâmbios políticos, econômicos, culturais e ambientais**. In NEVES, Fernando Arthur de Freitas. **Faces da História da Amazônia**. Organização de Fernando Arthur de Freitas Neves e Maria Roseane Pinto Lima. Belém: Paca-Tatu, 2006.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Elementos de Estética**. 3ª ed. ver. E ampl. Belém: EDUFPA, 2002.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **A Amazônia no Século XXI: novas formas de desenvolvimento**. São Paulo, Editora Empório do Livro, 2009.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MARTINS, Fábia. **A Concepção de Missão no Projeto da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão e Grão-Pará, no Século XVII**. In NEVES, Fernando Arthur de Freitas. **Faces da História da Amazônia**. Organização de Fernando Arthur de Freitas Neves e Maria Roseane Pinto Lima. Belém: Paca-Tatu, 2006.

MONTEIRO, Benedicto. **História do Pará**. Belém: Editora Amazônia, 2006.

MUMFORD, LEWIS. **A Cidade na História: Suas Origens, Transformações e Perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

______. **A Cultura das Cidades**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1961. (coleção Espírito de Nosso Tempo).

MEYER, Philippe. **O olho e o Cérebro: Biofilosofia da percepção visual**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O Nascimento da Tragédia: ou Grécia e Pessimismo**. São Paulo: Editora Escala, 2007. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal v. 37).

______. **A Visão Dionisíaca do Mundo, e outros textos da juventude**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. – (Tópicos).

______. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NUNES, Benedito. **Introdução à Filosofia da Arte**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

______. **Ensaios Filosóficos**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

OLIVEIRA, Luciana de Fátima. **A Vila de Bragança Rios e Caminhos**. Mosaico, Goiás, ano 1, nº. 2, p. 188-197, jul./dez., 2008.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

PINHEIRO, Luizan. **CIDADE-OBRA: Instalação de um Corpo sem Órgãos** in. MARTINS, Bené. **Interfaces: desejos e hibridação na arte**. Belém: UFPA/ICA, 2009.

PROST, Gérard. **História do Pará: das primeiras populações à cabanagem.** Organização Gérard Prost; André Alvarez, Edilene Lourdes da Silva, Fátima de Oliveira, Raimundo William Tavares, Ribamar de Oliveira. Belém: Secretaria de Estado de Educação, 1997. (Estudos Paraenses; v. 1).

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHAAN, Denise Pahl. **Cultura Marajoara**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009.

SCHULZ, Sonia Hilf. **Estéticas Urbanas: da pólis grega à metrópole contemporânea**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

SITTE, Camillo. **A Construção das Cidades: segundo seus princípios artísticos**. São Paulo: Editora Ática, 1992, p. 100.

SUDAM. **Plano Urbanístico de Barcarena**. São Paulo: Guedes e Associados, 1980b, vol. 2.

TRINDADE JR; ROCHA. **Cidade Empresa na Amazônia: gestão do território e desenvolvimento local**. Org. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Jr.. Gilberto de Miranda Rocha. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SOBRE O AUTOR

SEBASTIÃO DE JESUS CARDOSO - é professor de Artes Visuais na Secretaria de Estado da Educação do Pará (SEDUC-PA) e na Secretaria Municipal de Educação de Barcarena (SEMED). É licenciado em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas, pela Universidade Federal do Pará (UFPA), e possui mestrado em Artes pela mesma instituição. Atualmente, dedica-se a pesquisas que cruzam filosofia e artes visuais, buscando desenvolver uma abordagem teórico-prática para elucidar seu conceito de "entontecido" em relação às obras de arte. É um leitor ávido e crítico, sempre atento às nuances da luz e da sombra na contemporaneidade. Nos momentos de ócio criativo, se expressa como desenhista e pintor, além de se considerar um livre pensador.

BARCARENA
CIDADE-OBRA

cartografia de uma cidade entontecida

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2024

BARCARENA

CIDADE-OBRA

cartografia de uma cidade entontecida

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2024